

Pesquisa sobre atitudes, normas culturais e valores em relação a violência em 10 capitais brasileiras.

Introdução

A violência urbana, em especial a violência fatal, vem crescendo em todos os centros urbanos do Brasil mas principalmente nas regiões metropolitanas do Rio de Janeiro e de São Paulo. Em 1997 o Brasil¹ superou o número de 40.000 homicídios sendo que desses 38,8% ocorreram nas duas regiões metropolitanas: São Paulo e Rio de Janeiro. O crescimento dessa violência ocorre, então de modo heterogêneo se concentrando mais em algumas regiões metropolitanas sendo Vitória e Recife duas outras regiões que se destacam.

Que a distribuição dos homicídios não se dá de modo homogêneo entre centros urbanos e menos ainda dentro desses centros mas se concentra em algumas áreas e dentro dessas áreas também ocorrem em apenas alguns bairros, é um fato já identificado em outros países que vivem e que viveram um forte crescimento da violência nas últimas décadas (Estados Unidos, Colômbia, Venezuela, México). Nos Estados Unidos o número de cidades envolvidas é maior do que o que ocorre na América Latina, onde tende a haver uma concentração dos homicídios principalmente em determinadas regiões com problemas muito específicos- no México tem-se a capital federal e as cidades fronteiriças com os Estados Unidos, em razão do narcotráfico; na Colômbia são várias as cidades afetadas e até mesmo as áreas rurais (conseqüência das ações do narcotráfico, da guerrilha, dos paramilitares, e do exército colombiano) e na Venezuela o grande foco de crescimento da violência se dá em Caracas associado a forte crise econômica no país. No Brasil, dado que há um maior número de grandes centros urbanos, é de se esperar que haja uma maior distribuição do problema. Porém, a concentração dos homicídios em 4 regiões metropolitanas sugere que haja problemas específicos dessas regiões que estão alimentando o crescimento dessa violência.

Torna-se necessário um diagnóstico mais preciso sobre quais as causas desse crescimento para que se possam traçar políticas de intervenção mais adequadas. O survey sobre as atitudes, os valores, as normas culturais e comportamentos em relação a violência tem como objetivo ser um primeiro passo no delineamento desse diagnóstico mais refinado sobre as causas do crescimento da violência fatal. Parte da justificativa para essa abordagem está na ausência de indignação generalizada contra o crescimento da violência. Observa-se que há, com maior freqüência, indignação contra o crescimento da criminalidade violenta do que como o crescimento dos homicídios que vitimam, em sua grande maioria, jovens do sexo masculino, moradores dos bairros mais pobres. Essa ausência de indignação pode ser conseqüência de vários fatores: pode indicar a existência de uma normalização ou aceitação da violência interpessoal desde que praticada contra o que se imagina sejam determinados "tipos de pessoas", ou para resolver determinados tipos de disputa (por exemplo, do tráfico).

A inexistência de indignação resulta em que não se tem uma pressão social organizada para que esse problema seja enfrentado em suas raízes. Ao contrário a pressão que surge é ocasional, fragmentada, alimentada por uma indignação muito forte mas de curta duração que segue a algum episódio de violência que chame a atenção da mídia e que envolvem pessoas que evoquem uma sensação de identidade entre as vítimas e a audiência da mídia. Nesses eventos a indignação gerada tende a ser aquela que alimenta demandas por justiça rápida o que com freqüência traz a reboque um roteiro de medidas que podem até implicar em graves violações de direitos humanos. O pressuposto dessa pesquisa é de que a violência não se explicaria apenas a partir da presença de variáveis estruturais: pobreza, desemprego, carência em vários níveis, mal funcionamento do sistema de justiça criminal, presença de álcool ou drogas na sociedade mas também que haja um conjunto de valores e de normas que permitam que comportamentos violentos ocorram. Assim, a violência tem múltiplas causas sendo que o valores e normas socialmente compartilhados são parte desse modelo de causalidade.

¹ Dados dos DATASUS (Ministério da Saúde)

O survey abrangeu 10 capitais brasileiras: Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Recife, Belém, Manaus, Porto Velho, e Goiânia. Foram entrevistadas 1600 pessoas com 16 anos ou mais, com diferentes graus de escolaridade e condições econômicas. A esses entrevistados foi aplicado um questionário com perguntas fechadas (escalas de atitudes) e algumas perguntas abertas (sobre o Programa Nacional de Direitos Humanos e sobre a Secretaria Nacional de Direitos Humanos).

A elaboração do questionário exigiu uma ampla revisão da literatura sobre o papel das atitudes, normas e valores culturais sobre o comportamento e as relações entre esses e a violência. Essa revisão abrangeu os fatores culturais que tendem a estar associados a violência tais como as teorias sobre o impacto da cultura da honra (Cohen e Nisbett, 1996) sobre a violência, a exposição a violência (Hinton-Nelson et al, 1996), as causas que são atribuídas a violência as "teorias" do senso comum (Everett et al, 1995), as consequências da exposição a violência (Singer, 1995)- os tipos de violência que são percebidos como justos uso da punição corporal, por fim, a relação entre a avaliação das instituições encarregadas de aplicar as leis- o judiciário e as polícias e a credibilidade dessas instituições para deter a violência (Tyler & Degoey, 1995). Foram utilizados também dados da pesquisa APTIVA realizada em 1997, em 8 cidades latino americanas pela Organização Pan Americana de Saúde, sobre normas e valores em relação a violência.

Os resultados

Os dados foram coletados entre fins de março e começo de abril de 1999. Os dados coletados permitem vários cruzamentos: por faixa etária, por sexo, por grau de escolaridade, religião, tipo de renda familiar, tempo de moradia na cidade e (se migrante) estado de origem, e raça. Para São Paulo e Rio de Janeiro pode-se efetuar cruzamentos mais refinados, pois as sub-amostras são maiores; 500 entrevistados em São Paulo e 300 no Rio de Janeiro. Já nas outras cidades temos que tratar os dados de modo agregado, dado ao tamanho das amostras locais (100 entrevistados por cidade). Além disso os dados podem ser tratados segundo o recorte dos padrões de respostas: por exemplo, pode-se aplicar uma análise de regressão nos dados para identificar a relação entre o exposição a violência e o apoio a certos tipos de violência.

Para fins desse relatório os resultados estão sendo apresentados segundo dois tipos de recorte: por cidades e por faixas etárias. Isso se deve a necessidade de mais tempo, do que o originalmente estimado, para o tratamento estatístico mais refinado e ao que entendemos deve ser a prioridade da Secretaria Nacional de Direitos Humanos- ter uma visão ampla do cenário nas diferentes cidades e junto aos diferentes grupos etários para delinear programas de comunicação.

A Percepção da Violência

A violência é percebida como um fenômeno que cresce em todas as cidades pesquisadas e junto a todos os grupos etários considerados. Esse crescimento é ainda mais consensual junto às pessoas mais idosas, e em algumas cidades. Goiânia, Porto Alegre, São Paulo e Recife, são as cidades onde há mais consenso sobre o aumento da violência, seguidas de Belo Horizonte, Manaus, Salvador e Belém. Rio de Janeiro e Porto Velho são as cidades com menor consenso sobre o crescimento da violência (entre 85% e 88%) e isso se deve ao percentual de entrevistados que acham que a violência não cresceu nem diminuiu mas seria sempre a mesma.

Quadro 1- Percepção da Violência por faixa etária

As pessoas têm diferentes opiniões sobre a violência.

O que o(a) sr(a), pessoalmente, acha que vem acontecendo ultimamente

| Brasil | IDADE | | | | |
|---------------------|-------|-------|-------|-------|-----------|
| | TOTAL | 16-24 | 25-34 | 35-49 | 50 e mais |
| | % | % | % | % | % |
| Vem crescendo | 93 | 91 | 92 | 91 | 97 |
| Não cresceu, e spre | | | | | |
| A mesma | 5 | 7 | 7 | 6 | 2 |
| Diminiu | 1 | 2 | 1 | 1 | 1 |

Quadro 1a- Percepção da Violência por cidade

| | TOTAL | POA | SAO | RIO | BH | SALV | REC | BEL | MAN | P.VEL | GOIA |
|-----------------------------|-------|-----|-----|-----|----|------|-----|-----|-----|-------|------|
| | % | % | % | % | % | % | % | % | % | % | % |
| Vem crescendo | 93 | 97 | 95 | 88 | 94 | 90 | 95 | 90 | 91 | 85 | 98 |
| Não cresceu, e spre a mesma | 5 | 1 | 5 | 9 | 4 | 4 | 5 | 7 | 8 | 11 | 0 |
| Diminui | 1 | 1 | 0 | 2 | 2 | 3 | 0 | 0 | 2 | 1 | 1 |

Essa violência que cresce, afeta principalmente a vida nas cidades. As pessoas, em geral, percebem a vida da família e a vida dentro do bairro como sendo menos afetadas pela violência. O aspecto mais afetado pela violência seria aquele da convivência mais impessoal e anônima do espaço público da cidade (quadros 2 e 2^a Impacto da Violência). Esse padrão apresenta pequenas variações por cidade: há mais percepção de forte impacto da violência sobre a vida da cidade em São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Porto Velho e Goiânia do que em Manaus. Se a vida familiar e no bairro não são percebidas como tão afetadas pela violência como a vida na cidade isso também não é homogêneo: 1/3 dos entrevistados em Salvador e em Recife e 1/4 daqueles no Rio de Janeiro, Porto Alegre e Belo Horizonte acham que a vida do bairro é muito atingida pela violência. Essa diferença pode estar refletindo uma desigualdade na distribuição da violência dentro dessas cidades.

Quadro 2-Impacto da violência por faixa etária

Hoje em dia os jornais, o rádio e a televisão falam muito sobre a violência.

Qual é o impacto dessa violência

| Brasil | IDADE | | | | |
|-----------------|------------|------------|------------|------------|------------|
| | TOTAL | 16-24 | 25-34 | 35-49 | 50 e mais |
| | mtto gde % | mtto gde % | mtto gde % | mtto gde % | mtto gde % |
| Na sua família? | 17 | 16 | 15 | 19 | 20 |
| No seu bairro? | 23 | 27 | 24 | 22 | 21 |
| Na sua cidade? | 55 | 53 | 51 | 60 | 54 |

Quadro 2^a Impacto da violência por cidade

Hoje em dia os jornais, o rádio e a televisão falam muito sobre a violência.

Como o sr. diria que é o impacto dessa violência

| | TOTAL | Cidades | | | | | | | | | |
|-----------------|------------|---------|-----|-----|----|------|-----|-----|-----|-------|------|
| | mtto gde % | POA | SAO | RIO | BH | SALV | REC | BEL | MAN | P.VEL | GOIA |
| Na sua família? | 17 | 20 | 13 | 24 | 24 | 20 | 24 | 7 | 16 | 5 | 6 |
| No seu bairro? | 23 | 26 | 19 | 28 | 24 | 31 | 34 | 18 | 15 | 9 | 17 |
| Na sua cidade? | 55 | 49 | 57 | 57 | 46 | 59 | 58 | 42 | 28 | 66 | 76 |

Quanto as diferenças no perfil dos entrevistados observamos que os mais jovens tendem a perceber mais impacto da violência sobre o bairro do que os mais idosos que, por sua vez parecem estar mais sensibilizados para o impacto dessa violência sobre a família. Assim apesar da percepção quase unânime de crescimento da violência as conseqüências desse crescimento, em termos do impacto que ela provoca, não são avaliadas de modo uniforme. Moradores de cidades como Recife, onde a violência fatal vem crescendo muito nos últimos anos, aparentam sentir os efeitos dessa violência de modo mais intenso e afetando a vida pública e privada do que moradores de outras cidades que também testemunham crescimento. Os dados de Goiânia, onde 76% dos entrevistados dizem que há um impacto "muito grande" da violência sobre a vida na cidade, não parecem sentir que isso contamine a vida no bairro ou em família. Aqui é possível que as respostas dos entrevistados estejam refletindo os efeitos do seqüestro que mobilizou Goiânia no final do ano passado até meados de março.

A exposição a violência

Medir a exposição da população a violência é essencial para que possamos entender quais são os determinantes, a longo prazo, dos comportamentos de apoio a medidas violentas para conter a violência e de atos delinqüenciais. A exposição a violência é definida como aquelas experiências de vitimização direta e indireta. Vitimização indireta refere-se a violência que se assiste, aquela na qual a pessoa testemunha a violência ou os casos que envolvem parentes ou amigos próximos e que ouvem falar. A literatura mostra que quando essa violência, que a violência que tem mais impacto é aquela que ocorre mais próximo das pessoas: com elas mesmas ou com seus parentes e amigos. Estar mais ou menos exposto a violência não é um evento neutro na vida das pessoas mas descreve não só diferenças de padrão de qualidade de vida mas também de novos riscos de vitimização. Novamente a literatura tem demonstrado que o risco de vitimização não está distribuído de igual modo dentro da cidade mas que certas áreas são mais afetadas e dentro dessas áreas algumas pessoas são mais vitimadas.

A vitimização direta

Nesse survey procuramos medir a exposição dos entrevistados a violência em três contextos: nas proximidades da casa- no bairro; do local de trabalho (para quem trabalha) e da escola (para quem estuda). Procurou-se ainda identificar se a violência envolvia o próprio respondente ou um parente e no caso de jovens se esses conheciam outros jovens, amigos ou conhecidos, que haviam tido aquelas experiências e em qual papel: vítima ou perpetrador.

A maioria dos entrevistados sofreu algum tipo de violência nos últimos 12 meses ou ainda assistiu ou ouviu falar de alguém próximo que testemunhou esses eventos. O grau de seriedade da violência varia mas dois padrões são recorrentes; os mais jovens são os mais vitimados direta ou indiretamente e a violência mais grave e aquela mais freqüente tende a ocorrer nas proximidades da casa (quadro 3^a - vitimização no trabalho, 3b- vitimização na escola; 3c por grupo de consumo e raça e 3d e f, idem por cidade).

Quadro 3- Vitimização nos últimos 12 meses por faixa etária

Agora eu vou citar uma série de situações que podem acontecer na vida das pessoas.

Por favor pense sobre o que aconteceu nos últimos doze meses para responder às perguntas

E me diga se nesses meses cada uma destas coisas aconteceram ou não com o(a) sr(a):

| Brasil | IDADE | | | | |
|--|-------|-------|-------|-------|-----------|
| | TOTAL | 16-24 | 25-34 | 35-49 | 50 e mais |
| NO SEU BAIRRO | % | % | % | % | % |
| N=1600 | | | | | |
| Alguém o agrediu com palavras de baixo calão | 19 | 29 | 20 | 16 | 12 |
| Alguém lhe ofereceu drogas | 8 | 17 | 7 | 5 | 0 |
| Alguém o(a) ameaçou com um revólver para roubar algo seu | 6 | 8 | 6 | 4 | 6 |
| O(a) sr(a) sofreu alguma agressão física (tapa, soco, pontapé, etc.) | 6 | 12 | 6 | 4 | 2 |
| Sentiu necessidade de andar armado | 6 | 9 | 6 | 7 | 2 |
| Alguém o ameaçou com uma faca para roubar algo seu | 4 | 7 | 5 | 3 | 2 |
| O(a) sr(a) mudou de casa por medo ou ameaça de violência | 3 | 5 | 4 | 2 | 1 |
| Alguém lhe pediu para procurar drogas | 3 | 8 | 3 | 1 | 0 |
| O(a) sr(a) foi ferido por arma de fogo, como revolver. | 1 | 2 | 1 | 0 | 0 |
| O(a) sr(a) sofreu algum tipo de agressão ou maltrato policial | 3 | 7 | 2 | 3 | 1 |
| Algum policial/ autoridade o ameaçou para tirar-lhe algum dinheiro | 3 | 3 | 4 | 2 | 3 |
| O(a) sr(a) ou algum parente próximo foi ameaçado de morte | 9 | 16 | 11 | 8 | 3 |
| Algum parente próximo foi ferido por arma de fogo ou faca | 5 | 8 | 5 | 4 | 3 |
| Algum parente próximo foi assassinado. | 4 | 7 | 5 | 3 | 2 |
| Algum parente próximo foi seqüestrado | 1 | 1 | 1 | 0 | 1 |

Esse padrão de exposição a violência nos revela que 10% dos entrevistados foram vítimas de roubo (ameaçados com armas de fogo ou com faca), 6% foram vítimas de lesão corporal, 5% tiveram um parente ferido, 4% tiveram um parente assassinado, e 1% foram feridos por arma de fogo. Os mais jovens foram mais vitimados em todos esses itens: 15% foram roubados (com uso de arma de fogo ou faca), 12% sofreram agressão física grave, 8% tiveram um parente ferido por arma de fogo ou faca e 7% tiveram um parente assassinado. Eles são também mais expostos a insultos verbais- 29% enquanto 19% do total sofre esse tipo de agressão e são ainda duplamente mais expostos a drogas do que os outros grupos etários- 17% receberam ofertas de drogas (contra 8% do total) e 8% foram solicitados a procurarem drogas (3% do total).

Sendo mais vitimados não surpreende que os jovens seja o grupo que mais sentiu necessidade de andar armado (9%) e que teve mais experiências negativas com policiais nos últimos 12 meses: 7% deles relataram terem sofrido agressões ou maus tratos por policiais.

Quando comparamos esses resultados, com aqueles da pesquisa APTIVA (1997), observamos pequenas variações: os dados da APTIVA se referem ao Rio de Janeiro e os seus resultados seguem, em linhas gerais, o observado aqui. Dentre esses respondentes 6,4% foram vítima de roubos, 4,5% tiveram um parente assassinado e 1,1% foram feridos por faca ou por arma de fogo e por facas. Esses números são inferiores aos coletados em Cali, Caracas, Mendellin e a San Salvador, mas o padrão de vitimização, observado para os mais jovens, se mantém. Pesquisa longitudinal, em Chicago, financiada pelo National Institute of Justice e envolvendo vários bairros mostra que também é no bairro (que se superpõe em geral ao local da escola) que a maioria das agressões ocorrem e que entre as pessoas entrevistadas 31% sofreram agressão física, 15% foram roubados e 14% já haviam sofrido agressão sexual e 8% foram vítima de ferimento a bala. Singer et al (1995) pesquisando a exposição de jovens a violência na escola, na vizinhança da casa e dentro da casa, em Denver e em Cleveland, verificaram que os jovens do sexo masculino sofrem mais violência física e as do sexo feminino mais violência

sexual. Para as jovens a casa é o lugar mais perigoso enquanto para os rapazes os lugares mais perigosos são a escola seguida da vizinhança. Entre 37,5 e 42,9% foram ameaçados na escola, entre 30,5% e 40,9% foram agredidos a socos na escola e entre 9 e 10% roubados na escola. Além disso entre 16 e 14% foram atacados com faca e um número surpreendente havia levado um tiro: 28,3 % em Denver e 33,4% em Cleveland.

A vitimização direta dos entrevistados, nesse survey, parece seguir o padrão identificado em outras pesquisas e em especial o padrão experimentado pelo grupo mais jovem se aproxima mais daquele de cidades latino americanas que se destacam pelos problemas de criminalidade violenta. Paradoxalmente esse padrão parece ser inferior ao vivido por jovens (e até mesmo) adultos em cidades dos Estados Unidos ao menos no período anterior a grande queda nos índices de violência, pois as pesquisas relatadas se referem ao período anterior a 1995. Ainda assim essa diferença entre as taxas de vitimização americanas e as obtidas no survey, chamam atenção pelo fato de que, mesmo no auge da guerra do crack nos grandes centros urbanos dos Estados Unidos, o número de homicídios e a taxa de homicídios por cidade e por grupo etário não atingiu as taxas latino-americanas e em particular as brasileiras.

A vitimização identificada no survey também segue o padrão norte-americano no que se refere ao local da vitimização: o bairro. As pesquisas americanas mostram que a maioria das pessoas é vítimas de roubos e furtos nas proximidades de seu local de residência. Essas pesquisas (Sampson, 1985) também mostram ainda que viver em áreas de altas taxas de criminalidade objetivamente aumenta o risco de vitimização.

Quadro 3^a - Vitimização na proximidade do local de trabalho X faixa etária

Agora eu vou citar uma série de situações que podem acontecer na vida das pessoas.

Por favor pense sobre o que aconteceu nos últimos doze meses para responder às perguntas

e me diga se nesses meses cada uma destas coisas aconteceram ou não com o(a) sr(a):

| NO TRABALHO | Brasil | TOTAL | 16-24 | 25-34 | 35-49 | 50 e mais |
|---|---------------|--------------|--------------|--------------|--------------|----------------------|
| | | % | % | % | % | % |
| N=936 | | | | | | |
| Alguém o agrediu com palavras de baixo calão | | 12 | 13 | 14 | 10 | 12 |
| Alguém o(a) ameaçou com um revólver para roubar algo seu | | 7 | 6 | 7 | 7 | 10 |
| Sentiu necessidade de andar armado | | 5 | 3 | 5 | 5 | 5 |
| Alguém o ameaçou com uma faca para roubar algo seu | | 2 | 1 | 2 | 2 | 4 |
| Alguém lhe ofereceu drogas | | 2 | 4 | 3 | 1 | 0 |
| O(a) sr(a) sofreu alguma agressão física (tapa, soco, pontapé, etc.) | | 2 | 2 | 3 | 2 | 0 |
| O(a) sr(a) mudou de casa por medo ou ameaça de violência | | 1 | 1 | 0 | 1 | 0 |
| Alguém lhe pediu para procurar drogas | | 1 | 1 | 1 | 1 | 0 |
| O(a) sr(a) foi ferido por arma de fogo, como revolver. | | 0 | 1 | 1 | 0 | 0 |
| Algun policial ou autoridade o ameaçou para tirar-lhe algum dinheiro | | 2 | 1 | 3 | 3 | 1 |
| O(a) sr(a) sofreu algum tipo de agressão ou maltrato policial | | 1 | 1 | 0 | 2 | 1 |
| O(a) sr(a) ou algum parente próximo foi ameaçado de morte | | 2 | 1 | 0 | 4 | 0 |
| Nesse mesmo período algum parente próximo foi ferido por arma de fogo ou faca | | 1 | 2 | 1 | 2 | 0 |
| Algun parente próximo foi assassinado. | | 1 | 1 | 0 | 1 | 0 |
| Algun parente próximo foi seqüestrado | | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |

Quadro 3^b - Vitimização na escola e em suas proximidades X faixa etária

Brasil

| NA SUA ESCOLA (N=240) | TOTA L | 16-24 | 25-34 | 35-49 | 50 e mais |
|---|-----------|-------|-------|-------|--------------|
| Alguém o agrediu com palavras de baixo calão | 14 | 17 | 0 | 0 | 0 |
| Alguém lhe ofereceu drogas | 10 | 12 | 0 | 6 | 0 |
| O(a) sr(a) sofreu alguma agressão física (tapa, soco, pontapé, etc.) | 5 | 6 | 0 | 0 | 0 |
| Sentiu necessidade de andar armado | 4 | 5 | 0 | 0 | 0 |
| Alguém o ameaçou com uma faca para roubar algo seu | 4 | 5 | 0 | 0 | 0 |
| Alguém lhe pediu para procurar drogas | 2 | 3 | 0 | 0 | 0 |
| Alguém o(a) ameaçou com um revólver para roubar algo seu | 2 | 3 | 0 | 0 | 0 |
| O(a) sr(a) mudou de casa por medo ou ameaça de violência | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 |
| O(a) sr(a) foi ferido por arma de fogo, como revolver. | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| O(a) sr(a) sofreu algum tipo de agressão ou maltrato policial | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 |
| Algum policial ou autoridade o ameaçou para tirar-lhe algum dinheiro | 0 | 0 | 2 | 0 | 0 |
| Algum parente próximo foi assassinado. | 2 | 2 | 0 | 0 | 0 |
| O(a) sr(a) ou algum parente próximo foi ameaçado de morte | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 |
| Nesse mesmo período algum parente próximo foi ferido por arma de fogo ou faca | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 |
| Algum parente próximo foi seqüestrado | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |

A experiência de vitimização direta não é uniforme pelas cidades estudadas. Os crimes violentos com grave ameaça a integridade física dos entrevistados: o roubo a mão armada e os ferimentos por arma de fogo e foram mais freqüentes em Porto Velho, Recife e Goiânia; a agressão corporal foi mais comum em Salvador, Belém e Goiânia. A exposição a drogas: a oferta e a solicitação de drogas são mais mencionadas em Belo Horizonte, Goiânia, Porto Alegre e Belém. Há alguma diferença também no que se refere a vitimização de parentes: ameaça de morte a parentes foram mais freqüentes em Porto Velho, Belém, e Porto Alegre, ferimentos por armas de fogo ou faca ocorreram mais em Manaus, Porto Velho e Salvador e o assassinato de parentes em Porto Velho, Belém, Manaus e Salvador. O seqüestro de parentes mais freqüente em Belo Horizonte. Por fim, experiências negativas com autoridades policiais ocorreram em Salvador, Belém, Manaus e no Rio de Janeiro.

Esse tipo de vitimização justificaria que os moradores dessas cidades percebam que a violência tem impacto sobre a sua cidade e sobre a sua família e mais até que sentissem mais necessidade de tomar medidas para aumentarem a sensação de segurança. Mas isso não parece ser o que ocorre. Em Porto Velho apesar da maior vitimização, os entrevistados parecem estar acostumados com a violência, pois é o grupo que mais avalia a violência local como nem crescendo, nem diminuindo- sendo sempre a mesma e não parecem se sentir mais ameaçados: quer em termos de uso de armas quer em termos de estarem mais dispostos a mudar de casa do que os entrevistados de outras cidades. Já em Belém a maior freqüência de respostas (14%) "sentiu necessidade de andar armado" poderia ser consequência da maior vitimização. O mesmo parece ocorrer em Manaus. Porém, chama atenção ao fato de que em Belo Horizonte, onde a vitimização segue a média das cidades, haja uma maior sensação de insegurança expressa no maior número de pessoas que sentiu necessidade de andar armada ou que até mudou de casa. Aparentemente essa insegurança também não decorre de terem sofrido mais experiência negativa com a polícia, ao contrário, é uma das cidades onde há menos relato desse tipo de problema. Isso parece sugerir que outros fatores intervêm na sensação de segurança além da vitimização efetiva, é possível que o tipo de vitimização seja tão importante quanto a freqüência dela. Belo Horizonte se destaca pela maior freqüência de o seqüestro de parentes, esse tipo de experiência, tendo uma carga de ameaça de dano, físico, psicológico, moral e financeiro muito intenso pode alimentar mais sensação de medo e insegurança do que as taxas de criminalidade e de vitimização permitiriam prever.

Esses dados sugerem que a sensação de segurança ou de insegurança não deriva apenas da experiência objetiva mas que outros fatores intervêm, entre eles o tipo de violência que assistem e sobre o qual comentam com amigos.

Quadro 3c- Vitimização nos últimos 12 meses por cidade

Por favor pense sobre o que aconteceu nos últimos doze meses para responder às perguntas e me diga se nesses meses cada uma destas coisas aconteceram ou não com o(a) sr(a):

| | POA SAO RIO BH SAL REC BEL MAN P.VE GOIA | | | | | | | | | | |
|--|--|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|
| | TOTA | | | | | | | | | | |
| NO SEU BAIRRO | % | % | % | % | % | % | % | % | % | % | % |
| N=1600 | | | | | | | | | | | |
| Alguém o agrediu com palavras de baixo calão | 19 | 19 | 20 | 18 | 17 | 18 | 25 | 21 | 21 | 32 | 17 |
| Alguém o(a) ameaçou com um revólver para roubar algo seu | 6 | 7 | 7 | 3 | 5 | 5 | 9 | 6 | 7 | 10 | 6 |
| Alguém o ameaçou com uma faca para roubar algo seu | 4 | 7 | 3 | 2 | 4 | 7 | 6 | 5 | 11 | 3 | 7 |
| O(a) sr(a) sofreu alguma agressão física (tapa, soco, pontapé, etc.) | 6 | 9 | 4 | 3 | 7 | 11 | 7 | 12 | 8 | 8 | 12 |
| O(a) sr(a) foi ferido por arma de fogo, como revolver. | 1 | 0 | 0 | 0 | 1 | 1 | 2 | 0 | 2 | 0 | 2 |
| O(a) sr(a) ou algum parente próximo foi ameaçado de morte | 9 | 12 | 10 | 7 | 10 | 11 | 8 | 14 | 10 | 18 | 7 |
| Algum parente próximo foi ferido por arma de fogo ou faca | 5 | 2 | 3 | 6 | 4 | 10 | 4 | 8 | 11 | 11 | 7 |
| Algum parente próximo foi assassinado. | 4 | 4 | 4 | 4 | 2 | 5 | 2 | 7 | 6 | 10 | 2 |
| Algum parente próximo foi seqüestrado | 1 | 1 | 1 | 0 | 3 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Alguém lhe ofereceu drogas | 8 | 13 | 7 | 6 | 11 | 7 | 9 | 7 | 5 | 5 | 12 |
| Alguém lhe pediu para procurar drogas | 3 | 3 | 3 | 1 | 3 | 2 | 3 | 5 | 4 | 3 | 5 |
| Sentiu necessidade de andar armado | 6 | 8 | 4 | 5 | 12 | 7 | 6 | 14 | 11 | 9 | 6 |
| O(a) sr(a) mudou de casa por medo ou ameaça de violência | 3 | 0 | 3 | 2 | 6 | 3 | 2 | 1 | 4 | 2 | 4 |
| O(a) sr(a) sofreu algum tipo de agressão ou maltrato policial | 3 | 3 | 3 | 4 | 3 | 5 | 2 | 3 | 3 | 2 | 4 |
| Algum policial/ autoridade o ameaçou para tirar-lhe algum dinheiro | 3 | 1 | 2 | 4 | 3 | 4 | 3 | 6 | 5 | 2 | 2 |

A vitimização indireta

Há mais vitimização indireta do que direta, o que também é algo esperado. A maioria dos entrevistados assistiu nos últimos 12 meses a algum tipo de comportamento delituoso ou de violência sendo a mais freqüente alguém consumindo drogas em público. Assim como a vitimização direta são os mais jovens os que mais relatam terem testemunhado todos os tipos de delitos ou violência. Em termos de crimes violentos o mais testemunhado foi a agressão corporal (35%), o roubo a mão armada (21%), alguém puxar uma arma para outra pessoa (21%), alguém levar um tiro (14%), além disso 13% testemunharam um assassinato, 11% viram um corpo de alguém que foi vítima de assassinato e 7% viram alguém ser esfaqueado.

Quadro 4- Exposição a violência- testemunhar casos por faixa etária

E nos últimos 12 meses o sr/sra. Assistiu

| Alguém: | TOTAL | 16-24 | 25-34 | 35-49 | 50 e mais |
|----------------------------|-------|-------|-------|-------|-----------|
| | % | % | % | % | % |
| Puxando fumo/usando drogas | 52 | 68 | 57 | 51 | 32 |
| ser agredido fisicamente | 35 | 52 | 38 | 29 | 19 |
| Vendendo/comprando drogas | 30 | 42 | 35 | 27 | 18 |
| sendo preso | 27 | 34 | 29 | 26 | 19 |
| ter casa arrombada | 22 | 25 | 24 | 21 | 17 |
| ser roubado a mão armada | 21 | 28 | 22 | 19 | 17 |
| puxar uma arma para outro | 21 | 29 | 25 | 18 | 12 |
| levar um tiro | 14 | 19 | 15 | 13 | 7 |
| ser morto | 13 | 18 | 16 | 12 | 8 |
| foi assassinado | 11 | 14 | 13 | 10 | 7 |
| ser esfaqueado | 7 | 9 | 8 | 6 | 5 |
| ser seqüestrado | 2 | 3 | 4 | 1 | 1 |

Além dos mais jovens relatarem, em geral, o dobro dos casos de testemunho de violência testemunhada por grupos mais idosos, há também sensíveis diferenças entre cidades: em Recife, Salvador e Goiânia há muito mais relato de testemunho de violência, em especial aquela que fatal ou que causou ferimentos a alguém do que nas outras cidades.

O padrão de assistir a violência é semelhante ao padrão da violência que vitima. Os crimes violentos são mais testemunhados naquelas cidades onde também há mais relato de vitimização naquele tipo de delito: assim se os roubos a mão armada são mais citados em Recife é também lá que eles são mais testemunhados; ferimentos por arma são mais relatados em Recife, Salvador e Goiânia e é nessas cidades que mais se assistiu tais ocorrências; a venda e o consumo de drogas foram mais testemunhados nas cidades onde também há mais menção de sua oferta ou solicitação- Porto Alegre e Belo Horizonte. Chama a atenção a frequência de relato de testemunhar seqüestro em Recife onde 9% dos entrevistados disse ter assistido "alguém ser seqüestrado".

Quadro 4a - Exposição a violência- testemunhar casos por cidade

P23. E nos últimos 12 meses o(a) sr(a) assistiu ou não alguma das seguintes situações:

| Alguém: | TOTAL | POA | SAO | RIO | BH | SALV | REC | BEL | MAN | P.VEL | GOIA |
|----------------------------|-------|-----|-----|-----|----|------|-----|-----|-----|-------|------|
| | % | % | % | % | % | % | % | % | % | % | % |
| puxando fumo/usando drogas | 52 | 68 | 52 | 54 | 55 | 53 | 60 | 42 | 27 | 39 | 54 |
| ser agredido fisicamente | 35 | 40 | 30 | 32 | 28 | 47 | 50 | 43 | 41 | 35 | 38 |
| Vendendo/comprando drogas | 30 | 40 | 32 | 31 | 27 | 31 | 36 | 25 | 16 | 29 | 21 |
| sendo preso | 27 | 32 | 21 | 22 | 31 | 42 | 37 | 47 | 27 | 25 | 39 |
| ter casa arrombada | 22 | 34 | 17 | 13 | 22 | 36 | 38 | 22 | 25 | 15 | 45 |
| ser roubado a mão armada | 21 | 15 | 22 | 21 | 18 | 24 | 35 | 19 | 15 | 17 | 23 |
| puxar uma arma para outro | 21 | 22 | 19 | 20 | 12 | 32 | 32 | 22 | 18 | 16 | 23 |
| levar um tiro | 14 | 13 | 11 | 13 | 6 | 24 | 31 | 10 | 11 | 10 | 22 |
| ser morto | 13 | 12 | 11 | 15 | 8 | 21 | 25 | 16 | 10 | 5 | 17 |
| foi assassinado | 11 | 10 | 8 | 12 | 3 | 21 | 24 | 12 | 11 | 3 | 14 |
| ser esfaqueado | 7 | 8 | 6 | 4 | 4 | 9 | 18 | 11 | 11 | 8 | 16 |
| ser seqüestrado | 2 | 1 | 1 | 2 | 1 | 5 | 9 | 3 | 1 | 0 | 1 |

A exposição a violência também se dá através do conhecimento de que alguém próximo assistiu a tais episódios. Esse tipo de exposição é menos freqüente, porém importante, pois serve para confirmar para quem é vítima ou para quem assiste a esses eventos que eles não são tão ocasionais. Os mais jovens são, de novo, os que mais relatam conhecerem alguém que testemunhou atos violentos.

Quadro 4b- Exposição a violência- conhece pessoas que assistiram casos por faixa etária

P23a. E nos últimos 12 meses o(a) sr(a) assistiu ou não alguma das seguintes situações:

Soube q. aconteceu c/pes. prox.

| Alguém: | TOTA | 16-24 | 25-34 | 35-49 | 50 e |
|----------------------------|--------|-------|-------|-------|-----------|
| | L % | % | % | % | mais % |
| ser roubado a mão armada | 24 | 27 | 26 | 25 | 17 |
| ter casa arrombada | 18 | 20 | 17 | 20 | 15 |
| ser morto | 13 | 17 | 16 | 10 | 8 |
| levar um tiro | 12 | 15 | 15 | 12 | 6 |
| foi assassinado | 12 | 16 | 15 | 10 | 8 |
| ser agredido fisicamente | 11 | 11 | 12 | 12 | 7 |
| puxar uma arma para outro | 9 | 10 | 11 | 10 | 4 |
| puxando fumo/usando drogas | 8 | 10 | 8 | 7 | 8 |
| Vendendo/comprando drogas | 8 | 10 | 9 | 7 | 7 |
| sendo preso | 8 | 13 | 9 | 5 | 4 |
| ser esfaqueado | 8 | 12 | 9 | 7 | 4 |
| ser seqüestrado | 5 | 8 | 6 | 4 | 3 |

As diferenças entre cidades se repetem com Recife sendo a cidade onde as pessoas mais relatam conhecerem outras que testemunharam atos violentos seguida de Belo Horizonte, Porto Velho e Rio de Janeiro. Em Recife e Porto Velho as maiores freqüências de ouvirem falar sobre os delitos é congruente com o padrão de vitimização direta e de testemunho relatados pelos entrevistados. O mesmo não ocorre em Belo Horizonte onde a maior freqüência de ouvirem falar de atos violentos pode estar refletindo uma maior preocupação/sensibilidade dos moradores com esse tema. Se os moradores de Belo Horizonte estão mais preocupados com o crescimento da violência, se falam mais com outras pessoas sobre esse tema podem estar mais temerosos e avaliando o risco de serem vítima de modo desproporcional ao risco efetivo. Se isso for verdade explicaria porque tem sentindo mais necessidade de andarem armados do que moradores em cidades que apresentam riscos efetivos maiores do que aquele de sua cidade.

Quadro 4c- Exposição a violência- conhece pessoas que assistiram casos por cidade

Soube q. aconteceu c/pes/prox.

| Alguém: | TOTA | POA | SAO | RIO | BH | SALV | REC | BEL | MAN | P.VEL | GOIA |
|----------------------------|--------|-----|-----|-----|----|------|-----|-----|-----|-------|------|
| | L % | % | % | % | % | % | % | % | % | % | % |
| ser roubado a mão armada | 24 | 23 | 22 | 29 | 33 | 16 | 30 | 20 | 14 | 26 | 13 |
| ter casa arrombada | 18 | 27 | 14 | 22 | 27 | 14 | 21 | 24 | 7 | 25 | 10 |
| ser morto | 13 | 12 | 7 | 17 | 20 | 13 | 28 | 13 | 13 | 14 | 2 |
| levar um tiro | 12 | 10 | 8 | 15 | 16 | 9 | 27 | 16 | 13 | 14 | 3 |
| foi assassinado | 12 | 12 | 7 | 15 | 20 | 11 | 33 | 13 | 9 | 16 | 4 |
| ser agredido fisicamente | 11 | 10 | 7 | 17 | 14 | 5 | 28 | 8 | 3 | 13 | 9 |
| puxar uma arma para outro | 9 | 9 | 6 | 12 | 14 | 5 | 27 | 5 | 3 | 16 | 5 |
| Puxando fumo/usando drogas | 8 | 3 | 4 | 12 | 13 | 4 | 23 | 12 | 7 | 11 | 10 |
| Vendendo/comprando drogas | 8 | 5 | 4 | 13 | 11 | 5 | 24 | 11 | 4 | 12 | 11 |
| sendo preso | 8 | 2 | 4 | 11 | 11 | 4 | 27 | 11 | 8 | 13 | 3 |
| ser esfaqueado | 8 | 7 | 4 | 7 | 15 | 12 | 28 | 7 | 11 | 14 | 4 |
| ser seqüestrado | 5 | 2 | 3 | 5 | 4 | 6 | 19 | 6 | 10 | 11 | 4 |

São os delitos violentos que atingem a pessoa e a propriedade que são os mais comentados entre as pessoas, a explicação está em que esses são também os delitos que mais provocam medo entre as pessoas. É importante notar que o seqüestro que é um crime menos freqüente aparece mais como tendo ocorrido com alguém conhecido por 19% dos entrevistados em Recife, 11% de Porto Velho e 10% de Manaus. Como sua

ocorrência é pouco freqüente isso novamente sugere que, sendo um delito temido, quando ocorre o fato é muito comentado e entre várias pessoas.

A exposição dos jovens com menos de 20 anos a violência também foi avaliada através de questões específicas sobre se conheciam jovens como eles mesmos e que tivessem sido vítimas de algum evento violento nos últimos 12 meses. As respostas a essa questão reiteram o que foi visto até agora, os jovens estão sendo vítimas da violência em seu bairro, nas proximidades de suas casas. A violência nas escolas ou no trabalho é muito inferior àquela das proximidades da casa. Parece haver uma diferença entre as jovens e os rapazes no que se refere a violência na escola, um número maior de moças relata conhecer casos de assaltos nas proximidades da escola do que rapazes.

Quadro 4d- Exposição a violência- Jovens com menos de 20 anos que conhecem outras vítimas de violência por sexo do entrevistado.

A seguir descrevemos uma série de situações que podem acontecer na vida das pessoas. Você teve conhecimento ou não de algum jovem como você que tenha passado por alguma destas situações:

Brasil

N=223

| | SIM | Masc | Fem |
|---|-----|-------|-----|
| NO BAIRRO | % | | |
| Tenha sido assaltado nos últimos 12 meses | 39% | 39 | 39 |
| Tenha sido ferido por arma de fogo nos últimos 12 meses | 27% | 33 | 22 |
| Tenha sido assassinado nos últimos 12 meses | 24% | 27 | 20 |
| Tenha sido ferido a faca nos últimos 12 meses | 16% | 19 | 13 |
| NA ESCOLA | | | |
| N=140 | | Masc. | Fem |
| Tenha sido assaltado nos últimos 12 meses | 18 | 12 | 27 |
| Tenha sido ferido por arma de fogo nos últimos 12 meses | 6 | 5 | 6 |
| Tenha sido assassinado nos últimos 12 meses | 3 | 2 | 4 |
| Tenha sido ferido a faca nos últimos 12 meses | 4 | 3 | 6 |
| NO TRABALHO | % | | |
| N=95 | | | |
| Tenha sido assaltado nos últimos 12 meses | 16% | 19 | 11 |
| Tenha sido assassinado nos últimos 12 meses | 3% | 3 | 4 |
| Tenha sido ferido a faca nos últimos 12 meses | 0 | 0 | 0 |
| Tenha sido ferido por arma de fogo nos últimos 12 meses | 2 | 3 | 0 |

Os jovens não só conhecem alguém como ele que foi vítima dessas violências, eles também conhecem os agressores e como tem sido enfatizado nas pesquisas americanas conhecer ou o agressor ou a vítima aumenta a intensidade da exposição, e isso aumenta a probabilidade que os eventos deixem marcas em que testemunha ou fica sabendo do que se passou (Richters & Martinez, 1993). Esses episódios se transformam em co-vitimização que tem como um dos efeitos provocar a síndrome pós-traumática, também chamada de "fadiga do sobrevivente" (Warner & Weist, 1996). Essa síndrome se traduz por raiva, depressão, forte ansiedade, distúrbios de sono, perturbações da memória e da capacidade de concentração e comportamento de fuga.

Quadro 4e- Exposição a violência- Jovens com menos de 20 anos que conhecem vítimas e/ou agressores por sexo do entrevistado.

Você tem ou não tem algum colega que:

| N= 223 | % | Masc Fem | |
|--|----|----------|----|
| | | | |
| Já agrediu/ espancou algum colega | 48 | 57 | 41 |
| Se meteu em briga de "gang" | 36 | 41 | 32 |
| Anda armado | 36 | 41 | 32 |
| Já assaltou alguém | 25 | 31 | 19 |
| Ameaçou professor | 21 | 16 | 24 |
| Já matou alguém | 14 | 13 | 15 |
| Ameaçou professor com faca ou canivete | 5 | 3 | 6 |
| Já foi assaltado | 49 | 53 | 46 |
| Já foi ferido a arma de fogo | 29 | 30 | 28 |
| Foi ameaçado de morte | 29 | 37 | 21 |
| Foi assassinado | 21 | 23 | 20 |
| Já foi ferido a faca | 18 | 21 | 15 |
| Já foi estuprada | 13 | 6 | 20 |

Os jovens entrevistados não só são mais vítimas, assistem mais, e ouvem falar mais da violência como conhecem mais vítimas da violência e com frequência conhecem também os agressores e isso é válido tanto para os rapazes como para as jovens. Chama atenção o percentual de jovens que conhecem outra jovem que foi vítima de estupro: 20%. O mesmo se dá com o percentual de jovens que conhecem alguém como ele (ela) que já matou alguém -14%, que foi morto 21%, ou ainda que anda armado -36%.

Além do stress de serem vitimados, os entrevistados também foram expostos a outras situações que também provocam stress: perda de amigos e de parentes, hospitalização de membros da família, mudança de casa ou da composição da família até ter que se esconder de tiroteios. Novamente são os mais os jovens os que mais relatam experiências estressantes.

Quadro 4f - Experiências estressantes ao longo do último ano

Durante o último ano o(a) sr(a) viveu ou não viveu alguma das seguintes situações:

| Brasil | IDADE | | | | |
|---|-------|-------|-------|-------|-----------|
| | TOTAL | 16-24 | 25-34 | 35-49 | 50 e mais |
| | % | % | % | % | % |
| | sim | sim | sim | sim | sim |
| Morreu algum amigo próximo | 42 | 41 | 39 | 39 | 50 |
| Alguém da família teve que ser hospitalizado por doença grave ou acidente grave | 36 | 39 | 39 | 33 | 36 |
| Morreu alguma pessoa da família | 29 | 34 | 26 | 31 | 26 |
| Nasceu alguma criança na casa | 20 | 33 | 26 | 14 | 9 |
| Mudou de casa | 20 | 26 | 27 | 16 | 9 |
| Alguém saiu de casa | 12 | 17 | 13 | 10 | 10 |
| Teve que se esconder de algum tiroteio na vizinhança | 10 | 15 | 10 | 8 | 6 |

As respostas dos entrevistados variam de cidade a cidade. Em Belo Horizonte há mais relato de perda de amigos e parentes e de hospitalizações. Seguida de Recife e de Porto Alegre. Em Porto Velho mais stress por tiroteios (18%) tiveram que se esconder deles.

Quadro 4f - Experiências estressantes ao longo do último ano

Durante o último ano o(a) sr(a) viveu ou não viveu alguma das seguintes situações:

| | POA | SAO | RIO | BH | SALV | REC | BEL | MAN | P.VE | GOI | |
|---|-------|-----|-----|-----|------|-----|-----|-----|------|-----|----|
| | TOTAL | | | | | | | | | | |
| | % | % | % | % | % | % | % | % | % | % | % |
| | sim | sim | sim | Sim | sim | | | | | | |
| Morreu algum amigo próximo | 42 | 44 | 40 | 44 | 55 | 36 | 46 | 47 | 3 | 30 | 33 |
| Alguém da família teve que ser hospitalizado por doença grave ou acidente grave | 36 | 50 | 31 | 36 | 46 | 36 | 49 | 48 | 34 | 34 | 31 |
| Morreu alguma pessoa da família | 29 | 26 | 30 | 29 | 36 | 34 | 27 | 29 | 25 | 17 | 17 |
| Nasceu alguma criança na casa | 20 | 12 | 23 | 18 | 14 | 13 | 20 | 27 | 38 | 30 | 20 |
| Mudou de casa | 20 | 10 | 21 | 18 | 26 | 17 | 21 | 10 | 26 | 22 | 18 |
| Alguém saiu de casa | 12 | 8 | 11 | 12 | 10 | 19 | 14 | 26 | 11 | 24 | 9 |
| Teve que se esconder de algum tiroteio na vizinhança | 10 | 15 | 8 | 12 | 1 | 15 | 14 | 10 | 11 | 18 | 1 |

Essa forte exposição dos jovens a violência afetaria sua expectativa de vida futura? Para responder a essa pergunta solicitamos aos entrevistados com 20 anos de idade ou menos que estimassem qual a probabilidade de estarem vivos aos 25 anos. A maioria parece estar relativamente segura que estará viva aos 25 anos. Entretanto chama a atenção o fato que as mulheres, os negros e os mulatos serem os grupos que apresentam o maior percentual de dúvida. A violência que testemunham não parece estar afetando a sua expectativa de vida e isso sinaliza para a presença de um grau de resiliência, ou seja de elementos que contrabalançam os efeitos negativos dessas experiências.

Quadro 5 - Expectativa de vida, Jovens com menos de 20 anos por sexo, poder de consumo, etnia

Você saberia dizer qual é a chance de você estar vivo(a) aos 25 anos? (BASE = 223 entrevistados com menos de 20 anos)

| Brasil | Total % | Classe | | Etnia | | | Etnia | | |
|-----------------|------------|--------|-----|-------|----|-----|--------|-------|--------|
| | | Masc | Fem | a/b | C | d/e | Branca | Negra | Mulato |
| Muito alta/alta | 60% | 65 | 54 | 63 | 57 | 59 | 58 | 61 | 62 |
| Media | 26% | 26 | 27 | 28 | 28 | 22 | 30 | 23 | 20 |
| Baixa | 6% | 7 | 5 | 4 | 6 | 8 | 3 | 8 | 10 |
| Muito baixa | 3% | 1 | 6 | 4 | 3 | 3 | 2 | 8 | 6 |
| Não sabe | 5% | 1 | 9 | 2 | 6 | 8 | 8 | 0 | 2 |

Comparações com dados de outros países permitem entender em que medida essa exposição à violência testemunhada é ou não um fato esperado. Os dados do National Institute of Justice (1996) mostram que em Chicago entre 23% e 30% dos moradores já assistiram a um assassinato ou alguém ser baleado, 24% viram uma vítima de assassinato, e 66% ouviram tiroteios. Esse estudo mostrou ainda que a exposição a violência, como era de se esperar, é maior naqueles bairros com maior número de ocorrências policiais: enquanto nos bairros mais violentos 35% dos jovens testemunharam tiroteios em bairros de baixa taxa de ocorrências apenas 2% dos jovens tiveram essa experiência. Há também grandes variações entre cidades: em Baltimore (Gladstein & Slater, 1988) pesquisa entre jovens demonstrou que 60% deles havia testemunhado agressão grave, 51% roubos, 42% tiroteios, 24% assassinato e 14% estupro. A pesquisa de Singer et al (1995) em Denver e Cleveland mostra que assim como a escola e a vizinhança são os locais da vitimização direta dos jovens são também os locais onde mais testemunham violência. Essa pesquisa mostrou mais que não há diferença de gênero no testemunhar a violência: moça e rapazes testemunham igualmente a violência e essa experiência parece ser mais freqüente do que o padrão observado nas 10 cidades brasileiras. Em Denver e em Cleveland entre 73% e 78% assistiram a assaltos, entre 30% e 46% assistiram alguém ser esfaqueado, entre 37% e 62% alguém levar um tiro e entre 16% e 21% algum tipo de abuso sexual. Esses altos percentuais se repetem em outras pesquisas americanas.

É difícil explicar como as ocorrências policiais sendo menos freqüentes nos Estados Unidos do que no Brasil possa haver maior exposição das pessoas a esses eventos lá do que aqui. Não se trata de diferença na formulação da questão visto que a maioria dos questionários é padronizado e as questões se referem a um período de 12 meses antes da entrevista. Uma explicação estaria na própria amostra. O survey trabalha com uma amostra da população nas cidades pesquisadas enquanto os trabalhos americanos se referem a amostras de jovens em algumas escolas, em geral em áreas de grande criminalidade, sendo a única exceção a pesquisa do National Institute of Justice que toma a cidade de Chicago como um todo. As pesquisas limitadas a jovens tendem a dar números muito superiores aos de adultos, como já evidenciado no survey, quando a isso se acresce o fato de serem moradores em áreas de maior conflito isso eleva ainda mais os números, como demonstrado no estudo de Chicago onde enquanto em cada 100 jovens moradores de áreas com altas taxas de criminalidade 35 assistiram tiroteios nos bairros de menor criminalidade apenas 2 em 100 tiveram essa experiência.

É possível que essa violência que testemunham e da qual, às vezes também são vítimas não seja a pior violência, quando perguntados sobre quais crimes consideram mais graves e que sempre deveriam Ter punição verificamos que são os mesmos que os atingem ou aqueles que mais temem: o estupro, o homicídio, o seqüestro, o latrocínio, o roubo. São os crimes que colocam a vida em risco, são os crimes violentos, cometidos contra a pessoa que sempre deveriam ter punição.

Quadro 6- Crimes que sempre deveriam ser punidos por faixa etária

CRIMES MAIS GRAVES

Brasil

Quais os crimes que o(a) sr(a) considera mais graves, ou seja,

Aqueles que sempre deveriam ter punição? Mais algum ? Algum outro?

| | IDADE | | | | |
|-------------|-------|-------|-------|-------|-----------|
| | TOTAL | 16-24 | 25-34 | 35-49 | 50 e mais |
| | % | % | % | % | % |
| Estupro | 63 | 65 | 66 | 65 | 55 |
| Homicídio | 47 | 59 | 47 | 44 | 39 |
| Seqüestro | 44 | 36 | 43 | 45 | 56 |
| Latrocínio | 12 | 5 | 13 | 12 | 16 |
| Roubo/Furto | 9 | 10 | 9 | 8 | 10 |

Não há grande diferença entre cidades nesse aspecto exceto em relação ao seqüestro que é uma preocupação maior entre moradores de Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, e Recife, sendo que em Belo Horizonte e em Recife há também mais exposição a esse crime. O latrocínio é um crime mais mencionado em Recife, onde também se observa uma maior exposição a crimes contra a vida, e onde as taxas de homicídio também são mais altas. Os entrevistados privilegiam para punição aqueles crimes aos quais estão expostos quer porque conhecem pessoas que foram vítimas quer porque eles mesmos o foram. O importante a realçar é que são os crimes contra a vida ou que colocam em risco a vida da vítima que mais provocam a expectativas de punição.

Quadro 6a- Crimes que sempre deveriam ser punidos por cidade

Quais os crimes que o(a) sr(a) considera mais graves, ou seja,

Aqueles que sempre deveriam ter punição? Mais algum ? Algum outro?

| | Cidades | | | | | | | | | | |
|--------------------|---------|-----|-----|-----|----|------|-----|-----|-----|-------|------|
| | TOTAL | POA | SAO | RIO | BH | SALV | REC | BEL | MAN | P.VEL | GOIA |
| | % | % | % | % | % | % | % | % | % | % | % |
| Estupro | 63 | 61 | 70 | 58 | 64 | 53 | 62 | 58 | 43 | 67 | 68 |
| Homicídio | 47 | 51 | 46 | 49 | 37 | 49 | 53 | 44 | 70 | 54 | 37 |
| Seqüestro | 44 | 28 | 48 | 51 | 65 | 29 | 46 | 25 | 20 | 28 | 36 |
| Latrocínio | 12 | 18 | 11 | 11 | 10 | 10 | 27 | 14 | 7 | 16 | 6 |
| Roubo/furto | 9 | 6 | 12 | 8 | 7 | 6 | 5 | 4 | 21 | 6 | 8 |
| Viol.c/crian | | 13 | 7 | 10 | 6 | 6 | 2 | 7 | 6 | 6 | 1 |
| Abuso/estupro cria | | 10 | 4 | 9 | 5 | 10 | 5 | 13 | 6 | 7 | 4 |
| Assalto | | 10 | 8 | 11 | 14 | 6 | 9 | 8 | 10 | 7 | 5 |

Se são os crimes contra a vida os que deveriam ter prioridade para punição a violência que mais incomoda é aquela provocada pela ação dos "bandidos", seguida da violência interpessoal e da polícia. A violência da polícia é mais importante para os mais jovens que como visto anteriormente são também o grupo mais exposto a experiências negativas com as polícias. A violência na família, no trânsito, na escola e no bairro seriam menos importantes em termos de causar desconforto. A violência no trânsito incomoda as pessoas de mais idade mas não os mais jovens. A violência familiar, apontada com frequência pela literatura como um dos fatores responsáveis pela violência fora da família parece ser relativamente ignorada pelos entrevistados, como o é a violência dentro do bairro - o principal local de exposição a violência. Assim a violência que mais incomoda parece ser aquela provocada pelo outro- desconhecido e não por aqueles que estão próximos.

Quadro 7- A violência que mais incomoda por faixa etária

Aqui estão alguns tipos de violência que podem acontecer no dia a dia.

Qual delas, na sua opinião, mais incomoda as pessoas?

| Brasil | IDADE | | | | |
|-------------------------|-------|-------|-------|-------|-----------|
| | TOTAL | 16-24 | 25-34 | 35-49 | 50 e mais |
| | % | % | % | % | % |
| VIOLÊNCIA DOS BANDIDOS | 41 | 39 | 41 | 40 | 44 |
| VIOLÊNCIA ENTRE PESSOAS | 17 | 19 | 19 | 18 | 14 |
| VIOLÊNCIA DA POLÍCIA | 15 | 21 | 16 | 13 | 12 |
| VIOLÊNCIA NO TRÂNSITO | 9 | 7 | 8 | 9 | 12 |
| VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA | 7 | 5 | 8 | 8 | 6 |
| VIOLÊNCIA NO BAIRRO | 5 | 5 | 5 | 5 | 6 |
| VIOLÊNCIA NA ESCOLA | 4 | 5 | 3 | 5 | 5 |
| NENHUMA DESTAS/ OUTRAS | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |

Há diferença entre as cidades nas respostas sobre a violência que mais incomoda, o consenso é sobre a violência dos bandidos. A violência entre as pessoas incomoda mais em Belo Horizonte, já a violência da polícia incomoda mais no Rio de Janeiro seguido de São Paulo, Goiânia, Recife e Belém. A violência no trânsito agride mais em Porto Alegre. A violência na família em Salvador, Belém e Rio de Janeiro e a violência no bairro em Manaus, Porto Velho, Goiânia e Belém. Essas diferenças sugerem novamente que há elementos locais na avaliação da violência que requerem aprofundamento. Por exemplo, Manaus e Porto Velho e Goiânia têm forte contingente de população não nativa do estado e moradora nas cidade há menos de 10 anos isso pode significar que a violência do bairro que incomoda pode ser além da violência do delito a violência do choque de padrões culturais, de modo de se relacionar e que pode, no limite, se transformar em violência interpessoal.

Quadro 7a- A violência que mais incomoda por cidade

Aqui estão alguns tipos de violência que podem acontecer no dia a dia.

Qual delas, na sua opinião, mais incomoda as pessoas?

| | Cidades | | | | | | | | | | |
|---------------------------|---------|-----|-----|-----|----|------|-----|-----|-----|-------|------|
| | TOTAL | POA | SAO | RIO | BH | SALV | REC | BEL | MAN | P.VEL | GOIA |
| | % | % | % | % | % | | | | | | |
| VIOLÊNCIA DOS BANDIDOS | 41 | 42 | 42 | 38 | 36 | 45 | 40 | 34 | 56 | 43 | 37 |
| VIOLÊNCIA ENTRE PESSOAS | 17 | 21 | 15 | 15 | 32 | 18 | 20 | 18 | 8 | 23 | 18 |
| VIOLÊNCIA DA POLÍCIA | 15 | 6 | 17 | 20 | 9 | 8 | 16 | 15 | 7 | 6 | 17 |
| VIOLÊNCIA NO TRÂNSITO | 9 | 17 | 9 | 8 | 11 | 8 | 9 | 9 | 7 | 5 | 8 |
| VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA | 7 | 7 | 5 | 10 | 7 | 11 | 6 | 10 | 5 | 8 | 1 |
| VIOLÊNCIA NO BAIRRO | 5 | 4 | 4 | 3 | 5 | 6 | 4 | 10 | 12 | 12 | 12 |
| VIOLÊNCIA NA ESCOLA | 4 | 3 | 7 | 2 | 0 | 4 | 5 | 4 | 4 | 3 | 5 |
| NENHUMA DESTAS/ OUTRAS | 0 | 0 | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 |

As conseqüências da violência no bairro

Como visto anteriormente, a maior exposição a violência se dá dentro do próprio bairro, nas proximidades da moradia, porém isso parece ser ignorado pelos entrevistados. Segundo a literatura sobre violência, a violência no bairro tem diferentes impactos sobre a população moradora e até mesmo aquela que presta serviços a essa população²- afetaria diferentemente jovens e crianças. Os jovens em situação de risco, que testemunham a violência e que são vítimas dela, dependendo da situação familiar podem se tornar vitimadores³. Os estudos mostram que a maioria dos jovens infratores testemunhou e foi vítima de violência⁴. A resistência a essa violência vai depender do tipo de suporte que os jovens têm dentro da família, da comunidade e da própria competência pessoal (Howard, 1996) e do grau de integração da família na comunidade: se esses jovens forem bem integrados na vida da comunidade aumenta a sensação de proteção, reduzindo-se a percepção de risco a despeito da ameaça real (Rountree e Land, 1996).

Reconhece-se que nas áreas de violência crônica onde as pessoas são submetidas a verdadeiras guerras entre bandos de traficantes, ou entre a polícia e os traficantes, onde as famílias chegam a ter que ficar trancadas por dias dentro das casas até que o conflito cesse, parte da população apresenta sintomas de síndrome pós-traumática. Quando a violência é crônica esses efeitos são ampliados e de difícil tratamento, pois o conflito nunca acaba: a paz não se efetiva e as pessoas não têm chance de se recuperar. Nesses contextos é possível que periodicamente surja maior apoio para políticas duras (pena de morte, ações violentas pela polícia etc.) ou tentativas de captura da segurança pública pelos setores privados com maior poder de pressão. A violência tem então conseqüências sociais, psicológicas e econômicas. Os crimes violentos estão associados a contextos onde há: - uma desorganização social- entendida como pouca participação em atividades coletivas- pouca filiação a igrejas, onde há muita mobilidade de moradores;- desemprego,- forte densidade populacional, e portanto aos - centros urbanos (Kpsowa et al 1995).

A própria população, quando tem condições, tenderia a fugir dessas áreas. Só não o faria quando as condições econômicas não permitissem. (Taylor,1995) Outra conseqüência é que o valor das propriedades cai e diminui a probabilidade de que os moradores consigam mudar sem incorrerem em fortes prejuízos. Maior a violência no bairro, menor tende a ser a satisfação com o bairro, a ligação com o lugar, a sensação de comunidade, a identificação com os outros, a disponibilidade para ações coletivas, a cooperação e maior o medo. Quanto maior é a percepção do risco de serem vítimas menor é a comunicação, o contato entre as pessoas e menor é a sensação de controle e de autonomia. A

²Meck e Ware (1996) mostram que assistentes sociais que atuam nessas áreas têm muita dificuldade em term empatia pelos moradores, como se a ameaça representada pela violência do bairro as tornassem mais insensíveis aos problemas dos moradores.

³Assis (1994) observou o mesmo fato em relação a jovens infratores no Rio de Janeiro: "reproduzem a diade vítima-agressor", são vítimas e também vitimam.

⁴Hartless et al (1995)

combinação de desorganização social com alta mobilidade significa que há menos contato entre as pessoas, que haveria menos cotidiano compartilhado, que há menos confiança entre as pessoas e que há menor potencial para organização coletiva. Há também menor controle social, pois maior a violência em um bairro maior será: a desconfiança de pessoas estranhas e a tendência a evitar a área quer como local de moradia, de trabalho, de circulação ou de lazer. Isso promoveria a uma maior desconfiança também entre vizinhos. (Liska e Bellair, 1995 e Taylor 1995)

Quando as famílias não têm condições de fugir da área há uma fuga psicológica com a limitação dos contatos com a comunidade, isto é, as pessoas se retiram da vida coletiva e se fecham na vida doméstica. Aumentando o medo, as pessoas estabelecem estratégias de sobrevivência que restringem os contatos interpessoais. Quanto menos contato há entre as pessoas maior é a probabilidade de que haja suspeição. Essa afeta a participação coletiva, e menor é a probabilidade de se desenvolver capital social (Putnam, 1994)⁵. Sem participação das pessoas na busca de soluções para os problemas da comunidade, maior é o declínio desta. Outro efeito perverso decorrente da impossibilidade de saírem de uma área violenta é uma dessensibilização em relação a violência e até a normalização desta (Mithe, 1995 e Crane, 1991). Se as pessoas não podem mudar do local e se a violência não pode ser reduzida, as pessoas podem passar a normalizar a violência como um "fato da vida". O medo leva as pessoas a adotarem estratégias de proteção que empobrecem ainda mais a vida coletiva. As pessoas mudam suas rotinas, evitando circular por certos lugares, adotando equipamentos de segurança individual. Mudam também o estilo de vida: evitam usar transporte público, retiram-se da vida coletiva, reduzindo sua participação nas atividades coletivas. O medo fortalece ainda preconceitos e estereótipos. As pessoas desconfiam de jovens, estranhos e pobres com maior frequência.

A fuga das famílias em melhores condições econômicas e sociais implica em um empobrecimento dos modelos de relacionamento interpessoal, familiar e social, de perfil profissional, de ascensão social ou seja, reduz-se a diversidade de valores aos quais os moradores que permanecem estão expostos ou têm contato. Diminui o repertório de modelos de carreiras bem sucedidas, dentro do sistema de oportunidades legítimas, à disposição dos jovens, ou seja a redução da presença de famílias bem sucedidas nas vizinhanças- implica num empobrecimento dos modelos à disposição dos jovens e dos contrapontos à presença dos modelos de sucesso no sistema ilegal.

Com esse referencial de as possíveis conseqüências da violência vivida na vizinhança sobre o relacionamento coletivo, sobre a solidariedade e as relações entre as pessoas e até mesmo sobre a possibilidade de existir um sentimento de comunidade, pesquisou-se o que as pessoas percebem como sendo as estratégias de auto-proteção em relação a violência. O que mudaria no comportamento das pessoas como resultado da exposição a violência?

Os dados mostram que o que mais frequentemente se altera com a violência é "circular pela cidade a noite". Esse é um comportamento adotado principalmente pelos entrevistados com mais idade. Os mais jovens combinam "evitar circular a noite" com "evitar áreas/ruas da cidade" e até mesmo "alterar trajetos".

⁵Capital social se constitui a partir do maior contato entre membros de uma comunidade em atividades cooperativas e resulta em maior solidariedade entre as pessoas e em maior espírito público. Essa maior confiança entre os membros da comunidade tem também efeitos sobre o poder que os cidadãos sentem em relação aos políticos em especial na crença que têm de poderem controlar a ação dos políticos.

Quadro 8- Mudanças de comportamento decorrentes da violência por faixa etária

O medo da violência pode levar as pessoas a mudarem algumas coisas no seu dia a dia.

Vou citar algumas destas coisas que podem ser mudadas por causa da violência

e gostaria de saber se elas já acontecem ou já aconteceram com o(a) sr(a):

Brasil

| | IDADE | | | | |
|--|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|
| | TOTAL | 16-24 | 25-34 | 35-49 | 50 e mais |
| | Acontece eu % | acontece eu % | Acontece eu % | Acontece eu % | Acontece eu % |
| Evitou sair a noite | 50 | 45 | 51 | 51 | 52 |
| Deixar de circular por alguns bairros/ruas | 38 | 45 | 40 | 38 | 29 |
| Mudar o trajeto da casa p/ trab, p/escola | 24 | 29 | 23 | 23 | 20 |
| Deixar de usar uma linha de ônibus | 16 | 13 | 17 | 19 | 16 |
| Evitar conversas com vizinhos | 15 | 14 | 19 | 15 | 13 |

Esses comportamentos foram mais citados em Belém e em Belo Horizonte. Evitar contatos e conversas com vizinhos, o que é previsto pela literatura norte-americana não é um comportamento adotado com frequência, sugerindo que o relacionamento entre vizinhos não está sendo afetado pela violência que possa existir no bairro, ainda assim em quatro das cidades pesquisadas (Porto Velho e Manaus, Goiânia e Belo Horizonte) 1/4 dos entrevistados adotam esse comportamento sugerindo que há variação de cidade a cidade e dentro delas de bairro a bairro.

Manaus e Porto Velho são cidades onde alguns entrevistados já se referiam ao desconforto causado pela violência no bairro. Isso sugere que se há violência mas essa é percebida como praticada por pessoas estranhas à comunidade, a violência não chega a afetar as relações interpessoais, porém quando a violência é percebida como praticada por pessoas da comunidade ou ligadas a elas, aí sim a violência teria um efeito de fragmentar a comunidade, trazendo a suspeição e o distanciamento entre as pessoas.

Quadro 8a- Mudanças de comportamento decorrentes da violência por cidade

| | POA | SAO | RIO | BH | SALV | REC | BEL | MAN | P.VE | GOIA | |
|--|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|----|
| | TOTAL | | | | | | | | | | |
| | Acontece eu % | acontece eu % | acontece eu % | acontece eu % | acontece eu % | acontece eu % | Acontece eu % | acontece eu % | acontece eu % | acontece eu % | |
| Evitou sair a noite | 50 | 52 | 47 | 51 | 55 | 44 | 50 | 64 | 46 | 54 | 58 |
| Deixar de circular por alguns bairros/ruas da cidade | 38 | 39 | 29 | 45 | 52 | 35 | 48 | 65 | 33 | 36 | 28 |
| Mudar o trajeto da casa p o trabalho, ou p escola | 24 | 25 | 18 | 29 | 26 | 21 | 41 | 35 | 14 | 22 | 28 |
| Deixar de usar uma linha de ônibus | 16 | 15 | 9 | 33 | 14 | 9 | 23 | 17 | 14 | 14 | 14 |
| Evitar conversas com vizinhos | 15 | 11 | 15 | 11 | 21 | 10 | 18 | 19 | 23 | 29 | 21 |

A literatura sobre violência prevê que quanto maior a violência no bairro menor será a identificação dos moradores com o bairro, menor a sensação de pertencer a uma coletividade e menor o envolvimento afetivo e o compromisso como local o que impediria o desenvolvimento de um capital social. Os dados do survey não corroboram essa previsão. Os entrevistados, ao contrário do esperado, revelam-se integrados em seus bairros, expressando a existência de uma valorização de sua vizinhança, percebendo seus vizinhos como cooperativos, solidários e confiáveis. Essa afiliação positiva ao bairro parece crescer com a idade: há mais consenso entre os entrevistados de mais idade do que entre os jovens.

Quadro 9- Percepção do bairro por faixa etária

Eu vou citar uma série de frases e para cada uma delas gostaria que dissesse se o(a) sr(a) concorda, discorda, ou se a frase lhe é indiferente:

Brasil

| | IDADE | | | | |
|---|-----------|-------|-------|-------|--------------|
| | TO TAL | 16-24 | 25-34 | 35-49 | 50 e mais |
| Eu considero várias pessoas do meu bairro como bons amigos | 61 | 48 | 56 | 60 | 80 |
| Se eu precisar de ajuda posso contar com várias pessoas no meu bairro | 58 | 49 | 53 | 59 | 73 |
| Eu me orgulho de morar no bairro onde moro | 64 | 52 | 60 | 64 | 81 |
| Eu costumo dizer que moro num lugar muito bom para se viver | 58 | 44 | 54 | 59 | 76 |
| O governo pode contar com ajuda dos moradores do meu bairro para diminuir a violência | 60 | 53 | 59 | 59 | 71 |

Quanto a variações entre cidades observa-se que em Manaus, Goiânia, Porto Alegre e Porto Velho os entrevistados relatam maior satisfação e integração em seus bairros. Além disso Rio de Janeiro Salvador e Recife parecem apresentar o menor consenso quanto a satisfação com o bairro sendo que no Rio de Janeiro e em também há um dos menores consensos na percepção de cooperação dos moradores de seus bairros com as autoridades para diminuir a violência. Isso sugere que nessas duas cidades há menor integração dos entrevistados com suas comunidades, fato que pode ou não estar associado a violência que vivenciam.

Quadro 9a- Percepção do bairro por cidade

Eu vou citar uma série de frases e para cada uma delas gostaria que dissesse se o(a) sr(a) concorda, discorda, ou se a frase lhe é indiferente:

| | POA | SAO | RIO | BH | SAL | REC | BEL | MAN | P.VE | GOI |
|--|----------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|
| | | | | | V | | | L | A | |
| | <i>cda.tot</i> | <i>cda.t</i> | <i>cda.</i> | <i>cda.</i> | <i>cda.</i> | <i>cda.</i> | <i>cda.</i> | <i>cda.</i> | <i>cda.</i> | <i>Cda.</i> |
| | <i>al</i> | <i>otal</i> | <i>total</i> | <i>total</i> | <i>total</i> | <i>total</i> | <i>total</i> | <i>total</i> | <i>total</i> | <i>total</i> |
| Eu considero várias pessoas do meu bairro como bons amigos | 70 | 60 | 53 | 66 | 58 | 55 | 60 | 82 | 63 | 78 |
| Se precisar de ajuda posso contar c/várias pessoas no meu bairro | 71 | 60 | 49 | 61 | 58 | 48 | 60 | 80 | 62 | 70 |
| Eu me orgulho de morar no bairro onde moro | 72 | 67 | 56 | 61 | 60 | 54 | 63 | 87 | 68 | 81 |
| Eu costumo dizer que moro num lugar muito bom para se viver | 64 | 61 | 49 | 56 | 60 | 39 | 52 | 80 | 60 | 74 |
| O governo pode contar com ajuda dos moradores do meu | 72 | 62 | 46 | 67 | 58 | 52 | 61 | 90 | 57 | 72 |

A exposição a violência e o medo, que ela evoca, podem levar as pessoas a defender medidas radicais de autodefesa. Podem, por exemplo, encorajar as pessoas a defender medidas extremas, tornando-as menos tolerantes com diferenças e mais defensoras de controles rígidos, ou punições sumárias estimulando ainda maior suspeição contra os que são diferentes. Uma das maneiras de se investigar essa previsão foi indagar dos entrevistados que medidas de controle que podem ser aplicadas em um bairro. As respostas mostram que a tolerância com a diferença não parece ser afetada. Os entrevistados de todas as idades defendem que a composição de um bairro deve ser heterogênea em termos de classe social, religião, idéias políticas, raça e cor. A defesa da heterogeneidade é mais forte entre os entrevistados das faixas de idade médias, sugerindo que essa tolerância com a diversidade é algo que vem acompanhando as novas gerações.

Quadro 10- Como deve ser o bairro por faixa etária

Para cada uma das frases que eu citar, gostaria que o(a) sr(a) me dissesse se o(a) sr(a) concorda, discorda, ou se a frase lhe é indiferente:

| | IDADE | | | | |
|---|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| | cda total % | cda total % | cda total % | cda total % | cda total % |
| | TOTAL | 16-24 | 25-34 | 35-49 | 50 e mais |
| As pessoas têm o direito de expulsar de seu bairro pessoas que causem problemas | 26 | 25 | 24 | 26 | 28 |
| Um bairro deveria ser habitado por pessoas de mesma classe social | 11 | 11 | 8 | 11 | 13 |
| Um bairro deveria ser habitado por pessoas da mesma religião | 5 | 5 | 4 | 6 | 7 |
| Um bairro deveria ser habitado por pessoas com a mesmas idéias políticas | 5 | 6 | 4 | 6 | 5 |
| Um bairro deveria ser habitado por pessoas de mesma raça ou cor | 4 | 4 | 4 | 5 | 4 |

Essa defesa da heterogeneidade é consensual e na maior parte das cidades pesquisadas atinge cerca de 80% dos entrevistados. A única exceção é Manaus. Nessa cidade 30% dos entrevistados concorda muito que o bairro deveria ser composto por pessoas da mesma classe social e 25% acha que os moradores deveriam ter as mesmas idéias políticas o que representa o triplo do total da amostra e 1/5 (o dobro da amostra) que deveriam ter a mesma religião. Manaus, Goiânia, Salvador e Recife também se destacam por serem as localidades onde ocorreu a defesa mais forte da frase "as pessoas têm o direito de expulsar de seu bairro pessoas que causem problemas". Essa frase é em geral rejeitada pelos entrevistados, tem uma forte conotação autoritária, sugere a aceitação de um certo grau de "vigilantismo", ou de justiça com as próprias mãos e de certo modo é negação de recurso a meios legais. Entre os 26% que concordam muito com ela a maioria está em Manaus onde 53% dos entrevistados concorda muito com essa frase, em Goiânia e em Salvador (39% concorda muito) e em Recife (35%) . Em que medida esse tipo de concordância reverte em comportamentos efetivos é uma questão em aberto. Vale lembrar que Salvador tem uma presença constante no Banco de Dados sobre graves violações de Direitos Humanos do NEV/USP devido aos casos de linchamentos. A relação entre o apoio a esse tipo de ação e adoção de medidas extremas de se garantir a paz será mais examinada mais a frente no tópico "relacionamento com as instituições".

Quadro 10a Como deve ser o bairro por cidade

Para cada uma das frases que eu citar, gostaria que o(a) sr(a) me dissesse se o(a) sr(a) concorda, discorda, ou se a frase lhe é indiferente:

| | POA | SAO | RIO | BH | SAL | REC | BEL | MAN | P.VEL | GOIA |
|---|---------------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|
| | <i>cda.to tal %</i> | <i>cda. total</i> | <i>cda. total</i> | <i>cda. total</i> | <i>cda. total</i> | <i>cda. total</i> | <i>cda. total</i> | <i>cda. total</i> | <i>cda.to tal</i> | <i>cda.to tal</i> |
| As pessoas têm o direito de expulsar de Seu bairro pessoas que causem problemas | 26 | 21 | 21 | 25 | 39 | 35 | 26 | 53 | 17 | 39 |
| Um bairro deveria ser habitado por pessoas mesma classe social | 6 | 9 | 9 | 8 | 19 | 10 | 15 | 30 | 5 | 14 |
| Um bairro deveria ser habitado por pessoas da mesma religião | 1 | 4 | 6 | 2 | 6 | 4 | 11 | 20 | 3 | 5 |
| Um bairro deveria ser habit. p/ pessoas c/ mesmas idéias políticas | 3 | 4 | 5 | 5 | 5 | 2 | 8 | 25 | 3 | 7 |
| Um bairro deveria ser habitado por pessoas de mesma raça ou cor | 1 | 4 | 3 | 2 | 6 | 4 | 7 | 11 | 2 | 4 |

A exposição à punição corporal

A literatura sobre a punição corporal revela que pais que foram punidos fisicamente tendem a punir fisicamente seus filhos. A esse processo se dá o nome de "ciclo de abusos". A existência desse ciclo foi identificada através de pesquisas inter-gerações. Essas pesquisas demonstram que há uma relação entre ser vítima de punição corporal na infância e agressividade futura. O modelo explicativo desse processo seria o da aprendizagem social. Ao sofrerem castigos físicos as crianças aprenderiam um repertório de ações agressivas. Mueller (1995) revisando os modelos que buscam explicar a relação entre a punição e agressividade das crianças e em adultos demonstrou que não se trata de um tipo perverso de seletividade onde crianças hiperativas provocariam, com maior frequência, punições mas sim que se trata de um processo onde a punição é a causa de comportamentos agressivos.

Essa conclusão também está presente no estudo de Fry (1992) que trata de comparações entre duas tribos de índios Zapotec no México. Essas comparações revelaram que as diferenças entre as duas tribos, no que se referia a padrões de agressividade, decorriam de diferenças nos processos de disciplina usados pelas tribos e mais que as crianças aprendiam repertórios de comportamento não só pelo o que os pais faziam com elas mas também pelo que observavam do modo dos adultos se relacionarem. Assim as crianças imitavam o comportamento dos pais. O que era comportamento aceitável pelos adultos passava a fazer parte do repertório de comportamento das crianças. Se na família a agressão verbal e agressão física fossem padrões de comportamento aceitáveis a criança adotaria os mesmos padrões.

A experiência da punição física parece ter sido uma experiência comum entre os entrevistados: em média 80% deles apanhou quando criança sendo que 14% sofreu punição quase todos os dias. Punição física regular (quase todos os dias, uma vez por semana, ou uma vez por mês) atingiu 1/3 dos entrevistados. Há diferenças entre faixas etárias, o grupo mais idoso parece ter tido mais experiência de punição que os de idade média no que se refere a apanhar ocasional, há pouca diferença entre os que sofreram punição física regular.

Quadro 11- Punição corporal por faixa etária

Com qual destas frequências o(a) sr.(a) costumava apanhar quando era criança?

| Brasil | IDADE | | | | |
|------------------------|-------|-------|-------|-------|-----------|
| | TOTAL | 16-24 | 25-34 | 35-49 | 50 e mais |
| | % | % | % | % | % |
| Em poucas ocasiões | 48 | 57 | 48 | 45 | 43 |
| Nunca | 20 | 14 | 17 | 23 | 28 |
| Quase todos os dias | 14 | 11 | 16 | 15 | 14 |
| +ou- uma vez p semana | 9 | 9 | 10 | 9 | 7 |
| + ou - uma vez por mês | 8 | 9 | 8 | 8 | 8 |

Esse tipo de punição parece ter sido uma experiência mais comum em Porto Velho, Manaus e Goiânia do que nas outras cidades pesquisadas. Belém se destaca por que nessa cidade dentre os que sofreram punição física mais da metade deles apanhava diariamente, o que é uma frequência muito alta.

Quadro 11 a - Punição corporal por cidade

Com qual destas freqüências o(a) sr(a) costumava apanhar quando era criança?

| | POA | SAO | RIO | BH | SALV | REC | BEL | MAN | P.VEL | GOIA |
|----------------------------------|-----|-----|-----|----|------|-----|-----|-----|-------|------|
| Nunca | 13 | 24 | 20 | 13 | 24 | 24 | 10 | 15 | 8 | 18 |
| Em poucas ocasiões | 49 | 45 | 53 | 54 | 45 | 45 | 59 | 48 | 43 | 43 |
| Quase todos os dias | 14 | 15 | 12 | 15 | 14 | 11 | 18 | 16 | 9 | 14 |
| Mais ou menos uma vez por semana | 10 | 8 | 10 | 11 | 7 | 11 | 9 | 6 | 21 | 5 |
| Mais ou menos uma vez por mês | 11 | 7 | 5 | 7 | 9 | 9 | 4 | 15 | 19 | 20 |

Para se entender a natureza dessas punições é necessário saber como eram aplicadas: um tapa tem, em geral, um potencial de dano inferior ao uso de objetos duros capazes de causar mais malefícios à criança. O uso de objetos com potencial de machucar as crianças parece aumentar com a idade do entrevistado sugerindo que essa, talvez seja uma prática em desuso.

Quadro 12- Com o que apanhava quando criança por faixa etária

Com o que o(a) sr(a) costumava apanhar quando criança?

| Brasil | IDADE | | | | | |
|---------------------------------|-------|-------|-------|-------|-----------|----|
| | TOTAL | 16-24 | 25-34 | 35-49 | 50 e mais | |
| | % | % | % | % | % | |
| Com uma vara ou um cinto, ou | | 52 | 40 | 54 | 60 | 56 |
| Com o chinelo, | | 44 | 47 | 50 | 43 | 37 |
| Com a mão, | | 43 | 52 | 41 | 38 | 39 |
| Com um pau ou outro objeto duro | | 15 | 9 | 14 | 17 | 20 |

Cabe realçar que esse uso de objetos mais danosos foi mais mencionado por entrevistados de Porto Velho (40%), Manaus (39%), Goiânia (26%) e Salvador (23%), sendo que as três primeiras cidades são também aquelas onde há mais menção do uso regular da punição física sugerindo que nesses casos não se tratava apenas de "bater" mas de "surras" que beiram o abuso corporal.

A possibilidade de que esses entrevistados, que sofreram forte experiência de punição corporal, reproduzam com seus filhos o padrão de disciplina que lhes foi imposto aparece nas respostas à questão sobre a liberdade dos pais de corrigirem seus filhos. Os entrevistados concordam com essa liberdade, mas os grupos que mais fortemente concordam com essa frase são os mais jovens e os moradores das mesmas cidades onde a experiência de punição relatada é mais severa e mais freqüente: Goiânia (66% concorda muito), Manaus e Salvador (59%) e Porto Velho (53%).

Quadro 13- Concordância com pais terem livre arbítrio no disciplinar os filhos por faixa etária

| | IDADE | | | | | |
|---|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|----|
| | TOTAL | 16-24 | 25-34 | 35-49 | 50 e mais | |
| | cda total | cda total | cda total | cda total | cda total | |
| | % | % | % | % | % | |
| Os pais têm o direito de corrigirem os filhos como bem entenderem | | 47 | 54 | 48 | 42 | 43 |

Quadro 13 a- Concordância com pais terem livre arbítrio no disciplinar os filhos por cidade

Os pais têm o direito de corrigirem os filhos como bem entenderem

| | POA | SAO | RIO | BH | SALV | REC | BEL | MAN | P.VEL | GOIA |
|----------------------------|-----|-----|-----|----|------|-----|-----|-----|-------|------|
| Concorda Totalmente | 45 | 49 | 34 | 41 | 59 | 53 | 45 | 59 | 53 | 66 |
| Concorda em parte | 32 | 25 | 29 | 28 | 13 | 13 | 19 | 11 | 14 | 21 |

A possibilidade que, em algumas situações, o uso da punição física se aproxime de tipos de abuso e de violência extremada, sugere que parte dos entrevistados possa ter sofrido tipos de disciplina doméstica violenta e que tenham incorporado a aceitação do uso da violência física como resposta aceitável de resolver conflitos ou como forma de disciplinar outros. Como mostrado acima, o uso da punição física tem reflexos sobre o comportamento futuro daqueles que são por ela vitimados. Isso sugere que se examine como os entrevistados reagem ao uso da violência por parte de seus filhos bem como quais comportamentos punitivos teriam em relação a eles caso seus filhos apresentem desvios de comportamento.

Uma outra maneira de se examinar como pensam os entrevistados sobre a questão da punição corporal é perguntar diretamente se isso é ou não aceitável, especificando-se que se trata de disciplinar crianças desobedientes. Quando isso ocorre (questionados diretamente) a maioria dos entrevistados - 74%, rejeita a punição corporal mesmo que se trate de crianças desobedientes. Assim, aparentemente rejeitam usar a violência como forma de obter "bom comportamento" ou a aquiescência da criança. Essa reação de rejeição é muito mais forte do que a expressa por entrevistados em pesquisas realizadas nos Estados Unidos. Cohen & Nisbett relatam pesquisas comparando-se a reação de moradores em duas regiões dos Estados Unidos: o Sul e o não Sul e que mostram que no Sul 36% dos entrevistados concordam totalmente com a frase: crianças desobedientes têm que apanhar bastante. Esse percentual é significativamente mais alto do que o encontrado nos outros estados - 25%. Isso leva esses autores a examinarem a hipótese de que no Sul dos Estados Unidos, haja uma cultura mais favorável ao uso da violência física como forma de controle social. Não parece haver diferenças entre entrevistados de acordo com a idade deles, no tipo de resposta. A rejeição ao bater em crianças desobedientes parece ser uniforme.

Quadro 14- Reação ao uso da punição como forma de correção por faixa etária

Alguns pais acreditam que as crianças muito desobedientes têm que apanhar bastante.

O que o(a) sr(a) acha, o(a) sr(a) concorda com ele, discorda dele, ou lhe é indiferente?

| Brasil | % | IDADE | | | |
|---------------------|-------|-------|-------|-------|-----------|
| | | % | % | % | % |
| | TOTAL | 16-24 | 25-34 | 35-49 | 50 e mais |
| Discorda totalmente | 75 | 72 | 72 | 78 | 76 |
| Discorda em parte | 14 | 14 | 17 | 12 | 13 |
| Concorda totalmente | 3 | 4 | 2 | 1 | 3 |
| Concorda em parte | 7 | 8 | 7 | 7 | 7 |
| Não sabe/não opinou | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 |

Quando examinamos as respostas por cidade verificamos que a rejeição ao uso do "bater na criança" é mais consensual em algumas cidades do que em outras. Em Goiânia e em São Paulo 80% dos entrevistados discordam muito de bater em criança desobediente. Já em Porto Velho apenas 42% têm essa posição, sendo que 28% concorda muito e em parte que se deve bater bastante em criança desobediente e em Porto Alegre 19% concorda muito e em parte.

Quadro 14a - Reação ao uso da punição como forma de correção por cidade

Alguns pais acreditam que as crianças muito desobedientes têm que apanhar bastante.

O que o(a) sr(a) acha, o(a) sr(a) concorda com ele, discorda dele, ou lhe é indiferente?

| | POA | SAO | RIO | BH | SALV | REC | BEL | MAN | P.VEL | GOIA |
|---------------------|-----|-----|-----|----|------|-----|-----|-----|-------|------|
| Discorda totalmente | 75 | 81 | 75 | 68 | 54 | 73 | 77 | 71 | 42 | 80 |
| Discorda em parte | 6 | 9 | 14 | 22 | 30 | 17 | 10 | 21 | 29 | 11 |
| Concorda totalmente | 2 | 3 | 2 | 2 | 5 | 1 | 3 | 2 | 7 | 1 |
| Concorda em parte | 17 | 6 | 8 | 5 | 8 | 6 | 10 | 6 | 21 | 6 |

Se a violência é rejeitada no que se refere ao seu para disciplinar as crianças o que ocorreria em um contexto específico: por exemplo com crianças e jovens que apresentem mau comportamento na escola? As respostas dos entrevistados mostram que rejeitam de modo consensual o uso da violência por professores. O professor não pode bater nos alunos quer por desobediência quer por destruição de equipamento escolar. O professor não pode tão pouco revidar a uma agressão de aluno. Mesmo que tenha sido agredido por um aluno- não se aceita que ele agrida fisicamente o aluno. Os mais jovens destacam-se desse padrão por ser o grupo que mais acha justo (40%) que o professor revide a agressão sofrida.

Quadro 15- O uso da violência/punição física na escola por faixa etária

Para algumas pessoas o uso da violência física é justificado em algumas situações, enquanto para outras a violência física não é justificada em nenhuma situação.

Gostaríamos que o(a) sr(a) nos dissesse o que acha, por exemplo, de um professor bater em alunos.

O(a) sr(a) acha que isso seria ou não seria justo se:

| Brasil | IDADE | | | | |
|--|---------|---------|---------|-----------|---------|
| | Justo % | Justo % | Justo % | justo % | Justo % |
| TOTAL | 16-24 | 25-34 | 35-49 | 50 e mais | |
| O aluno fosse muito desobediente? | 4 | 4 | 3 | 3 | 8 |
| Se o aluno tivesse destruído algum objeto da escola? | 5 | 5 | 2 | 5 | 7 |
| Se o aluno tivesse agredido o professor? | 26 | 40 | 24 | 19 | 24 |

Há também diferenças entre cidades: em Belo Horizonte 45% dos entrevistados acham justo o professor revidar a uma agressão, 38% em Belém e 35% em Manaus. Nessas 3 cidades também há um percentual superior a média da amostra que considera justa punição física por desobediência e por destruição de objetos da escola.

Quadro 15a - O uso da violência/punição física na escola por cidade

Gostaríamos que o(a) sr(a) nos dissesse o que acha, por exemplo, de um professor bater em alunos.

O(a) sr(a) acha que isso seria ou não seria justo se:

| | POA | SAO | RIO | BH | SALV | REC | BEL | MAN | P.VEL | GOIA | |
|---|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|----|
| Se o aluno: | Justo % | justo % | Justo % | justo % | justo % | justo % | justo % | justo % | justo % | justo % | |
| fosse muito desobediente? | | 4 | 2 | 3 | 9 | 5 | 4 | 8 | 12 | 6 | 4 |
| tivesse destruído algum objeto da escola? | | 2 | 5 | 2 | 8 | 7 | 2 | 4 | 11 | 5 | 6 |
| tivesse agredido o professor? | | 17 | 22 | 28 | 45 | 25 | 24 | 38 | 35 | 20 | 20 |

Expectativas em relação aos filhos

O que os pais esperam das crianças e dos jovens quando eles são vítimas em conflitos com colegas? A reação dos entrevistados a essa questão revela em que medida há uma expectativa de que as crianças e jovens revidem a uma agressão física ou recuem dela. Os entrevistados se dividem entre duas posturas: revidar (47%) e recuar (32%). Entretanto se for considerada a terceira alternativa "recuar mas se provocado bater de volta" (15%) verificamos que a divisão tende mais para revidar a agressão. Observa-se também que a atitude favorável ao revidar está presente em todas as faixas etárias, e que a alternativa "procurar uma autoridade", ou seja procurar alguém para mediar o conflito de modo pacífico parece ser praticamente ignorada. Quando essa alternativa é adotada são os entrevistados mais jovens os que mais o fazem.

Quadro 16- Revidar ou evitar agressão por faixa etária

Seu filho é provocado na escola por colegas e chega em casa com o nariz sangrando. O que o(a) sr(a) espera que ele faça?

| Brasil | TOTAL | IDADE | | | | |
|--|-------|------------|------------|------------|----------------|--|
| | % | 16-24 % | 25-34 % | 35-49 % | 50 e mais % | |
| Bata em quem bateu nele, | 47 | 47 | 48 | 46 | 49 | |
| Evite novas brigas, | 32 | 23 | 32 | 36 | 35 | |
| Evite novas brigas, mas se provocado bata de volta, ou | 15 | 22 | 16 | 13 | 10 | |
| Procure uma autoridade | 4 | 6 | 2 | 2 | 3 | |
| Nenhuma destas | 2 | 1 | 1 | 2 | 2 | |
| Não sabe/ Não opinou | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | |

Há forte diferenças entre cidades. Revidar a agressão é maciçamente apoiado em Goiânia (71%), em Belém (68%), Belo Horizonte (57%), Salvador (56%) e Recife (52%). Evitar novas brigas é apoiado em Porto Velho (55%) e em Manaus (41%) cidade onde há uma polarização, pois 50% dos entrevistados nessa localidade também defendem o revidar. É interessante observar que as pesquisas realizadas nos Estados Unidos mostram que no Sul do país - uma região que se diferencia do resto do país pelas altas taxas de violência interpessoal, e por uma maior aplicação da pena de morte (o que tem levado os pesquisadores americanos a buscarem identificar as variáveis culturais que possam explicar essas diferenças)- e onde predomina uma cultura da legítima defesa, o revidar é apoiado por 38% e evitar novas brigas é apoiado por 68% dos entrevistados. Nos estados do Norte dos Estados Unidos essas freqüências são ainda mais significantes: 24% apoiam revidar a agressão e 76% defendem que se evitem novas brigas. (Cohen & Nisbett, 1996).

Quadro 16 a- Revidar ou evitar agressão por cidade

Seu filho é provocado na escola por colegas e chega em casa com o nariz sangrando. O que o(a) sr(a) espera que ele faça?

| | POA | SAO | RIO | BH | SAL | REC | BEL | MAN | P.VEL | GOIA |
|--|-----|-----|-----|----|-----|-----|-----|-----|-------|------|
| Bata em quem bateu nele, | 47 | 40 | 45 | 57 | 56 | 52 | 68 | 50 | 37 | 71 |
| Evite novas brigas, | 34 | 39 | 27 | 25 | 23 | 24 | 19 | 41 | 55 | 20 |
| Evite novas brigas, mas se provocado bata de volta, ou | 13 | 15 | 21 | 18 | 12 | 16 | 10 | 7 | 2 | 4 |
| Procure uma autoridade | 4 | 4 | 4 | 0 | 7 | 6 | 1 | 0 | 5 | 4 |
| Nenhuma destas | 1 | 2 | 2 | 0 | 0 | 2 | 1 | 2 | 0 | 1 |
| Não sabe/ Não opinou | 1 | 1 | 1 | 0 | 2 | 0 | 1 | 0 | 1 | 0 |

Observa-se ainda a contradição entre as expectativas que os entrevistados têm em relação a seus filhos e aquela em relação a outras pessoas que também sofrem agressão. De um professor que é agredido pelo aluno espera-se que ele não revidar a agressão, pois isso seria injusto. Do filho espera-se que revidar a uma agressão de um colega. O que explica essa aparente contradição? O diferencial de

idade e de maturidade? Esperar-se-ia que o professor tendo mais experiência esteja também mais equipado para lidar com a agressão de outra forma, dando por exemplo, uma suspensão e que isso seria um dissuasor eficiente enquanto que crianças e jovens demandariam uma linguagem mais direta- a violência? Outra possibilidade é que, no caso do uso da violência pelo professor, os entrevistados tenham se colocado na posição de pai do aluno agressor e não na posição do professor que foi vítima da agressão (se colocar no lugar do outro). Se esse for o caso as respostas revelariam uma parcialidade dos entrevistados ao aceitarem como mais legítima a violência que vem "corrigir um dano" a um membro de sua família do que aquela que atinge a um terceiro.

É esperado que as pessoas dêem diferentes respostas dependendo do grau de contextualização da pergunta. Por exemplo, no caso do uso da punição física não seria surpresa se ao serem solicitados a definirem como se comportariam frente a situações específicas que houvesse mudança no padrão de resposta. Quando perguntados sobre o que fariam em relação a série de problemas de comportamento de seus filhos verifica-se que a alternativa mais adotada seria "conversar muito". Em segundo lugar buscariam ajuda profissional naqueles tipos de comportamento de desvio que mais percebem como ameaçadores: consumo de drogas, furtar, mentir e grafitar. Porém surpreende a freqüência de resposta: "bater muito" e até mesmo "chamar a polícia". Bater muito é uma alternativa menos rejeitada do que seria esperado pelas respostas que os entrevistados deram à pergunta sobre o uso do bater "para corrigir uma criança desobediente".

Três situações parecem provocar a punição física: grafitação, pequenos furtos e uso de drogas. Essas são também as situações que mais levariam os pais a procurarem ajuda profissional e até mesmo a polícia. Há algumas diferenças nas respostas dos entrevistados por faixa etária e por cidade. Os mais jovens são os que com mais freqüência "proibiriam assistir TV ou estar com amigos" provavelmente por que identificam essas interdições como tendo um caráter mais punitivo do que os grupos mais idosos.

Quadro 17-O que fazer se seu filho... por faixa etária

Vou citar algumas frases que descrevem situações que podem acontecer com todo mundo, e gostaria que o(a) sr(a) me dissesse qual destas atitudes tomaria se:

| Brasil | Bater mto | Conver sar | proibir TV/ami go | Ajuda Profiss | chamar polícia | não sabe |
|--|--------------|---------------|-------------------------|------------------|-------------------|-------------|
| | % | % | % | % | % | % |
| 16-24 anos | | | | | | |
| O(a) sr(a) descobre que seu filho vem mentindo | 2 | 82 | 9 | 7 | 0 | 0 |
| Seu filho é pego furtando pequenas coisas em supermercado | 14 | 56 | 7 | 17 | 5 | 0 |
| O(a) sr(a) descobre que seu filho tem faltado muito às aulas | 5 | 75 | 13 | 7 | 0 | 0 |
| O diretor da escola chama o(a) sr(a) para reclamar que seu filho | 5 | 74 | 13 | 7 | 0 | 0 |
| Seu filho é pego grafitando ou pichando muro | 18 | 56 | 9 | 8 | 7 | 1 |
| O(a) sr(a) encontra seu filho fumando maconha | 15 | 43 | 3 | 29 | 9 | 1 |
| O seu filho fica fora de casa até altas horas | 3 | 82 | 7 | 1 | 3 | 1 |
| 50 e mais anos | | | | | | |
| O(a) sr(a) descobre que seu filho vem mentindo | 2 | 86 | 4 | 6 | 0 | 1 |
| Seu filho é pego furtando pequenas coisas em supermercado | 6 | 77 | 6 | 6 | 3 | 0 |
| O(a) sr(a) descobre que seu filho tem faltado muito às aulas | 3 | 86 | 7 | 2 | 0 | 0 |
| O diretor da escola chama o(a) sr(a) para reclamar que seu filho | 2 | 86 | 8 | 3 | 0 | 0 |
| Seu filho é pego grafitando ou pichando muro | 11 | 76 | 5 | 4 | 2 | 0 |
| O(a) sr(a) encontra seu filho fumando maconha | 6 | 67 | 1 | 21 | 3 | 0 |
| O seu filho fica fora de casa até altas horas | 2 | 90 | 2 | 2 | 1 | 0 |

"Bater muito" é mais defendido, como forma de punir em: Goiânia, Belém, Salvador, Porto Velho e Rio de Janeiro. Sendo que três das cidades são também aquelas onde os entrevistados mais mencionaram terem apanhado com frequência quando crianças. Essa resposta sugere que esses entrevistados incorporaram o padrão de comportamento de seus pais. O comportamento que mais provoca "bater muito" é a grafiteagem. "Chamar a polícia", uma alternativa extrema é uma resposta mais frequente em Belo Horizonte, Belém e Manaus e é mais provocada pelo uso de maconha do que pelo furto em lojas ou pela grafiteagem. Ajuda profissional seria mais adotada em Porto Alegre, Rio de Janeiro e em Belém e frente a dois comportamentos: fumar maconha e praticar pequenos furtos e com menor frequência por grafitar e mentir. O furto em lojas e o uso de maconha parece ser interpretado mais como um problema de desajuste psicológico do que um indicador de problemas com a autoridade e leis. Esses são problemas que parecem ser percebidos como fugindo ao controle e competência dos pais daí resultaria o percentual de respostas de buscar ajuda profissional. Já a grafiteagem parece ser interpretada como um problema de comportamento que poderia ser corrigido com além de conversar-bater. Proibir ou restringir o uso de televisão e o acesso a amigos são punições bem menos frequentes e adotadas como punição por mau comportamento na escola. É interessante também que parece haver diferenças entre cidades no tipo de comportamento que é considerado como mais grave por exemplo os problemas na escola parecem provocar respostas mais duras dos pais em Salvador, Goiânia e Belém do que em outras cidades.

Quadro 17 a - O que fazer se seu filho... por cidade

Vou citar algumas frases que descrevem situações que podem acontecer com todo mundo, e gostaria que o(a) sr(a) me dissesse qual destas atitudes tomaria se:

| | bater mto | Conversar | Proibir | Ajuda | chamar | não sabe |
|--|-----------|-----------|---------|---------|---------|----------|
| | % | % | TV/amig | Profiss | policia | % |
| Porto Alegre | | | | | | |
| O(a) sr(a) descobre que seu filho vem mentindo | 1 | 88 | 5 | 4 | 0 | 1 |
| Seu filho é pego furtando pequenas coisas em supermercado | 5 | 63 | 6 | 20 | 2 | 1 |
| O(a) sr(a) descobre que seu filho tem faltado muito às aulas | 2 | 77 | 12 | 6 | 0 | 2 |
| O diretor da escola chama o(a) sr(a) para reclamar que seu filho | 0 | 78 | 17 | 3 | 0 | 1 |
| Seu filho é pego grafitando ou pichando muro | 10 | 61 | 11 | 7 | 3 | 3 |
| O(a) sr(a) encontra seu filho fumando maconha | 4 | 49 | 3 | 35 | 3 | 5 |
| O seu filho fica fora de casa até altas horas | 3 | 79 | 7 | 2 | 1 | 5 |
| São Paulo | | | | | | |
| O(a) sr(a) descobre que seu filho vem mentindo | 2 | 87 | 6 | 4 | 0 | 0 |
| Seu filho é pego furtando pequenas coisas em supermercado | 10 | 72 | 5 | 9 | 3 | 0 |
| O(a) sr(a) descobre que seu filho tem faltado muito às aulas | 2 | 86 | 7 | 4 | 0 | 0 |
| O diretor da escola chama o(a) sr(a) para reclamar que seu filho | 2 | 86 | 8 | 3 | 0 | 0 |
| Seu filho é pego grafitando ou pichando muro | 10 | 77 | 6 | 3 | 2 | 1 |
| O(a) sr(a) encontra seu filho fumando maconha | 7 | 65 | 1 | 22 | 3 | 1 |
| O seu filho fica fora de casa até altas horas | 2 | 89 | 3 | 2 | 1 | 1 |
| Rio de Janeiro | | | | | | |
| O(a) sr(a) descobre que seu filho vem mentindo | 1 | 86 | 5 | 8 | 0 | 0 |
| Seu filho é pego furtando pequenas coisas em supermercado | 8 | 63 | 6 | 18 | 3 | 1 |
| O(a) sr(a) descobre que seu filho tem faltado muito às aulas | 1 | 80 | 12 | 5 | 0 | 0 |
| O diretor da escola chama o(a) sr(a) para reclamar que seu filho | 1 | 79 | 14 | 4 | 0 | 0 |
| Seu filho é pego grafitando ou pichando muro | 16 | 62 | 9 | 8 | 1 | 1 |
| O(a) sr(a) encontra seu filho fumando maconha | 13 | 46 | 3 | 35 | 2 | 1 |
| O seu filho fica fora de casa até altas horas | 2 | 85 | 6 | 2 | 2 | 2 |
| Belo Horizonte | | | | | | |
| O(a) sr(a) descobre que seu filho vem mentindo | 1 | 79 | 8 | 11 | 0 | 0 |
| Seu filho é pego furtando pequenas coisas em supermercado | 9 | 63 | 6 | 12 | 9 | 1 |
| O(a) sr(a) descobre que seu filho tem faltado muito às aulas | 3 | 81 | 8 | 8 | 0 | 0 |
| O diretor da escola chama o(a) sr(a) para reclamar que seu filho | 2 | 85 | 6 | 7 | 0 | 0 |
| Seu filho é pego grafitando ou pichando muro | 15 | 67 | 6 | 3 | 9 | 0 |
| O(a) sr(a) encontra seu filho fumando maconha | 8 | 48 | 2 | 30 | 11 | 1 |
| O seu filho fica fora de casa até altas horas | 2 | 84 | 8 | 2 | 1 | 0 |

Quadro 17 a - O que fazer se seu filho... por cidade

| | bater mto | Convers ar | proibir TV/amig o | ajuda profiss | chamar policia | não sabe |
|--|-----------|------------|-------------------|---------------|----------------|----------|
| Salvador | | | | | | |
| O(a) sr(a) descobre que seu filho vem mentindo | 5 | 87 | 5 | 3 | 0 | 0 |
| Seu filho é pego furtando pequenas coisas em supermercado | 9 | 71 | 3 | 14 | 3 | 0 |
| O(a) sr(a) descobre que seu filho tem faltado muito às aulas | 7 | 74 | 15 | 2 | 1 | 1 |
| O diretor da escola chama o(a) sr(a) para reclamar que seu filho | 8 | 74 | 14 | 4 | 0 | 0 |
| Seu filho é pego grafitando ou pichando muro | 11 | 70 | 9 | 4 | 4 | 1 |
| O(a) sr(a) encontra seu filho fumando maconha | 4 | 52 | 3 | 30 | 9 | 0 |
| O seu filho fica fora de casa até altas horas | 2 | 84 | 8 | 2 | 1 | 0 |
| Recife | | | | | | |
| O(a) sr(a) descobre que seu filho vem mentindo | 1 | 84 | 7 | 8 | 0 | 0 |
| Seu filho é pego furtando pequenas coisas em supermercado | 11 | 71 | 2 | 15 | 1 | 0 |
| O(a) sr(a) descobre que seu filho tem faltado muito às aulas | 5 | 86 | 7 | 2 | 0 | 0 |
| O diretor da escola chama o(a) sr(a) para reclamar que seu filho | 3 | 86 | 7 | 4 | 0 | 0 |
| Seu filho é pego grafitando ou pichando muro | 14 | 70 | 7 | 9 | 0 | 0 |
| O(a) sr(a) encontra seu filho fumando maconha | 11 | 62 | 1 | 21 | 4 | 0 |
| O seu filho fica fora de casa até altas horas | 1 | 94 | 3 | 2 | 0 | 0 |
| Belém | | | | | | |
| O(a) sr(a) descobre que seu filho vem mentindo | 6 | 84 | 2 | 7 | 0 | 0 |
| Seu filho é pego furtando pequenas coisas em supermercado | 9 | 56 | 4 | 24 | 4 | 1 |
| O(a) sr(a) descobre que seu filho tem faltado muito às aulas | 8 | 79 | 9 | 4 | 0 | 0 |
| O diretor da escola chama o(a) sr(a) para reclamar que seu filho | 6 | 80 | 11 | 3 | 0 | 0 |
| Seu filho é pego grafitando ou pichando muro | 12 | 54 | 12 | 12 | 9 | 0 |
| O(a) sr(a) encontra seu filho fumando maconha | 9 | 53 | 1 | 30 | 7 | 0 |
| O seu filho fica fora de casa até altas horas | 3 | 83 | 7 | 3 | 2 | 0 |
| Manaus | | | | | | |
| O(a) sr(a) descobre que seu filho vem mentindo | 5 | 85 | 6 | 4 | 0 | 0 |
| Seu filho é pego furtando pequenas coisas em supermercado | 14 | 63 | 6 | 12 | 5 | 0 |
| O(a) sr(a) descobre que seu filho tem faltado muito às aulas | 0 | 88 | 8 | 4 | 0 | 0 |
| O diretor da escola chama o(a) sr(a) para reclamar que seu filho | 3 | 87 | 7 | 3 | 0 | 0 |
| Seu filho é pego grafitando ou pichando muro | 9 | 76 | 4 | 2 | 5 | 4 |
| O(a) sr(a) encontra seu filho fumando maconha | 14 | 57 | 2 | 16 | 9 | 2 |
| O seu filho fica fora de casa até altas horas | 0 | 94 | 3 | 2 | 1 | 0 |

Quadro 17 a - O que fazer se seu filho... por cidade

| | bater mto | Conve rsar | proibir TV/amigo | ajuda profiss | chamar polícia | não sabe |
|--|--------------|---------------|---------------------|------------------|-------------------|-------------|
| Porto Velho | | | | | | |
| O(a) sr(a) descobre que seu filho vem mentindo | 4 | 86 | 3 | 7 | 0 | 0 |
| Seu filho é pego furtando pequenas coisas em supermercado | 16 | 61 | 7 | 7 | 8 | 0 |
| O(a) sr(a) descobre que seu filho tem faltado muito às aulas | 4 | 89 | 4 | 3 | 0 | 0 |
| O diretor da escola chama o(a) sr(a) para reclamar que seu filho | 2 | 94 | 2 | 2 | 0 | 0 |
| Seu filho é pego grafitando ou pichando muro | 12 | 78 | 1 | 6 | 3 | 0 |
| O(a) sr(a) encontra seu filho fumando maconha | 13 | 57 | 2 | 19 | 5 | 3 |
| O seu filho fica fora de casa até altas horas | 4 | 94 | 2 | 0 | 0 | 0 |
| Goiânia | | | | | | |
| O(a) sr(a) descobre que seu filho vem mentindo | 3 | 86 | 8 | 3 | 0 | 0 |
| Seu filho é pego furtando pequenas coisas em supermercado | 22 | 56 | 11 | 9 | 1 | 1 |
| O(a) sr(a) descobre que seu filho tem faltado muito às aulas | 12 | 65 | 21 | 2 | 0 | 0 |
| O diretor da escola chama o(a) sr(a) para reclamar que seu filho | 10 | 75 | 13 | 2 | 0 | 0 |
| Seu filho é pego grafitando ou pichando muro | 19 | 52 | 18 | 6 | 2 | 3 |
| O(a) sr(a) encontra seu filho fumando maconha | 10 | 49 | 8 | 25 | 5 | 3 |
| O seu filho fica fora de casa até altas horas | 4 | 78 | 8 | 3 | 2 | 5 |

É interessante observar que o uso da punição física, admitido pelos entrevistados do survey, ainda é inferior ao defendido por entrevistados nos Estados Unidos. Dados de Cohen e Nisbett (1996) mostram que 67% dos entrevistados no Sul dos Estados Unidos e 45% dos outros estados respondem que "bateriam muito" no filho se ele fosse pego furtando pequenas coisas em um supermercado. Ou seja pareceria que, nos Estados Unidos, a violência como forma de punição seria mais aceita do que no Brasil. O que sugere ser os Estados Unidos uma sociedade mais punitiva que a brasileira. Como conciliar essas diferenças na aprovação da violência como forma de punição com as taxas de violência expressas pelas taxas de crimes violentos? Há três vertentes a examinar nesse survey, os valores e normas em relação a violência, as causas atribuídas a violência e a reação dos entrevistados às instituições encarregadas de aplicar as leis.

O que não se pode deixar de sublinhar são as conseqüências do uso da violência como forma de punição dentro da família. As conseqüências são intensas e duradouras - afetam mais de uma geração. A literatura mostra é que esse tipo de punição ocorre, com maior freqüência em certos contextos: em especial em famílias onde há episódios de violência entre os pais, onde as famílias são monoparentais e onde a mãe trabalha fora. Nas famílias onde há violência entre os pais, também há maior problema de relacionamento entre pais e filhos, há pouco diálogo entre os irmãos, há pouca brincadeira entre eles, e pouco lazer familiar. Não surpreende, então, que Assis (1991) tenha observado que a maior violência doméstica está presente naquelas famílias onde é pior o relacionamento entre as pessoas.

O relacionamento dos pais com os filhos tem um outro aspecto importante para a questão da violência tanto no delito quanto nas relações interpessoais: essa relação pode impedir a delinqüência juvenil ou encorajá-la. Pais que têm um bom relacionamento com seu filhos, que acompanham suas vidas, conhecem seus amigos, que supervisionam como é gasto e com quem é gasto o tempo livre de seus filhos, ou seja pais que têm vínculos fortes com seus filhos são pais que tendem a ter menos problemas com seus filhos em termos do envolvimento deles com delinqüência juvenil ou com "gangs": não basta então os pais supervisionarem as atividades dos filhos é necessário que essa supervisão seja parte de uma boa relação⁶. Segundo Emler e Reicher (1995) é esse vínculo com os pais, baseado no afeto, na estima e no respeito mútuo que dá sentido ao bom comportamento dos jovens. Jovens que não se envolvem com "gangs" e em comportamentos violentos são jovens que não querem magoar os pais

⁶ Sampson e Laub, 1994; e Forgatch, 1994.

por que sentem um compromisso, uma responsabilidade por eles. O bom vínculo com os pais seria um forte obstáculo a atos infracionais. Mas esse compromisso é conquistado através do respeito mútuo, algo que exclui a presença da violência dentro da família.

Lares violentos são lares onde as necessidades de proteção e de segurança das crianças não são satisfeitas (Afolayan, 1993). Isso afeta o desenvolvimento emocional das crianças, a participação delas na sociedade e as relações que estabelecem na escola. Esses aspectos vão agravar a sensação de instabilidade para os jovens e aumentar a ansiedade e o stress deles, diminuir sua competência social e afetar o modo como resolvem conflitos (Mathias et al., 1995). Nesses lares as mães tendem a ter menos condição psicológica para controlar a raiva ou a depressão. Essas são emoções que vão encorajar ou a agressividade ou a submissão dos filhos e que terão repercussão nas condutas deles nas escolas (Wall e Holden, 1994). Isso irá prejudicar a adaptação deles a escola (Jaffe et al, 1986) em especial a integração e a interação com colegas (Novy e Donohue, 1985) afetando o desempenho escolar dos filhos, por exemplo, reduzindo a capacidade deles se concentrarem. Em parte porque as crianças de famílias violentas são crianças estressadas.

Para alguns autores⁷ a violência familiar tem mais impacto sobre as crianças e jovens do que a violência no bairro, pois comprometeria o desenvolvimento afetivo e cognitivo deles e não só seu desempenho na escola mas a vida futura inclusive definindo inclusive o padrão de relacionamento familiar que terão no futuro (Hemenway, 1994 e Henning et al, 1996).

A violência doméstica não é, em geral, encarada como um problema pelos jovens que são vítimas dela, ao contrário a literatura internacional mostra que ela é normalizada como sendo parte da linguagem familiar. A primeira consequência da violência familiar é que ela afeta a visão de mundo, o desenvolvimento moral e o mapa social desses jovens (Garbarino et al, 1991), principalmente quando essa violência é acompanhada de separações, de pobreza e de discriminação. A violência doméstica afeta o raciocínio moral de crianças vítimas de violência e não-vítimas difere: aqueles que são vítimas e que são violentos têm uma percepção enviesada - seus julgamentos do que é justo e do que é violência são marcados pela própria experiência- situações de provocação são percebidas como imorais que justificam “dar o troco” com violência e isso irá afetar suas relações interpessoais.

Assim a experiência de serem vítimas de violência os torna mais sensíveis a perceberem diferentes situações como provocações às quais devem responder de forma violenta (Astor, 1994). Hammond e Yung (1993) em revisão da literatura sobre as raízes da violência associam-na a auto-afirmação entre jovens negros nos Estados Unidos: maior a agressividade dos jovens maior a sua a rejeição por outros grupos. Os jovens violentos respondem a essa rejeição com mais comportamentos anti-sociais na tentativa de recuperarem a auto-estima ferida pela rejeição. Os jovens vitimados e vitimadores tendem, com maior frequência, a terem uma baixa auto-estima e maior necessidade em preservar a auto-imagem: muitas brigas e homicídios resultam de disputas por motivos fúteis e relacionados com a manutenção do respeito de outros.

Wilson e Daly (1988) em seu estudo sobre homicídio identificaram que 46% deles foram motivados por retaliações por discussões ou brigas; 16% por competição exacerbada e 12% por ciúmes. A preservação da auto-imagem frente ao grupo de referência é então um poderoso combustível de violência fatal. A percepção desses jovens também é enviesada no que se refere a avaliação que fazem do crime: os agressores são percebidos como merecendo forte respeito, como indivíduos que defenderam a honra da família ou de amigos e não como traficantes e assassinos.

Isso é facilitado pela forma como esses indivíduos mais agressivos percebem suas vítimas e os agressores: as vítimas são percebidas como não sofrendo e os agressores são percebidos como sendo pessoas estranhas (desconhecidas) e ou a polícia, ou seja os jovens violentos subestimam os danos que a violência provoca em suas vítimas e desconhecem que as principais agressões ocorrem entre

⁷Du Rant et all (1994).

conhecidos. Eles também tendem a crer mais que ter uma arma em casa lhes dá segurança. Uma maior exposição à violência dentro da família irá agravar o quadro descrito acima, pois aumenta a ansiedade e a impulsividade dos jovens. Quando seus pais têm baixa escolaridade essas crenças errôneas sobre violência e segurança têm mais impacto sobre a violência dos jovens.

Algumas dessas relações verificadas em pesquisas internacionais serão testadas nas análises sub - seqüentes dos survey, em especial nos cruzamentos entre o tipo de experiência de punição, percepção das causas da violência e expectativas de comportamento para si e para seus filhos e em relação aos agentes encarregados da aplicação das leis. A seguir são examinadas as respostas que os entrevistados dão às questões sobre os tipos de violência que são considerados justos .

Os valores e as normas em relação a violência/agressão

O uso da força é algo considerado aceitável pelos entrevistados? Se sim, quais são as condições nas quais esse uso seria visto como legítimo? Disputas, conflitos interpessoais, insultos podem ser resolvidos ou reparados pelo uso da agressão física? A maioria dos entrevistados considera injusto o uso da força física em para resolver disputas e ou reparar danos causados por ofensas contra eles ou sua reputação ou de seus familiares. Em nenhuma dessas circunstâncias seria correto o uso da força. Deve-se notar que o grupo mais jovem aparenta ser menos coeso na rejeição ao uso da força física para reparar danos e ofensas. Assim esse grupo aparenta ter alguma predisposição para aceitar certas formas de agressão física como legítimas. Um em cada 3 jovens acha justo que se agrida alguém que ofendeu a mãe deles, 1 em cada 5 acha justo agredir quem mexe com a namorada ou quem suspeita de sua honestidade. Dentre os mais jovens encontram-se, então alguns mais vulneráveis a responder a insultos e agressões verbais ou a comportamentos que julguem ofensivos como uso da força. Essa susceptibilidade não é desprezível, pois pelo que foi relatado por eles na exposição à violência o tipo de agressão mais comum e mais freqüente que experimentam é agressão verbal: 29% deles citaram que foram agredidos com palavras de baixo calão nos 12 meses que antecederam a pesquisa. Dado que esse também é o grupo que mais relata ter menos autocontrole, (como será tratado a seguir) é possível que as oportunidades para conflitos que se tornam confrontos violentos não sejam desprezíveis.

Quadro 18- Uso da força física por faixa etária

E numa situação em que uma pessoa insulta outra, na sua opinião, é justo ou não é justo que a pessoa que sofre o insulto agrida a outra fisicamente:

Brasil

| | IDADE | | | | |
|--|---------|---------|---------|---------|-----------|
| | Justo % | Justo % | justo % | justo % | Justo % |
| | TOTA L | 16-24 | 25-34 | 35-49 | 50 e mais |
| Só quando a outra xingou a mãe | 20 | 35 | 21 | 11 | 15 |
| Só quando a outra MEXEU com o namorado ou a namorada, o esposo/a | 15 | 21 | 15 | 9 | 14 |
| Só quando a outra XINGOU o namorado ou a namorada, o esposo/a | 12 | 17 | 12 | 8 | 12 |
| Só quando a outra disse que ele não era homem, ou que ela não era mulher | 11 | 18 | 11 | 7 | 10 |
| Só quando a outra disse que ele ou ela era ladrão ou ladra | 13 | 20 | 12 | 11 | 11 |
| Só quando a outra disse que ele ou ela era mentiroso ou mentirosa | 6 | 8 | 6 | 4 | 5 |
| Em qualquer situação | 7 | 9 | 7 | 7 | 8 |

Há pouca diferença entre as cidades (ver quadro 18a). Em geral há pouca percepção de que é justo responder a insultos de modo violento, mas há variações importantes. Os entrevistados de Belém parecem apresentar uma maior sensibilidade a ofensas contra a mãe e à própria honestidade- 35% deles acharia justo agredir o responsável ofensas à mãe e 23% quem os chamasse de ladrão. Em Goiânia quase 1/3 dos entrevistados aceita que se agrida alguém que ofendesse a mãe deles, 1/5 acharia justo agredir quem mexesse com suas esposas, os chamassem de ladrões ou que questionassem a

virilidade deles. Algo semelhante ocorre em Porto Velho e em Recife. De modo geral ofensas a mãe, a integridade pessoal e a virilidade seriam os contextos onde a agressão física seria menos rejeitada.

Quando comparados com entrevistados nos Estados Unidos verifica-se que lá há mais aceitação do uso da agressão física nessas situações de insultos e ofensas do que entre os entrevistados do survey. Essa maior aceitação ocorre tanto no sul dos Estados Unidos quanto em outros estados. Nos Estados Unidos há menor predisposição para se agredir alguém porque mexeu com a namorada/esposa (aceito como justo por 10% dos sulistas e por 3% nos outros estados), porém há maior aceitação que se agrida alguém que questionou a virilidade do entrevistado (justo para 26% dos sulistas e 18% dos não sulistas) ou porque teve a honestidade questionada - foi chamado de mentiroso por 12% nos dois grupos. Se os entrevistados do survey não apresentam maior predisposição para aceitarem a agressão física para reparar danos a sua auto-estima do que entrevistados dos Estados Unidos como se comportam em relação a situações mais ameaçadoras?

Quadro 18 a- Uso da força física por faixa etária por cidade

E numa situação em que uma pessoa insulta outra, na sua opinião, é justo ou não é justo que a pessoa que sofre o insulto agrida a outra fisicamente:

| | POA | SAO | RIO | BH | SAL | REC | BEL | MAN | P.VEL | GOI |
|---|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| | justo | justo | justo | justo | justo | justo | justo | justo | justo | justo |
| Só quando a outra xingou a mãe | 7 | 18 | 23 | 17 | 21 | 19 | 35 | 21 | 27 | 29 |
| Só quando a outra MEXEU com o namorado(a), o esposo/a | 12 | 14 | 15 | 15 | 13 | 20 | 14 | 11 | 16 | 21 |
| Só quando a outra disse que ele ou ela era ladrão ou ladra | 5 | 10 | 17 | 17 | 12 | 14 | 23 | 14 | 13 | 20 |
| Só quando a outra XINGOU o namorado(a), o esposo/a | 5 | 13 | 14 | 9 | 10 | 13 | 13 | 8 | 11 | 16 |
| Só qdo a outra disse que ele ã era homem, ou que ela ã era mulher | 3 | 8 | 15 | 17 | 11 | 12 | 14 | 11 | 12 | 22 |
| Em qualquer situação | 7 | 6 | 8 | 10 | 9 | 12 | 4 | 10 | 6 | 11 |
| Só quando a outra disse que ele ou ela era mentiroso ou mentirosa | 3 | 5 | 6 | 5 | 2 | 10 | 7 | 7 | 10 | 10 |

A violência, se usada para se garantir a integridade física pessoal ou da moradia, seria mais justa do que aquela para defender a honra. Já a violência para obter a obediência de outros é rejeitada como injusta. Há algumas diferenças entre grupos etários e entre cidades: o uso da violência para se defender ou defender a própria moradia é mais percebida como justa entre os entrevistados mais jovens do que entre os mais velhos, enquanto a violência para defesa da honra é mais aceita entre os entrevistados de mais idade. Assim para os jovens é legítimo o uso da violência para se protegerem, já para os mais velhos a defesa da honra seria um motivo mais legítimo para o uso da violência. Esse dado se soma a outros que apontam para diferenças entre gerações nos valores em relação a violência.

Quadro 19- A violência justa e a injusta por faixa etária

As pessoas têm diferentes idéias sobre o que é justo e injusto. Para o(a) sr(a) é justo ou injusto :

| Usar violência: | IDADE | | | | |
|-----------------------------|---------|---------|---------|-----------|----|
| | Justo % | Justo % | Justo % | justo % | |
| TOTAL | 16-24 | 25-34 | 35-49 | 50 e mais | |
| Para proteger a si mesmo ? | 43 | 51 | 39 | 39 | 45 |
| Para proteger sua casa ? | 43 | 51 | 40 | 38 | 43 |
| Para defender a sua honra ? | 37 | 37 | 33 | 34 | 46 |
| Para que outros obedeçam ? | 6 | 4 | 7 | 6 | 6 |

A legítima defesa e a defesa da moradia são ações mais percebidas como justas em Porto Alegre e em Belo Horizonte (ver quadro 19 a). Em Salvador, Manaus, Goiânia e Belém há mais consenso quanto a justiça de se usar a violência para se defender a moradia do que a si mesmo. Por fim, o uso da violência para a defesa da honra é mais fortemente apoiada em Salvador, Manaus e Goiânia. Essas diferenças fortalecem a hipótese, a ser examinada nas análises seguintes, sobre a existência de padrões culturais locais que decorrem de processos de socialização específicos.

Quadro 19 a- A violência justa e a injusta por faixa etária por cidade

As pessoas têm diferentes idéias sobre o que é justo e injusto. Para o(a) sr(a) é justo ou injusto :

| | POA | SAO | RIO | BH | SALV | REC | BEL | MAN | P.VEL | GOIA |
|--|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| | justo | Justo | justo | Justo | Justo | justo | justo | Justo | justo | justo |
| Usar violência para proteger a si mesmo ? | 65 | 41 | 44 | 46 | 41 | 44 | 31 | 45 | 36 | 42 |
| Usar violência para proteger sua casa ? | 59 | 41 | 39 | 44 | 50 | 43 | 39 | 48 | 28 | 43 |
| Usar violência para defender a sua honra ? | 31 | 39 | 32 | 39 | 45 | 39 | 32 | 42 | 28 | 42 |
| Usar violência para que outros obedeçam ? | 1 | 5 | 6 | 2 | 8 | 12 | 6 | 8 | 6 | 9 |

As idéias sobre o que é justo ou injusto no uso da violência para prevenir/impedir a violência ou para reparar danos também podem ser exploradas através das respostas a escalas de atitudes, mensurando-se o quanto os entrevistados concordam ou discordam de frases que definem certas situações. Nestas escalas pode-se especificar mais qual violência física: se bater ou provocar danos mais sérios inclusive matar. Em particular pode-se examinar em que medida a autodefesa é percebida como um direito legítimo. Isso foi feito no survey. Aos entrevistados foi apresentada uma lista de frases sobre o direito de tirar a vida de e o de punir fisicamente alguém compete pela(o) companheira(o). De modo geral as respostas revelam que os entrevistados concordam muito que tirar a vida de alguém em defesa da família é um direito até mais consensual do que a defesa própria. Os entrevistados rejeitam o uso da violência fatal para defender bens (que é diferente de defender a casa) ou para reparar danos causados por disputas ou traições amorosas. Rejeita-se de modo quase unânime que o uso da violência possa prevenir a violência. A posse de armas também é rejeitada pela maioria dos entrevistados como fonte de segurança quer pessoal quer de suas casas. Em termos de faixa etária os resultados mostram que de modo geral a aceitação do direito de matar em legítima defesa ocorre de modo mais acentuado entre os mais jovens e os mais velhos. Este último grupo é também o que mais aceita matar em defesa dos bens: 1/4 dos entrevistados mais idosos concordam muito com esse "direito". Os entrevistados mais jovens se diferenciam dos outros grupos por não rejeitarem de modo unânime o uso da violência nas disputas afetivas, o uso da violência para prevenir a violência e a eficácia do uso/posse de armas.

Nesse tópico as crenças sobre as armas, cabe uma ressalva: dentre os poucos que acreditam na eficiência das armas estão dois extremos- os mais jovens e os mais velhos. Essa crença na eficiência das armas para auto proteção ainda é muito inferior àquela observada nos Estados Unidos, onde 37% dos entrevistados nos estados do Sul e 18% dos entrevistados em outros estados dizem concordar muito que "Ter uma arma em casa torna a casa mais segura". Os jovens entrevistados se aproximam desse percentual de aprovação (17% concorda muito e 11% concorda em parte- 28% de concordância). Assim como referido anteriormente há uma série de crenças mantidas por grupos de jovens que aumentam a vulnerabilidade deles a situações de violência: acreditar que a violência é justa, que é um tipo de retribuição que funciona como uma de se reparar danos a auto-estima, removendo as marcas de insultos e ofensas é estar mais disponível para responder a provocações com violência.

Usar da violência para resolver disputas afetivas e/ou reparar danos causados por traições também é um tipo de uso da violência muito rejeitado pela maioria dos entrevistados. A rejeição é menor entre os jovens onde quase 1/5 deles concorda muito que uma mulher infiel ao marido deve apanhar, os dados sugerem que a rejeição ao uso da violência nas relações afetivas cresceria com a idade. Isso seria coerente com o visto até o momento- menor rejeição da violência entre os mais jovens como uma regra. Isso aponta para a possibilidade de que o processo de amadurecer implica também no desenvolvimento de um maior auto controle em relação a impulsos agressivos.

Quadro 20- Crenças sobre o uso da violência

Para cada uma das frases que eu citar, gostaria que o(a) sr(a) me dissesse se o(a) sr(a) concorda, discorda, ou se a frase lhe é indiferente:

| | IDADE | | | | |
|--|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| | cda total % | Cda total % | cda total % | Cda total % | cda total % |
| | TOTAL | 16-24 | 25-34 | 35-49 | 50 e mais |
| Brasil | | | | | |
| <u>Autodefesa</u> | | | | | |
| Uma pessoa tem o direito de matar outra para se defender | 38 | 39 | 33 | 38 | 42 |
| Uma pessoa tem direito de matar para defender sua família | 42 | 43 | 38 | 41 | 45 |
| Uma pessoa tem direito de matar para defender seus bens | 19 | 18 | 16 | 19 | 24 |
| Com freqüência é necessário usar a violência para prevenir a violência | 7 | 12 | 7 | 6 | 5 |
| <u>Relações afetivas</u> | | | | | |
| Um homem tem direito de agredir outro que esteja tentando seduzir sua mulher | 11 | 15 | 11 | 7 | 10 |
| Se um homem foi infiel a sua mulher, ele merece apanhar | 12 | 18 | 13 | 9 | 10 |
| Se uma mulher foi infiel ao seu marido, ela merece apanhar | 13 | 19 | 12 | 9 | 10 |
| Uma mulher tem direito de agredir outra que esteja tentando seduzir seu marido | 9 | 10 | 8 | 7 | 7 |
| <u>Armas</u> | | | | | |
| Ter uma arma em casa torna a casa mais segura | 11 | 17 | 9 | 8 | 12 |
| Carregar uma arma faz com que a pessoa esteja mais segura | 7 | 12 | 5 | 6 | 7 |

As comparações com os dados estadunidenses como os dados do survey mostram que o padrão do que seria violência fatal aceitável é o mesmo: lá como aqui há maior consenso quanto ao direito à defesa da família seguido da defesa própria e por fim a defesa dos bens. O que difere é o grau de concordância: há uma concordância mais forte entre os entrevistados nos Estados Unidos do que entre os entrevistados do survey quanto a legitimidade do direito de uso da violência fatal. No Sul dos Estados Unidos, matar em defesa da família recebe 80% de forte aprovação enquanto nos outros estados esse gesto é aprovado por 67% dos entrevistados. Matar em defesa própria é aprovada por 70% dos sulistas e por 57% dos moradores em outros estados. Matar em defesa dos bens é aprovado por 36% dos sulistas e 18% dos moradores de outros estados. (Cohen e Nisbett, 1996) Mais ainda, 54% dos sulistas e 52% dos respondentes de outros estados concordam que "com freqüência é necessário usar a violência para prevenir a violência". Esses dados são utilizados por Cohen & Nisbett (1996) para explorar hipóteses sobre a relação entre a crença na violência como forma de auto-proteção e a legitimação do uso da violência como forma de controle social. A forte crença no uso violência em auto defesa foi correlacionada por Cohen e Nisbett (1996) com as expectativas que os habitantes das duas áreas do país têm em relação a comportamentos dos filhos (e a respectivas práticas disciplinares) e com a avaliação que fazem do que seria violência legítima por parte da polícia.

Diferenças notáveis existem no survey entre as cidades pesquisadas (ver quadro 20a). A aprovação do uso da violência fatal em defesa da família e de si mesmo é muito maior em Manaus (66% e 62% respectivamente) em Porto Velho (64% e 53%), em Porto Alegre (51% e 46%) e em Recife (51% e 43%). A violência fatal em defesa dos bens é menos rejeitada em Porto Velho (32% de aceitação), Recife (28%), Goiânia (26%) e Manaus (25%). O mesmo ocorre com o uso da "violência para prevenir violência" - enquanto no geral apenas 7% dos entrevistados concorda muito com essa frase, 31% (5 vezes o percentual total) dos entrevistados de Manaus concordam muito com essa idéia.

Manaus também se diferencia por apresentar o dobro do percentual da amostra, de entrevistados que concordam que "Ter uma arma em casa a torna mais segura" (22%) e "que carregar uma arma faz com que a pessoa esteja mais segura (17%)". Mais crenças sobre o uso das armas estão arroladas em seguida. Essas diferenças exigem análises estatísticas refinadas para que possamos

compreendê-las, e até mesmo de estudos qualitativos complementares. A literatura aponta para o fato de que, nos Estados Unidos, uma maior crença nas armas associada a uma maior a legitimidade de se matar em defesa da família e em defesa própria tendem a ocorrer em localidades onde o Estado não conseguiu fazer com que a população se sentisse protegida pelas forças encarregadas de aplicar as leis. Nesses contextos a população se viu obrigada a desenvolver meios de auto defesa que com o tempo se cristalizam em comportamentos que são socialmente aceitáveis e que sobrevivem a mudanças na capacidade do Estado de proteger os cidadãos. Assim, uma vez enraizados, esses repertórios de comportamento de auto proteção das pessoas não seriam automaticamente abandonados por todos quando o Estado passa a conseguir dar uma proteção mais universal, mas sobreviveriam como "direitos inalienáveis". É possível que um processo semelhante tenha ocorrido no Brasil em especial nas regiões de fronteira, naquelas localidades de ocupação mais recente e mais distantes dos centros decisórios do país onde a presença do Estado, historicamente foi mais tênue, quer em termos do número de efetivos policiais que em termos da presença do sistema de justiça criminal como um todo.

A violência para resolver disputas afetivas também é menos rejeitada nas seguintes cidades: Salvador (onde 25% dos entrevistados concordam muito que a mulher infiel ao marido deve apanhar, e 16% que um homem tem o direito de agredir outro homem que esteja tentando seduzir sua mulher), Manaus (onde 21% 19% respectivamente concordam muito em se reparar danos pela infidelidade conjugal pelo uso da força) e Porto Alegre (18% e 10%). Porto Alegre difere das duas outras cidades por que igual percentual de respondentes defendem que tanto a mulher quanto o marido têm o direito de agredir um companheiro(a) infiel. A aprovação do uso do da violência para reparar danos a auto estima, aprovado por 1/5 dos entrevistados em Salvador e Manaus revela que, além da menor rejeição ao uso da violência como forma de retribuição/reparação, sobrevivem nessas cidades formas de machismo mais transparentes do que nas outras cidades pesquisadas.

Quadro 20 a- Crenças sobre o uso da violência por cidade

Para cada uma das frases que eu citar, gostaria que o(a) sr(a) me dissesse se o(a) sr(a) concorda, discorda, ou se a frase lhe é indiferente:

| | POA | SAO | RIO | BH | SAL | REC | BEL | MAN | P.VE | GOI |
|---|---------------|--------------|--------------|---------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|
| | <i>cda.to</i> | <i>cda.</i> | <i>cda.</i> | <i>cda.to</i> | <i>cda.</i> | <i>cda.</i> | <i>cda.</i> | <i>cda.</i> | <i>cda.</i> | <i>Cda.</i> |
| | <i>tal</i> | <i>total</i> | <i>total</i> | <i>tal</i> | <i>total</i> | <i>total</i> | <i>total</i> | <i>total</i> | <i>total</i> | <i>total</i> |
| <u>Autodefesa</u> | | | | | | | | | | |
| Uma pessoa tem o direito de matar outra para se defender | 46 | 42 | 26 | 31 | 43 | 43 | 35 | 62 | 53 | 39 |
| Uma pessoa tem direito de matar para defender sua família | 51 | 42 | 35 | 30 | 45 | 51 | 34 | 66 | 64 | 45 |
| Uma pessoa tem direito de matar para defender seus bens | 15 | 21 | 15 | 15 | 14 | 28 | 15 | 25 | 32 | 26 |
| Com freqüência é necessário usar a violênc.p/ prevenir a violênc. | 4 | 6 | 6 | 5 | 10 | 7 | 5 | 31 | 7 | 12 |
| <u>Relações afetivas</u> | | | | | | | | | | |
| Um homem tem direito de agredir outro homem que esteja tentando seduzir sua mulher | 10 | 11 | 8 | 10 | 16 | 9 | 8 | 19 | 13 | 11 |
| Se um homem foi infiel a sua mulher, ele merece apanhar | 18 | 14 | 8 | 7 | 18 | 9 | 8 | 17 | 11 | 10 |
| Se uma mulher foi infiel ao seu marido, ela merece apanhar | 18 | 13 | 7 | 8 | 25 | 12 | 6 | 21 | 13 | 11 |
| Uma mulher tem direito de agredir outra mulher que esteja tentando seduzir seu marido | 8 | 11 | 6 | 8 | 13 | 10 | 6 | 14 | 15 | 11 |
| <u>Armas</u> | | | | | | | | | | |
| Ter uma arma em casa torna a casa mais segura | 12 | 10 | 9 | 10 | 15 | 15 | 10 | 22 | 15 | 13 |
| Carregar uma arma faz com que a pessoa esteja mais segura | 5 | 6 | 5 | 13 | 10 | 10 | 8 | 17 | 12 | 10 |

A auto proteção é o motivo mais apontado como o motivo mais importante para as pessoas usarem armas. Outros motivos tais como aumentar a própria força, ou relativos ao gerenciamento da impressão- a imagem da si mesmos que projetam para o mundo, imitação e até mesmo a resolução de

conflitos seriam menos importantes. Implícito no motivo auto proteção está uma aceitação da posse de armas, pois como visto, a auto defesa é muito aprovada por cerca de 40% dos entrevistados. Não quer dizer que todos que aprovam a auto defesa, achem que as pessoas podem ou devem usar armas para se defender (isso será testado) mas é possível que haja tal superposição. Não há diferença entre as faixas etárias, mas há entre cidades.

Quadro 21- Crenças sobre o uso de armas

As pessoas usam armas por diferentes motivos. Vou lhe apresentar alguns deles e gostaria que o(a) sr(a)

Dissesse qual, na sua opinião, é a mais importante:

| Brasil | IDADE | | | | |
|-------------------------|-------|-------|-------|-------|-----------|
| | % | % | % | % | % |
| | TOTAL | 16-24 | 25-34 | 35-49 | 50 e mais |
| Se proteger | 34 | 32 | 30 | 34 | 38 |
| Se sentir forte | 22 | 23 | 24 | 24 | 15 |
| Impressionar os colegas | 17 | 16 | 20 | 14 | 17 |
| Se sentir importantes | 12 | 14 | 12 | 11 | 14 |
| Imitar os outros | 5 | 6 | 5 | 5 | 4 |
| Resolver disputas | 7 | 8 | 6 | 6 | 6 |

A crença no uso das armas como forma de auto proteção é maior em Belém (49%) e em Belo Horizonte e Salvador (39%). Usar armas para se sentir forte é considerado o mais importante motivo de uso por 1/4 dos entrevistados do Rio de Janeiro (26%), impressionar os colegas seria o motivo para 1/5 dos entrevistados de Manaus (21%), resolver disputas por 17% dos entrevistados de Porto Alegre e 15% de Goiânia. Além disso a imitação é mais apontada como o mais importante motivo de uso de armas em Belo Horizonte e Porto Velho (12%). Essas diferenças, nas crenças sobre o uso de armas, podem decorrer de diferenças nos contextos locais. Essas crenças podem estar enraizadas em diferenças na experiência pessoal dos entrevistados ou nas representações coletivas que circulam em suas cidades. O que se tem que levar em conta é que mensagens para se motivar as pessoas a abandonar o uso de armas terão que considerar as diferenças locais, ou seja parece haver a necessidade de se adaptar temas/textos das campanhas em prol do desarmamento às crenças que predominam nas diferentes cidades de modo a se garantir a eficácia delas.

Quadro 21a - Crenças sobre o uso de armas por cidade

As pessoas usam armas por diferentes motivos. Vou lhe apresentar alguns deles e gostaria que o(a) sr(a)

Dissesse qual, na sua opinião, é a mais importante:

| | POA | SAO | RIO | BH | SALV | REC | BEL | MAN | P.VEL | GOIA |
|-------------------------|-----|-----|-----|----|------|-----|-----|-----|-------|------|
| | % | % | % | % | % | % | % | % | % | % |
| Se proteger | 33 | 30 | 34 | 39 | 39 | 35 | 49 | 32 | 22 | 33 |
| Se sentir forte | 15 | 23 | 26 | 23 | 16 | 18 | 14 | 18 | 20 | 19 |
| Impressionar os colegas | 15 | 20 | 16 | 9 | 19 | 14 | 13 | 21 | 18 | 14 |
| Se sentir importantes | 14 | 13 | 11 | 10 | 12 | 20 | 11 | 10 | 14 | 11 |
| Imitar os outros | 5 | 6 | 3 | 12 | 2 | 3 | 4 | 7 | 12 | 5 |
| Resolver disputas | 17 | 4 | 8 | 5 | 9 | 4 | 5 | 9 | 11 | 15 |

Os resultados do survey novamente diferem das pesquisas nos Estados Unidos. Everett et al. (1995) em pesquisas junto a jovens verificou que o uso de armas era percebido como tendo por finalidade: impressionar os amigos (52%), preservar/aumentar a auto-estima (50%), auto-proteção (38%), imitação (28%) e para machucar alguém (25%). A influência do grupo, e da imagem pública da pessoa como pressão para portar armas, pareceria ser muito maior sobre os jovens estadunidenses do que sobre os jovens brasileiros.

No que se refere ao auto controle observa-se que os dados reiteram o sugerido acima, que o consenso sobre a capacidade dos entrevistados lidarem com situações tensas sem perderem o controle sobre suas emoções cresce com a idade. Os entrevistados mais idosos têm mais certeza que sempre se mantêm em controle em situações de conflito. Os entrevistados têm mais certeza sobre a capacidade de se controlarem frente a uma criança e em situações de conflito em geral do que frente ao companheiro(a). A expressiva maioria também não apresenta uma hipersensibilidade a situações que poderiam ser interpretadas como de risco: ser machucado por alguém ou insultado.

Quadro 22- Auto controle por faixa etária

Com qual destas freqüências o(a) sr(a), pessoalmente, acha que:

| Brasil | TOTAL | IDADE | | | |
|--|----------|----------|----------|----------|-----------|
| | | 16-24 | 25-34 | 35-49 | 50 e mais |
| | Sempre % | Sempre % | Sempre % | Sempre % | Sempre % |
| Se preciso chamar atenção de uma criança consegue conversar com ela sem gritar e bater | 57 | 53 | 53 | 53 | 70 |
| Controla-se para não brigar | 54 | 44 | 51 | 54 | 67 |
| Se tem um problema sério com seu(sua) esposo(a) Conversa sem ficar zangado | 39 | 36 | 31 | 36 | 53 |
| Se machucado por alguém, acha que foi de propósito | 5 | 8 | 4 | 4 | 4 |
| Se insultado por alguém, parte para a briga | 5 | 6 | 5 | 3 | 4 |

Entrevistados de Manaus, Porto Velho e Salvador são os que mais revelam auto controle frente a uma criança. Em Porto Velho, Manaus, Goiânia e Recife há mais certeza sobre o auto controle para "não brigar" e em Goiânia os entrevistados revelam que nem sempre conseguem se manter "não raivosos" frente ao companheiro.

Quadro 22a - Auto controle por cidade

| | POA | SAO | RIO | BH | SAL | REC | BEL | MAN | P.VE | GOIA |
|--|-----|-----|-----|----|-----|-----|-----|-----|------|------|
| Total | | | | | V | | | L | | |
| Se preciso chamar atenção de uma criança conversa com ela sem gritar e bater | 57 | 56 | 56 | 57 | 52 | 61 | 55 | 59 | 68 | 63 |
| Controla-se para não brigar | 54 | 49 | 54 | 54 | 42 | 49 | 62 | 49 | 70 | 77 |
| Se tem um problema sério com seu(sua) esposo(a) conversa sem ficar zangado | 39 | 41 | 38 | 38 | 39 | 39 | 42 | 38 | 46 | 47 |
| Se machucado por alguém, acha que foi de propósito | 5 | 2 | 4 | 4 | 5 | 11 | 12 | 4 | 8 | 1 |
| Se insultado por alguém, parte para a briga | 5 | 2 | 3 | 6 | 4 | 5 | 12 | 2 | 5 | 11 |

Situações sociais tensas, situações que envolvem um potencial de conflito interpessoal e até mesmo de provocarem delitos, têm que tipo de solução/retribuição ou de reparo de danos aprovado? Foram apresentadas várias situações de conflito e até mesmo de vitimização para os entrevistados examinarem e avaliarem se aprovariam ou não as respostas dadas pelas próprias vítimas dessas agressões, ou seus parentes, aos responsáveis pelo ato de agressão. A maioria dos entrevistados não aprovaria uma reação mais agressiva em resposta a um delito mas um percentual ponderável entenderia uma resposta agressiva. Coerentemente com o que consideram ser um dos crimes que mais exigem punição, o "estupro de uma filha" poderia ser punido com atos de violência contra o agressor, até mesmo com a morte dele. A morte de um acusado de estupro, como vingança, é aprovada por mais de 1/3 dos entrevistados⁸ sendo ainda que 41% deles "não aprova, mas entende" esse gesto. A "morte de pessoas que amedrontam um bairro" é a segunda situação mais aprovada, seguida de se "xingar alguém que fura uma fila". Há pouca diferença entre faixas etárias nas respostas, o grupo mais jovem se

⁸ Cohen e Nisbett (1996) mostram que nos Estados Unidos essa aprovação é de 47% nos estados do Sul do país e de 26% nos outros estados.

destaca apenas por aprovar mais que os outros grupos a eliminação de alguém que amedronta um bairro.

Quadro 23- Agressões e violências justificadas

Eu vou citar algumas situações que o(a) sr(a) já pode ter presenciado, e q. podem prov. reação nas pessoas. Para cada uma delas, gostaria de saber se:

Brasil

| | TOTAL | IDA | | DE | | 25- | | 35- | | 50 e | |
|--|-------|------------------|--------|------------------|-----------|------------------|--------|------------------|--------|------------------|--|
| | | 16-24 | 25-34 | 35-49 | 50 e mais | 25-34 | 35-49 | 50 e mais | | | |
| | Aprov | Não, mas Entende | Aprova | não, mas Entende | Aprova | Não, mas Entende | Aprova | não, mas entende | Aprova | não, mas Entende | |
| | % | % | % | % | % | % | % | % | % | % | |
| Se uma pessoa fura uma fila e alguém a xinga | 23 | 49 | 26 | 48 | 21 | 52 | 23 | 50 | 24 | 47 | |
| Suponha q. uma pessoa machuque seria. quem transou com seu companheiro. | 10 | 38 | 9 | 37 | 15 | 38 | 9 | 41 | 10 | 33 | |
| Suponha q. uma pessoa mate por vingança quem violentou a filha dele ou dela. | 35 | 41 | 33 | 41 | 38 | 39 | 32 | 39 | 34 | 46 | |
| Se uma pessoa amedronta seu bairro e alguém a mata. | 28 | 37 | 32 | 40 | 29 | 34 | 26 | 41 | 26 | 42 | |
| Se um grupo de pessoas começa a matar gente "indesejada" | 13 | 25 | 16 | 24 | 10 | 26 | 12 | 26 | 13 | 22 | |

Há bastante diferença entre cidades (ver quadro 23a): Manaus se destaca por apresentar mais consenso na aprovação de todas as respostas de retribuição à agressão que o restante das cidades: do xingar alguém que fura uma fila, ao matar "pessoas indesejadas". Recife se destaca por também aprovar mais as respostas de retaliação mas com menor intensidade que Manaus. Furar filas é uma transgressão que parece provocar uma resposta mais irada em Porto Alegre que em outras cidades. Eliminar pessoas que amedrontem um bairro recebe mais aprovação em Salvador, Manaus e Recife. A vingança por estupro é mais aprovada em Manaus, Porto Alegre e Porto Velho. A eliminação de "pessoas indesejáveis" é mais aprovada em Manaus e Recife.

Quadro 23a - Agressões e violências justificadas por cidade

Eu vou citar algumas situações que o(a) sr(a) já pode ter presenciado, e que podem provocar uma reação nas pessoas. Para cada uma delas, gostaria de saber se:

| | TOTAL | CIDADE | | | | | | | | | | |
|--|--------|------------------|--------------------|------------------|--------------------|------------------|--------------------|------------------|--------------------|------------------|--------------------|------------------|
| | | POA | SAOI | RJ | BH | SALV | | | | | | |
| | aprova | Não, mas entende | Aprova mas entende | não, mas entende | Aprova mas entende | não, mas entende | aprova mas entende | não, mas entende | aprova mas entende | não, mas entende | Aprova mas entende | não, mas entende |
| | % | % | % | % | % | % | % | % | % | % | % | % |
| Se uma pessoa fura uma fila e alguém a xinga | 23 | 49 | 42 | 44 | 24 | 45 | 16 | 59 | 32 | 46 | 16 | 58 |
| Suponha q. uma pessoa machuque seriam. quem transou com seu companheiro. | 10 | 38 | 10 | 48 | 13 | 38 | 9 | 40 | 9 | 36 | 6 | 37 |
| Suponha q. uma pessoa mate por vingança quem violentou a filha dele ou dela. | 35 | 41 | 41 | 38 | 35 | 39 | 36 | 46 | 26 | 38 | 35 | 47 |
| Se uma pessoa amedronta seu bairro e alguém a mata. | 28 | 37 | 24 | 43 | 29 | 31 | 28 | 42 | 18 | 39 | 36 | 51 |
| Se um grupo de pessoas começa a matar gente "indesejada" | 13 | 25 | 4 | 33 | 13 | 19 | 13 | 33 | 7 | 16 | 10 | 29 |

| | TOTAL | CIDADE | | | | | | | | | | |
|--|--------|------------------|--------------------|------------------|--------------------|------------------|--------------------|------------------|--------------------|------------------|--------------------|------------------|
| | | REC | BEL | MAN | P. VEL | GOIA | | | | | | |
| | aprova | não, mas entende | Aprova mas entende | não, mas entende | aprova mas entende | não, mas entende | aprova mas entende | não, mas entende | aprova mas entende | não, mas entende | Aprova mas entende | não, mas entende |
| | % | % | % | % | % | % | % | % | % | % | % | % |
| Se uma pessoa fura uma fila e alguém a xinga | 23 | 49 | 37 | 44 | 16 | 46 | 35 | 41 | 24 | 55 | 10 | 45 |
| Suponha q. uma pessoa machuque seriam. quem transou com seu companheiro. | 10 | 38 | 16 | 41 | 4 | 35 | 20 | 33 | 12 | 66 | 2 | 31 |
| Suponha q. uma pessoa mate por vingança quem violentou a filha dele ou dela. | 35 | 41 | 33 | 41 | 33 | 37 | 43 | 26 | 41 | 52 | 27 | 36 |
| Se uma pessoa amedronta seu bairro e alguém a mata. | 28 | 37 | 32 | 38 | 20 | 31 | 40 | 24 | 24 | 50 | 19 | 38 |
| Se um grupo de pessoas começa a matar gente "indesejada" | 13 | 25 | 20 | 34 | 10 | 12 | 30 | 16 | 15 | 37 | 9 | 37 |

Essas respostas de aprovação clara ou dúbia (não aprova, mas entende) da retaliação sugerem um substrato de aceitação de padrões autoritários que não pode ser ignorado. Várias das respostas de agressão são extremamente arbitrarias e definitivas. Não deixam a possibilidade de se reverter a retaliação e sua aceitação revela mais que necessidade de justiça, uma necessidade de vingança através da eliminação do outro percebido como fonte da agressão. Esse padrão de resposta sugeriria uma aceitação de padrões de justiça onde o dano exige reparação igual ao dano provocado, tipo olho por olho dente por dente.

Essa frase foi apresentada aos entrevistados para que discutissem. Era de se esperar que recebesse a aprovação de ao menos 1/3 dos entrevistados. A surpresa é que isso não ocorre: 1/4 dos entrevistados desconhece a frase, simplesmente não sabem do que se trata. A maioria (55%) rejeita que a retaliação ou Lei de Talião deva ser aplicada e 17% apenas concordam com ela. A frase é menos conhecida dos mais jovens e em certas cidades: quase a metade dos entrevistados de Goiânia (49%) dizem não saber do que se trata contra apenas 6% de Belém. Recife (36%) e Salvador (35%) são duas outras cidades com alto percentual de pessoas que não conhecem esta frase. 1/4 dos entrevistados em Salvador, Manaus e Rio de Janeiro concordam com a frase.

Quadro 24- A violência como retaliação

O que acha da frase "olho por olho, dente por dente"?

| Brasil | IDADE | | | | |
|-----------|-------|-------|-------|-------|-----------|
| | % | % | % | % | % |
| | TOTAL | 16-24 | 25-34 | 35-49 | 50 e mais |
| Concordam | 17 | 20 | 15 | 17 | 18 |
| Discordam | 55 | 47 | 59 | 59 | 57 |
| Não sabe | 25 | 31 | 26 | 22 | 24 |

Quadro 24a - A violência como retaliação por cidade

O que acha da frase "olho por olho, dente por dente"?

| TOTAL | POA | SAO | RIO | BH | SALV | REC | BEL | MAN | P.VEL | GOIA | |
|-----------|-----|-----|-----|----|------|-----|-----|-----|-------|------|----|
| | L | | | | | | | | | | |
| Concordam | 17 | 9 | 16 | 21 | 16 | 22 | 14 | 19 | 21 | 12 | 10 |
| Discordam | 55 | 62 | 50 | 63 | 65 | 41 | 48 | 74 | 68 | 64 | 41 |
| Não sabe | 25 | 24 | 32 | 13 | 18 | 35 | 36 | 6 | 11 | 23 | 49 |

A aparente contradição entre as respostas a esta frase e às questões sobre o os comportamentos de retaliação a agressões, a delitos e a situações que consideram ameaçadoras, pode ter várias explicações. A pergunta sobre a Lei de Talião pede aos entrevistados que discutam uma frase em abstrato, sem contextualização. Nessas condições é plausível que os entrevistados tenham mais controle sobre suas respostas, em especial se tiverem alguma preocupação com o que imaginam que se pretendia obter como resposta. Ao discutirem a frase o fazem de modo racional sem terem que se identificar com nenhum lado. A questão relativa a aprovação/desaprovação de comportamentos específicos pede ao entrevistado que se identifique com um dos lados, parte da sugestão que ele/ela, entrevistado, pode em algum momento ter testemunhado e reagido a situações específicas. Aqui não só as situações de agressão são contextualizadas como se pede a eles que se coloquem no lugar de alguém. As respostas sugerem que eles assim o fizeram e que disso resultaram respostas com menor controle racional e portanto mais emocionais. A aparente contradição entre os diferentes padrões de resposta decorreria das diferenças na formulação das questões e do tipo de tarefa solicitada aos entrevistados.

As Causas da Violência Interpessoal e da Violência na Escola

Se a violência só poderia ser utilizada com alguma legitimidade, como um último recurso, em defesa de familiares ou na própria defesa e se há alguma aceitação ou tolerância com o uso da violência como forma de vingança: para retaliar e punir, quais seriam as causas da violência na percepção dos entrevistados? Essa questão foi respondida através de duas perguntas: uma sobre as causas da violência nas relações interpessoais e outra sobre as causas da violência nas escolas.

A violência não é percebida como causada pela necessidade de auto defesa. Assim pode-se deduzir que a maior parte da violência seria um tipo de violência não legítima. A violência é percebida, pela grande maioria dos entrevistados, como sendo resultado de traços individuais, de pessoas que agem sob o efeito de álcool ou de drogas. Há um forte consenso de que são traços pessoais que causam a violência: o uso e o comércio de drogas, e do resultado da ação de drogas como álcool sobre o comportamento das pessoas.

Há diferenças nas respostas dos diferentes grupos etários. Enquanto os entrevistados mais velhos enfatizam as causas individuais (sendo que esse também é o grupo que considera como legítimo o uso da violência como defesa da família, da integridade física e dos bens) os entrevistados mais jovens também apontam outras causas para violência. As disputas afetivas, os desvios de personalidade (gostar de causar dano a alguém) e o preconceito racial são também apontados pelos mais jovens (40% concordam muito) como também causando violência. Assim a percepção dos mais

jovens sobre a violência é mais complexa do que a dos grupos mais idosos. São também os jovens que mais concordam que a violência também é causada pela necessidade de defender a família, auto proteção e de modo a prevenir mais violência. Parece haver então, entre os entrevistados mais jovens a percepção de que a violência tem múltiplas causas e que dentre essas incluem tanto aquelas que se referem a traços individuais como a outros aspectos.

Questões relativas a auto imagem e da imagem pública dos envolvidos- poder social, imagem de forte/durão, impressionar amigos comportamento da platéia de uma disputa são apontadas como causa por até 1/3 dos entrevistados, em especial pelos mais jovens. Os mais jovens tendem a concordar muito com várias causas para a violência, sugerindo que têm uma visão mais complexa das causas da violência. Nessa percepção dos mais jovens a questão da auto imagem, da imagem pública do perpetrador não são aspectos negligenciáveis da violência. As diferenças entre os mais jovens e os mais velhos, na percepção das causas da violência, sugere ainda que a violência tem diferentes significados e diferentes funções para diferentes públicos.

Quadro 25- As causas da violência interpessoal

As pessoas têm diferentes idéias sobre porque as pessoas cometem violências.

Eu vou ler uma série de frases e para cada uma delas gostaria que dissesse se o(a)

sr(a) concorda, discorda, ou se a frase lhe é indiferente:

| Brasil | IDADE | | | | |
|--|------------|------------|------------|------------|------------|
| | Conc.total | Conc.total | Conc.total | conc.total | conc.total |
| As pessoas cometem violência porque | % | % | % | % | % |
| <u>Responsabilizam as pessoas</u> | TOTAL | 16-24 | 25-34 | 35-49 | 50 e mais |
| Usam drogas | 74 | 72 | 73 | 72 | 77 |
| Bebem e provocam os outros | 66 | 68 | 68 | 63 | 65 |
| Vendem drogas | 71 | 69 | 73 | 69 | 75 |
| são provocadas por outros | 34 | 41 | 37 | 32 | 29 |
| Sentem ciúmes de seu(sua) companheiro(a)/namorado(a) | 34 | 41 | 38 | 29 | 27 |
| Têm prazer em machucar alguém | 36 | 41 | 36 | 36 | 29 |
| Têm preconceito/ódio racial | 33 | 38 | 33 | 31 | 29 |
| <u>Auto apresentação imagem</u> | | | | | |
| querem se sentir importantes | 34 | 40 | 34 | 32 | 30 |
| têm que manter a fama de duronas | 37 | 40 | 40 | 35 | 32 |
| quem assiste uma briga incentiva a violência | 37 | 39 | 40 | 35 | 33 |
| querem impressionar seus amigos | 30 | 33 | 31 | 29 | 27 |
| no bairro quem não for durão vira vítima | 27 | 35 | 28 | 24 | 21 |
| <u>Auto defesa</u> | | | | | |
| querem proteger suas famílias | 35 | 43 | 34 | 32 | 31 |
| querem se proteger | 31 | 36 | 35 | 27 | 29 |
| têm medo de serem machucados | 27 | 32 | 29 | 27 | 21 |

De modo geral a percepção dos jovens entrevistados no survey, sobre as causas da violência, se aproxima muito daquela dos jovens pesquisados nos Estados Unidos. O que varia são as ênfases, enquanto na literatura americana as principais causas da violência se referem a questões relativas a manutenção ou administração da imagem pública do perpetrador, no survey, os respondentes apontam para o consumo e o tráfico de drogas como causas mais importantes. A manutenção de uma imagem de durão, do status de líder conquistado pelo potencial de causar dano a outrem, e o comportamento da platéia que acompanha um conflito/disputa têm sido apontadas por diferentes autores (Fagan, 1996, Felson, 1994, Everett et al 1995) como representando as raízes da violência na sociedade norte-

americana. Assim, nos Estados Unidos a violência teria uma forte motivação cultural/social, seria resultante de um processo de socialização onde a violência desempenha um papel na composição da identidade pública, na reputação dos indivíduos e onde essa reputação pode favorecer ou colocar em risco a segurança e integridade física.

Como já apontado em relação a outros temas do survey as cidades apresentam variações no padrão de respostas Há menos consenso entre as cidades quanto as causas da violência. Goiânia apresenta o mais forte concordância: cerca de 80% dos entrevistados nessa cidade apontam o uso e comércio de drogas e o consumo de álcool como as causas da violência. Esses entrevistados ainda dão ênfase a aspectos relativos a: a) necessidade de proteger a família, a violência como resposta a ameaça- auto defesa e defesa da família; b) auto imagem- necessidade de manter a reputação e para reparar danos a auto estima (competições afetivas). Em Manaus, Porto Velho e Belém o padrão de resposta é muito parecido com o de Goiânia apenas menos consensual: além do uso e comércio de drogas, a manutenção de uma imagem pública, as disputas afetivas, desvios e patologias ("ter prazer em machucar alguém"- perversão) e o preconceito racial são considerados como sendo causas da violência. Em São Paulo além das drogas cita-se também a necessidade de manter a imagem. Em Salvador a necessidade de se proteger e proteger a família também são apontados como causa da violência. Por fim em Recife há o menor consenso quanto as causas que parecem estar limitadas ao consumo e tráfico de drogas.

Quadro 25a - As causas da violência interpessoal por cidade

As pessoas têm diferentes idéias sobre porque as pessoas cometem violências. Eu vou citar uma série de frases e para cada uma delas gostaria que dissesse se o(a) sr(a) concorda, discorda, ou se a frase lhe é indiferente:

| | POA | SAO | RIO | BH | SALV | REC | BEL | MAN | P.VE | GOIA | |
|--|---------------|---------------|---------------|--------------|---------------|--------------|--------------|---------------|--------------|---------------|----|
| | <i>conc</i> | <i>conc.t</i> | <i>conc.t</i> | <i>con</i> | <i>conc.t</i> | <i>con</i> | <i>con</i> | <i>conc.t</i> | <i>Con</i> | <i>conc.t</i> | |
| | <i>.total</i> | <i>otal</i> | <i>otal</i> | <i>c.tot</i> | <i>otal</i> | <i>c.tot</i> | <i>c.tot</i> | <i>otal</i> | <i>c.tot</i> | <i>otal</i> | |
| | % | % | % | % | % | % | % | % | % | % | |
| As pessoas cometem violência porque | | | | | | | | | | | |
| Responsabilizam as pessoas: | | | | | | | | | | | |
| usam drogas | | 75 | 79 | 62 | 69 | 72 | 50 | 69 | 69 | 64 | 82 |
| bebem e provocam os outros | | 68 | 72 | 54 | 74 | 72 | 44 | 70 | 74 | 60 | 85 |
| vendem drogas | | 78 | 79 | 65 | 70 | 77 | 49 | 74 | 78 | 66 | 88 |
| são provocadas por outros | | 30 | 37 | 24 | 31 | 35 | 30 | 40 | 62 | 46 | 53 |
| sentem ciúmes de seu(sua) companheiro(a)/namorado(a) | | 30 | 36 | 21 | 28 | 48 | 17 | 39 | 55 | 45 | 60 |
| têm prazer em machucar alguém | | 31 | 39 | 23 | 26 | 23 | 23 | 47 | 58 | 46 | 59 |
| têm preconceito/ódio racial | | 32 | 36 | 18 | 34 | 39 | 19 | 43 | 54 | 36 | 56 |
| Auto-apresentação / imagem | | | | | | | | | | | |
| querem se sentir importantes | | 32 | 38 | 25 | 23 | 48 | 25 | 30 | 58 | 51 | 54 |
| têm que manter a fama de duronas | | 30 | 41 | 25 | 29 | 42 | 28 | 40 | 48 | 51 | 65 |
| quem assiste uma briga incentiva a violência | | 28 | 40 | 30 | 25 | 39 | 24 | 48 | 55 | 51 | 57 |
| querem impressionar seus amigos | | 24 | 35 | 22 | 17 | 32 | 27 | 23 | 54 | 43 | 49 |
| no bairro quem não for durão vira vítima | | 15 | 32 | 15 | 16 | 38 | 20 | 30 | 48 | 41 | 46 |
| Auto Proteção | | | | | | | | | | | |
| querem proteger suas famílias | | 27 | 36 | 23 | 31 | 43 | 31 | 50 | 53 | 42 | 62 |
| querem se proteger | | 24 | 33 | 20 | 22 | 42 | 26 | 41 | 51 | 49 | 62 |
| têm medo de serem machucados | | 18 | 32 | 19 | 14 | 31 | 19 | 28 | 45 | 35 | 57 |

Implícito na percepção das principais causas da violência, detectada no survey, está uma certa ilegitimidade da violência. Explícito nessa percepção está também a aceitação e incorporação das

principais causas da violência tais como apresentadas pela polícia e pela mídia. Essas causas estão localizadas em processos de decisão individuais sobre os quais pouco pode fazer o poder público. A decisão de consumir ou não drogas ilegais ou álcool é uma decisão individual, privada. As pessoas que decidem fazê-lo só são controláveis após terem efetivado esse consumo: se envolverem em contravenções ou em delitos violentos.

Atribuir a violência prioritariamente a questões relativas ao tráfico e ao consumo de drogas resulta na negação da possibilidade de prevenção da violência. Se a causa está em processos de decisão individuais nada pode ser feito para a prevenção só se pode cuidar de reduzir o dano. Se isso estiver certo há então uma profunda impotência sobre as causas da violência, impotência essa que bem poderia alimentar a falta de indignação coletiva quando da ocorrência de chacinas que são rapidamente atribuídas ao consumo ou a disputas do comércio de drogas (por mercado, acordos de dívidas etc.) É importante notar que os dados sobre a violência nos Estados Unidos não corroboram essas percepções sobre as causas da violência. Naquele país onde o consumo de drogas é muito mais disseminado do que no Brasil há também um maior controle sobre a associação drogas delitos. Isso é feito testando-se cada pessoa que é detida, à revelia do tipo de delito, para se identificar a presença de álcool ou drogas. Esses dados (National Institute of Justice) revelam que apenas 5,1 dos homicídios ocorridos em 1996 e cujas circunstâncias eram conhecidas (15.289 homicídios) estavam relacionados com drogas- quer com o tráfico quer com a manufatura.

Estudo realizado por Fagan (1998) em Nova York mostrou que os eventos violentos têm diferentes motivações, significados e resultados dependendo do contexto nos quais ocorrem. A violência teria função, ela seria utilizada como meio para se chegar a algo. As motivações são parte das causas. A violência é utilizada entre jovens em Nova York para: a) obter e manter status/reputação de "durão" como forma de proteção contra vitimização; b) como forma de se obter "riqueza" - para roubar- violência aquisitiva- extorsão e roubo; c) como forma de controlar/humilhar outros- para se ter poder social/dominar; d) para desafiar autoridades; e) para obter retribuição/se vingar; f) para satisfazer necessidade de correr riscos; g) para responder a desafios `a masculinidade. Fagan descobriu que havia um código de comportamento das ruas que adotava a violência como uma norma para se obter e manter respeito. A presença de armas de fogo é interpretada como levando a uma escalada da violência por que amplia os riscos das disputas. O consumo de álcool e de drogas afeta as interações sociais de modos - o álcool aumenta a probabilidade de conflitos interpessoais ao reduzir a autocrítica e encorajar o uso de linguagem provocativa, ampliar a sensibilidade para indignar-se e para exigir reparações dos outros. Já os efeitos das drogas ilegais é menos claro. Segundo Fagan, a maconha tem diferentes efeitos em diferentes pessoas: alguns ficam menos propensos a violência, outros ficam paranóicos evitando contato com outras pessoas e tendendo a violência defensiva, e outros ainda tornam-se exploradores ou dominadores, podendo provocar seus interlocutores.

Esse estudo realça a necessidade de realizarmos comparações entre culturas para melhor entendermos os processos envolvidos na construção de eventos violentos. Os dados do survey apontam para diferenças entre os jovens brasileiros e os estadunidenses: a imagem pública dos jovens brasileiros parece ser um elemento menos importante quer como motivação, quer como causa da violência do que o é nos Estados Unidos. Assim, aparentemente a pressão social parece ter menos impacto sobre a violência em nosso contexto. São necessários mais estudos qualitativos e quantitativos para se aprofundar o conhecimento da dinâmica dos eventos violentos.

A violência e a escola

A literatura mostra que a violência vivida e testemunhada fora da escola tem impacto direto e indireto sobre a escola: afeta o desempenho escolar, as relações entre os alunos e dos alunos com as equipes e professores e ajuda a gerar violência dentro da escola. Essa violência dentro das escolas tem

se revelado um grave problema e um de difícil contenção mesmo nos Estados Unidos onde, de modo geral, as taxas de violência têm declinado.⁹

A relação entre a violência do contexto e a violência na escola é complexa. A violência doméstica e do bairro aumentam a probabilidade de fracasso escolar e de delinqüência. A delinqüência, por sua vez, aumenta a violência na escola e as chances de fracasso escolar¹⁰ e ambas reduzem o vínculo entre os jovens e a escola. Por exemplo, a violência na escola encoraja a fuga da escola o que se dá pela falta às aulas. Aumentando a falta às aulas, aumenta a probabilidade de repetência e o círculo se repete: frustração, agressividade, violência, fuga, repetência, frustração (Jenkins, 1995). Programas de intervenção para diminuir a violência e a delinqüência tratam de buscar melhorar o desempenho escolar, reduzir a repetência e ampliar os vínculos entre os jovens e a escola¹¹. O fracasso escolar aumenta a frustração dos jovens e essa alimenta a agressividade e o mau comportamento em sala de aula (Werthamer, 1991; Le Blanc et al. 1992).

Tendo esse quadro como pano de fundo interessava examinar quais as causas da violência nas escolas na percepção dos entrevistados. O que desencadeia a violência nas escolas, isto é, qual a etiologia da violência nas escolas? Na percepção dos entrevistados essa violência tem as mesmas causas que a violência fora da escola: o uso e o comércio de drogas acrescidos do fato de que os alunos formam gangs e que levam armas para a escola. A percepção é de que a violência nas escolas não só tem as mesmas causas que fora dela mas que também se manifesta do mesmo modo. Dado que essa percepção é compartilhada pelo grupo mais jovem isso surpreende, pois contraria a própria experiência de vitimização por eles relatada mas retrata aquela imagem da violência na escola presente na mídia. Nessa experiência a violência na escola seria menos freqüente e menos grave que a fora da escola.

Contrariando o que a literatura revela sobre as causas da violência na escola, problemas relativos ao desempenho dos alunos, as condições de ensino, as relações aluno- professor, a motivação dos alunos para aprender e em especial o desempenho escolar deles ou não são percebidos como co-responsáveis pelos problemas de violência, pela maioria dos entrevistados. As relações entre alunos e professores e o preconceito racial ainda são apontados por 1/3 dos mais jovens como causa da violência.

Jovens estadunidenses (Everett et al, 1995) tendem a apontar como causa da violência nas escolas a formação de gangs (35%) e o consumo/comércio de drogas e de álcool (24%), acrescido do problema da superlotação das salas de aulas como sendo as principais causas da violência nas escolas (20%). Levar armas para a escola é considerado como causa da violência por 3% dos jovens pesquisados nos Estados Unidos sendo que as estatísticas e as ocorrências policiais demonstram que esse fato é mais comum naquele país do que no Brasil. Essas diferenças apontam para os mitos mantidos por percepções errôneas. Percepções essas que não são inócuas dado que irão orientar pressão de setores do público sobre as autoridades e que mais ainda irão orientar decisão de voto por uma ou outra plataforma de políticas públicas.

⁹Jack Maple ex-assessor do Chefe de Polícia de Nova York e estrategista das mudanças no policiamento da cidade contou em seminário ocorrido em maio de 1997 em São Paulo (São Paulo contra o medo), que as medidas adotadas para reduzir a criminalidade na cidade não tinham conseguido reduzir a violência nas escolas.

¹⁰ Barone et al., (1995).

¹¹ Jessor (1993) e O'Donnell et al. (1995),

Quadro 26- As causas da violência nas escolas

A violência nas escolas pode ter muitas causas. Eu vou citar uma série de frases e para cada uma delas gostaria que dissesse se o(a) sr(a) concorda, discorda, ou se a frase lhe é indiferente:

IDADE

Há violência nas escolas porque:

| Brasil | conc.total | Conc.total | conc.total | conc.total | Conc.total |
|---|------------|------------|------------|------------|------------|
| | % | % | % | % | % |
| | TOTAL | 16-24 | 25-34 | 35-49 | 50 e mais |
| <u>Respons. os alunos</u> | | | | | |
| os alunos usam drogas | 71 | 70 | 72 | 66 | 74 |
| os alunos formam "gangs" | 68 | 69 | 69 | 64 | 68 |
| os alunos levam armas para a escola | 65 | 64 | 67 | 61 | 67 |
| os alunos bebem álcool | 60 | 59 | 62 | 56 | 62 |
| os alunos não têm vontade de aprender | 22 | 24 | 24 | 17 | 24 |
| os alunos vão mal na escola | 15 | 16 | 15 | 12 | 16 |
| <u>Respons. Contexto</u> | | | | | |
| Os alunos têm problemas com os professores | 30 | 35 | 30 | 25 | 30 |
| Há preconceito racial | 30 | 36 | 31 | 25 | 29 |
| Há diferença de classe social entre os alunos | 26 | 29 | 27 | 23 | 27 |
| As classes têm um número muito grande de alunos | 27 | 29 | 25 | 26 | 29 |
| <u>Outros motivos</u> | | | | | |
| Há traficantes na porta da escola | 68 | 64 | 71 | 66 | 71 |
| as famílias não ligam para a escola | 29 | 29 | 30 | 29 | 30 |

Esse padrão de resposta se mantém em todas as cidades pesquisadas, o que também é algo pouco freqüente nos resultados o survey. Duas observações se fazem necessárias: em Goiânia e em Manaus os entrevistados têm mais consenso sobre as causas da violência na escola: entre 88% (Goiânia) e 78% concordam muito com as diferentes causas inclusive aquelas relativas ao desempenho dos alunos, motivação deles, relação entre alunos e professores e a relação das famílias com a escola até as condições de infra-estrutura da escola. No Rio de Janeiro e em Recife ocorre o oposto- são as cidades onde há menos consenso sobre a importância de qualquer uma das variáveis listadas inclusive quanto a presença de traficantes na porta das escolas sugerindo que nessas cidades, assim como há pouco consenso sobre as causas da violência em geral, há uma perplexidade sobre quais seriam as causas da violência.

Quadro 26 a- As causas da violência nas escolas por cidade

A violência nas escolas pode ter muitas causas. Eu vou citar uma série de frases e para cada uma delas gostaria que dissesse se o(a) sr(a) concorda, discorda, ou se a frase lhe é indiferente:

| Há violência nas escolas porque: | POA | SAO | RIO | BH | SAL | REC | BEL | MAN | P.VE | GOI |
|---|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|
| | <i>cda</i> | <i>cda</i> | <i>cda</i> | <i>cda</i> | <i>cda</i> | <i>cda</i> | <i>cda</i> | <i>cda</i> | <i>cda</i> | <i>Cda</i> |
| | <i>total</i> | <i>total</i> | <i>total</i> | <i>total</i> | <i>total</i> | <i>total</i> | <i>total</i> | <i>total</i> | <i>total</i> | <i>total</i> |
| os alunos usam drogas | 73 | 78 | 58 | 66 | 73 | 53 | 73 | 78 | 68 | 88 |
| os alunos formam "gangs" | 70 | 72 | 55 | 71 | 70 | 51 | 77 | 74 | 65 | 86 |
| os alunos levam armas para a escola | 63 | 71 | 52 | 51 | 75 | 47 | 72 | 70 | 72 | 86 |
| os alunos bebem álcool | 59 | 67 | 41 | 53 | 70 | 49 | 64 | 74 | 69 | 81 |
| os alunos não têm vontade de aprender | 16 | 22 | 12 | 21 | 18 | 23 | 29 | 56 | 18 | 50 |
| os alunos têm problemas com os professores | 26 | 31 | 17 | 27 | 35 | 21 | 39 | 47 | 36 | 78 |
| há preconceito racial | 24 | 31 | 18 | 31 | 48 | 20 | 41 | 40 | 22 | 50 |
| há diferença de classe social entre os alunos | 18 | 28 | 16 | 19 | 40 | 18 | 38 | 45 | 23 | 46 |
| as classes têm um número muito grande de alunos | 17 | 28 | 16 | 22 | 41 | 22 | 23 | 52 | 21 | 63 |
| os alunos vão mal na escola | 6 | 14 | 8 | 12 | 20 | 21 | 15 | 40 | 14 | 33 |
| há traficantes na porta da escola | 74 | 77 | 46 | 71 | 74 | 51 | 79 | 65 | 67 | 87 |
| as famílias não ligam para a escola | 30 | 28 | 23 | 25 | 26 | 26 | 47 | 63 | 23 | 53 |

Os jovens e os valores

Se a violência, enquanto norma de conduta, é importante para se entender sua ocorrência, estaria ela presente nas normas e valores mais amplos dos jovens? Qual o perfil dos jovens entrevistados- valorizam eles desvios, correr riscos, excitação ou será que têm valores mais convencionais? Esses aspectos foram investigados, de modo exploratório, através de duas perguntas uma sobre o futuro e outra sobre as características que um jovem deve ter para ter sucesso junto a seus amigos.

As respostas dos jovens mostram que suas aspirações futuras são bastante convencionais e são as mesmas para rapazes e para moças: ter uma família feliz, ter boa saúde, ter um emprego que pague um bom salário, cursar uma faculdade, ter boas notas e trabalhar muito para progredir. Assim, a ênfase estaria na felicidade familiar e na realização profissional. Há maior preocupação com a realização de aspirações individuais do que com aspectos coletivos- tal como participar de atividades voluntárias no bairro.

Quadro 27a- Valores

Qual destes graus de importância tem para você que no futuro você consiga:

(BASE = 223 entrevistados com menos de 20 anos)

Brasil

| | Total | | Masc | | Fem | |
|---|-------|-------|------|-------|-----|-------|
| | mto | impte | Mto | impte | Mto | impte |
| Ter uma família feliz | 79 | 20 | 78 | 21 | 80 | 19 |
| Ter boa saúde | 76 | 23 | 73 | 26 | 77 | 21 |
| Ter um emprego que pague bom salário | 74 | 24 | 75 | 23 | 72 | 25 |
| Cursar uma faculdade | 63 | 28 | 61 | 30 | 65 | 25 |
| Estudar bastante para ter boas notas | 62 | 31 | 60 | 33 | 63 | 29 |
| Dar duro para progredir | 61 | 33 | 62 | 33 | 60 | 32 |
| Ter casa própria | 60 | 39 | 59 | 39 | 61 | 39 |
| Ter bons amigos com os Quais contar | 56 | 38 | 62 | 31 | 50 | 44 |
| Se formar no secundário | 53 | 32 | 52 | 36 | 54 | 28 |
| Ter uma boa reputação no seu bairro | 49 | 41 | 52 | 39 | 46 | 42 |
| Ter muito dinheiro | 35 | 34 | 38 | 36 | 32 | 33 |
| Ajudar seu bairro c/ trabalho comunitário | 28 | 51 | 30 | 50 | 27 | 51 |

As expectativas em relação aos amigos, o que acham que seria necessário ter para serem bem sucedidos frente ao grupo etário também são bastante convencionais e excluem a violência. A ênfase continua sendo a vida familiar: ajudar os pais é quase uma unanimidade. Ter boas notas na escola, ainda que muitos deles não consigam atingir essa condição (ver quadro 27c), também é um valor do grupo. Ter senso de humor, não abandonar os amigos (ser solidário em situações de conflito), beber sem ficar desagradável - ou seja ser uma boa companhia em situações sociais, são condições necessárias para ser bem querido e bem visto.

Outros valores surpreendem por não evocarem respostas mais consensuais: por exemplo, não se envolver com namorada(o) de amigos ou "não se aproveitar de quem é mais fraco" não parecem ser condição para ser bem sucedido aos olhos do grupo. Já valores associados a violência, ao desvio e ao risco são unanimemente rejeitados: ser durão- provocar medo, ter uma arma, matar aula, provocar medo nos professores. Assim os jovens entrevistados como indivíduos têm expectativas que expressam valores convencionais: valorizam o sucesso acadêmico, estudar, sair-se bem na escola, ter informação que lhes permita exercer uma profissão. Como valores de seu grupo também têm aspirações que revelam valores convencionais e socialmente aceitáveis.

Isso sugere que a exposição a violência não está gerando uma cultura de violência mas que há um processo mais complexo em curso onde combinações de atitudes, valores e comportamentos que individualmente não representariam risco podem vir a sê-lo. Por exemplo a ausência de percepção de um forte interdito social quanto ao "paquerar a (o) namorada (o) do amigo (a)" poderia sugerir que essa é uma geração que superou de modo definitivo o ciúme e os problemas advindos das competições por afeto. Mas outras respostas dadas pelos jovens sugerem não ser esse o caso: há disputa afetiva e mais, há alguma aceitação de que se use a força física para se resolver tais disputas. O que parece faltar então é um consenso sobre a regra, sobre o limite moral sobre quem é abordável e quem não é. Esse território cinzento abre as portas para muita violência.

Quadro 27b-Valores em relação ao grupo

Um(a) jovem para ter sucesso, ser admirado(a) entre outros jovens ou amigos, na sua opinião, precisa ou não precisa:

(BASE = 223 entrevistados com menos de 20 anos)

| Brasil | PRECISA (%) | | |
|--|-------------|------|-----|
| | total | Masc | Fem |
| Ajudar os pais/família (dinheiro/trabalho) | 84 | 81 | 88 |
| Ter senso de humor. | 83 | 82 | 84 |
| Ter boas notas na escola | 76 | 74 | 78 |
| Não deixar os amigos sós qdo uma briga vai acontecer | 57 | 60 | 54 |
| Beber sem ficar desagradável | 55 | 48 | 61 |
| Morar numa casa legal | 50 | 53 | 47 |
| Não paquerar a(o) namorada(o) do(a) amigo(a) | 41 | 39 | 43 |
| Não se aproveitar de quem é mais fraco | 36 | 41 | 31 |
| Ser muito bom em algum esporte (skate, patins, futebol etc.) | 28 | 38 | 20 |
| Usar roupas legais (de grife/de marca) | 19 | 22 | 15 |
| Conquistar todas as garotas/rapazes que quiser | 12 | 18 | 6 |
| Ser durão/a polícia não se mete com ele | 5 | 7 | 4 |
| Matar aula com a turma | 5 | 7 | 3 |
| Ter uma arma | 4 | 7 | 1 |
| Provocar medo nos professores | 2 | 2 | 2 |

Apesar de valorizarem o bom desempenho escolar mais de 1/3 dos jovens entrevistados relatou ter tido problemas na escola no ano que passou: notas ruim, problemas com o diretor/professor e até suspensão foram apontados como tendo ocorrido. Esses problemas afetam mais os rapazes do que as moças. Essa discrepância entre o que valorizam e o que conseguem realizar abre o caminho para frustração que é um dos elementos associados a depressão e até mesmo a violência. São vários então os elementos envolvidos na construção de conflitos que resultam em episódios de violência e aqueles associados ao contexto mais amplo da vida dos jovens não podem ser subestimados.

Quadro 27c - Más experiências no ano anterior

Durante o último ano você teve alguma dessas experiências:

(BASE =223 entrevistados com menos de 20 anos)

| | % | Masc | Fem |
|---|----|------|-----|
| Não teve nenhuma destas experiências | 41 | 36 | 46 |
| Teve notas ruins, | 37 | 42 | 37 |
| Mudou de escola | 19 | 22 | 17 |
| Teve problemas com algum prof/diretor da escola | 15 | 16 | 14 |
| Foi suspenso da escola | 7 | 9 | 6 |

Relações com autoridades

Uma vez que o problema da violência envolve a segurança do público e o poder público pesquisou-se também como os entrevistados se relacionam com o poder público naquilo que se refere à violência e a medidas para contê-la. Essas medidas, para serem eficientes, exigem a colaboração do público (Tyler e Degoey, 1997). Essa cooperação, por sua vez, demanda que o público confie nas autoridades e que legitime suas decisões. Essa confiança e delegação representam um tipo de "empowerment" que pode ser democrático (baseado no consenso, na consulta e com algum controle sobre as ações das autoridades) ou pode ser autocrático (dar todo o poder às autoridades para fazerem o que julgarem necessário). Confiança e delegação derivam de: a) avaliações que as pessoas fazem da seriedade do problema- se é ou não um problema prioritário; b) como avaliam o processo de decisão das autoridades- se os procedimentos de tomada de decisão são ou não justos, e se as decisões são justas;

e c) do sentimento de pertencer ou não à comunidade- se estão ou não identificados com a comunidade, o que explicaria a disposição para sentirem-se obrigados a obedecer regras por perceberem que há reciprocidade- os outros membros da comunidade também irão obedecer, e por que ao se sentirem ligados a comunidade irão levar em consideração as necessidades de membros da comunidade em especial ponderar sobre o impacto de suas ações sobre a vida de outros.

Buscando explorar esses aspectos a pesquisa abordou uma série de temas relativos a saliência do problema da violência, inserção das pessoas nas suas comunidades, e sobre as relações com as autoridades, em particular com três elementos chaves para se entender a legitimidade das ações das autoridades: a) confiança nas autoridades, - confiança na capacidade do governo decidir em favor do bem comum e de resistir a pressões e de trazer benefícios para a comunidade b) aceitação das decisões, concordância com as decisões, e disposição de cooperar para a implementação e c) obrigação com as autoridades, sensação de respeito pelas autoridades e de obediência às leis ; e por fim elementos para se entender o tipo de "empowerment" que estão dispostos a efetivar no trato da violência.

Quanto a saliência do problema da violência, como discutido anteriormente esse é um problema que é percebido como crescendo e como afetando a vida da cidade onde moram. A literatura demonstra que quanto mais severa é a percepção do problema, quanto maior a gravidade da situação, maior é a disposição de delegar um poder autocrático. No que se refere às atitudes em relação a comunidade deve-se lembrar que a maioria dos entrevistados demonstra estar bem inseridos na comunidade: se orgulham de morar onde moram, revelam respeito pelos outros moradores, sentem que o respeito é recíproco e têm expectativas de cooperação dos moradores com decisões das autoridades. Se há pouca expectativa de cooperação, pouca confiança em outros membros do grupo, espera-se que haja maior disponibilidade para se aceitar a imposição de leis rígidas- por exemplo, penas severas ou seja de se aceitar uma autoridade coercitiva (Tyler e Degoe, 1997) ou ainda de se apoiar ativamente medidas de sanção e penalização.

Como são avaliadas as autoridades e as instituições? Essa avaliação é afetada pela experiência que têm com as instituições e com a percepção que têm da própria capacidade de influir nas decisões e da justiça dos procedimentos por elas adotados.

Foram avaliadas várias instituições ligadas a área de segurança - interna e externa. Nenhuma delas se destaca por ter uma excelente imagem, a imagem mais positiva se refere a categoria "boa" que é aplicada com maior frequência ao Exército e em seguida à Polícia Federal. Algumas instituições são pouco conhecidas. Esse como é o caso da Defensoria Pública desconhecida por 15% dos entrevistados sendo que maior a idade maior é o desconhecimento, segue-se a ela a Guarda Municipal (12%), fato que não surpreende dado que em muitos municípios não há guarda municipal e próprio Exército é desconhecido por outros 12%. Aqueles que conhecem o Exército, o avaliam positivamente, sendo que isso também se passa com a Polícia Federal, duas forças que não têm um papel muito saliente (em termos de visibilidade e de intensidade de contato do cidadão comum) no dia a dia dos entrevistados no que se refere a violência e a criminalidade. O mesmo não ocorre com as polícias civil e militar que têm um forte papel na questão da segurança pública e com a Justiça e as Prisões. Essas quatro instituições junto com a Defensoria Pública recebem as piores avaliações. A maioria dos entrevistados considera-as regular ou ruim ou ainda muito ruim. Importa realçar que tanto as polícias encarregadas da segurança pública local como a Justiça e as prisões são avaliadas, de modo geral, como tendo atuação regular ou ruim.

Quadro 28- Percepção das instituições

| Baseando-se em experiência, e no que tem ouvido, sobre a eficiência das instituições que servem a comunidade em assuntos de direitos do cidadão, o sr/a avalia cada uma das Instituições que eu citar como muito boa, boa, regular, ruim ou muito ruim? | | | | | | |
|---|--|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| Brasil | | | IDADE | | | |
| | | | Muito boa | Muito boa | muito boa | muito boa |
| | | % | % | % | % | % |
| | | TOTAL | 16-24 | 25-34 | 35-49 | 50 e mais |
| EXÉRCITO | | 7 | 7 | 4 | 7 | 8 |
| POLÍCIA FEDERAL | | 6 | 6 | 5 | 4 | 6 |
| GUARDA MUNICIPAL | | 2 | 3 | 2 | 2 | 2 |
| POLÍCIA CIVIL | | 2 | 2 | 1 | 1 | 2 |
| DEFENSORIA PÚBLICA | | 1 | 2 | 1 | 1 | 2 |
| POLÍCIA MILITAR | | 2 | 1 | 2 | 2 | 2 |
| JUSTIÇA | | 1 | 1 | 2 | 1 | 1 |
| PRISÕES | | 1 | 1 | 0 | 2 | 1 |
| | | boa | Boa | Boa | boa | boa |
| | | TOTAL | 16-24 | 25-34 | 35-49 | 50 e mais |
| EXÉRCITO | | 42 | 45 | 43 | 38 | 41 |
| POLÍCIA FEDERAL | | 34 | 36 | 34 | 33 | 34 |
| GUARDA MUNICIPAL | | 25 | 31 | 22 | 23 | 25 |
| POLÍCIA CIVIL | | 21 | 24 | 18 | 19 | 23 |
| DEFENSORIA PÚBLICA | | 21 | 22 | 22 | 18 | 21 |
| POLÍCIA MILITAR | | 19 | 17 | 17 | 20 | 23 |
| JUSTIÇA | | 18 | 19 | 17 | 16 | 21 |
| PRISÕES | | 11 | 13 | 13 | 7 | 10 |
| | | ñ.conhece | N.conhece | ñ.conhece | ñ.conhece | ñ.conhece |
| | | ñ. opinou | N. opinou | ñ. Opinou | ñ. opinou | ñ. opinou |
| | | TOTAL | 16-24 | 25-34 | 35-49 | 50 e mais |
| EXÉRCITO | | 12 | 8 | 12 | 15 | 14 |
| POLÍCIA FEDERAL | | 6 | 5 | 6 | 7 | 7 |
| GUARDA MUNICIPAL | | 12 | 6 | 10 | 14 | 16 |
| POLÍCIA CIVIL | | 3 | 2 | 3 | 3 | 5 |
| DEFENSORIA PÚBLICA | | 15 | 9 | 10 | 18 | 22 |
| POLÍCIA MILITAR | | 2 | 1 | 1 | 1 | 3 |
| JUSTIÇA | | 3 | 1 | 2 | 2 | 6 |
| PRISÕES | | 6 | 3 | 2 | 9 | 8 |

Há mais diferença nas avaliações das instituições entre cidades do que entre faixas etárias. Há mais desconhecimento (ou menos experiência com elas) das instituições: Guarda Municipal, Defensoria Pública e Exército por parte dos entrevistados de Porto Velho, Porto Alegre, Salvador e São Paulo do que outras cidades. Não há uma imagem positiva homogênea de nenhuma das instituições. Mesmo o Exército, por exemplo não tem uma boa imagem em todas as cidades- essa imagem é muito boa em Goiânia, Manaus, Belo Horizonte Belém e Porto Alegre e menos positiva em São Paulo, Recife e Salvador. As avaliações são mais generosas em Porto Alegre, Goiânia, Manaus e Belo Horizonte. Porto Alegre apresenta por exemplo, a maior satisfação com a Polícia Militar 44% de "boa" enquanto em São Paulo, Rio de Janeiro e Belém há os maiores percentuais de entrevistados insatisfeitos com a atuação das polícias civil e militar. Há mais homogeneidade, entre as cidades, no que tange a avaliação da Justiça e das Prisões: essa avaliação é insatisfatória em todas as cidades.

Quadro 28 a- Percepção das instituições por cidade

Baseando-se em experiência, e no que tem ouvido, sobre a eficiência das instituições que servem a comunidade em assuntos de direitos do cidadão,

(o)a sr(a) avalia cada uma das instituições que eu citar como muito boa, boa, regular, ruim ou muito ruim?

| | POA | SAO | RIO | BH | SALV | REC | BEL | MAN | P.VEL | GOIA | |
|--------------------|-----------------|-----------------|-----------------|-----------------|-----------------|-----------------|-----------------|-----------------|-----------------|-----------------|--|
| | <i>mto. boa</i> | <i>mto. boa</i> | <i>mto. boa</i> | <i>Mto. Boa</i> | <i>mto. boa</i> | <i>mto. boa</i> | <i>mto. boa</i> | <i>mto. boa</i> | <i>mto. boa</i> | <i>mto. boa</i> | |
| EXÉRCITO | 9 | 5 | 8 | 9 | 6 | 12 | 8 | 4 | 8 | 1 | |
| POLÍCIA FEDERAL | 6 | 3 | 6 | 8 | 10 | 3 | 5 | 6 | 6 | 12 | |
| GUARDA MUNICIPAL | 5 | 1 | 4 | 4 | 2 | - | 1 | 1 | 1 | 2 | |
| POLÍCIA CIVIL | 3 | 1 | 1 | 5 | 3 | 2 | 2 | 1 | 1 | 3 | |
| DEFENSORIA PÚBLICA | 5 | - | 2 | 3 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | | |
| POLÍCIA MILITAR | 6 | 1 | - | 5 | 3 | 2 | 1 | 1 | 1 | 2 | |
| JUSTIÇA | 5 | 1 | 2 | 3 | - | 1 | 2 | - | - | - | |
| PRISÕES | 1 | 1 | 2 | 2 | 1 | - | - | 1 | 1 | - | |
| | <i>boa</i> | <i>boa</i> | <i>boa</i> | <i>Boa</i> | <i>boa</i> | <i>boa</i> | <i>boa</i> | <i>boa</i> | <i>boa</i> | <i>boa</i> | |
| EXÉRCITO | 50 | 34 | 42 | 53 | 38 | 36 | 51 | 63 | 44 | 66 | |
| POLÍCIA FEDERAL | 49 | 26 | 27 | 43 | 42 | 41 | 49 | 48 | 34 | 53 | |
| GUARDA MUNICIPAL | 29 | 19 | 27 | 34 | 21 | 18 | 44 | 36 | 23 | 40 | |
| POLÍCIA CIVIL | 34 | 19 | 13 | 32 | 28 | 20 | 15 | 27 | 26 | 42 | |
| DEFENSORIA PÚBLICA | 32 | 13 | 21 | 34 | 19 | 18 | 27 | 45 | 19 | 33 | |
| POLÍCIA MILITAR | 44 | 15 | 10 | 31 | 21 | 18 | 17 | 30 | 20 | 37 | |
| JUSTIÇA | 18 | 15 | 17 | 24 | 17 | 18 | 22 | 36 | 16 | 34 | |
| PRISÕES | 9 | 7 | 8 | 19 | 15 | 9 | 11 | 21 | 13 | 27 | |

| Não conhece/não opina | POA | SAO | RIO | BH | SALV | REC | BEL | MAN | P.VEL | GOIA | |
|-----------------------|-----|-----|-----|----|------|-----|-----|-----|-------|------|--|
| | % | % | % | % | % | % | % | % | % | % | |
| GUARDA MUNICIPAL | 26 | 10 | 5 | 21 | 21 | 7 | 5 | 9 | 30 | 10 | |
| DEFENSORIA PÚBLICA | 20 | 21 | 11 | 6 | 17 | 5 | 5 | 7 | 24 | 11 | |
| EXÉRCITO | 15 | 19 | 7 | 9 | 17 | 3 | 2 | 2 | 19 | 9 | |
| PRISÕES | 11 | 7 | 4 | 5 | 6 | 4 | 4 | 4 | 10 | 3 | |
| POLÍCIA FEDERAL | 9 | 7 | 7 | 5 | 4 | 2 | 4 | 7 | 5 | 2 | |
| JUSTIÇA | 5 | 3 | 2 | 3 | 2 | 2 | 2 | 1 | 2 | 5 | |
| POLÍCIA MILITAR | 2 | 2 | 1 | 1 | 4 | 1 | 1 | 1 | 0 | 1 | |
| POLÍCIA CIVIL | 0 | 4 | 2 | 3 | 5 | 2 | 2 | 4 | 2 | 3 | |

Parece haver uma relação entre a avaliação que fazem da polícia e a eficácia que sentem em relação a ela. Quanto melhor é a avaliação maior é a sensação de eficácia, quanto pior a avaliação maior é a a ineficácia que expressam em relação a polícia. A maioria dos entrevistados não sente que conseguiria convencer um delegado a investigar um crime do qual foi vítima- ou seja se sente sem poder de conseguir que a polícia responda às iniciativas deles. De modo coerente também com a avaliação que fazem da polícia a maioria dos entrevistados acha que a polícia não garante a segurança da população.

Quadro 29- Percepção da eficácia em relação a polícia

| A Polícia | | | cda total | cda total | cda total | cda total | Cda total |
|--|--|--|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| | | | TOTAL | 16-24 | 25-34 | 35-49 | 50 e mais |
| Eu conseguiria convencer um delegado | | | | | | | |
| a investigar um caso no qual fui vítima | | | 30 | 32 | 29 | 29 | 30 |
| A polícia garante a segurança da população | | | 10 | 7 | 11 | 9 | 13 |

Há mais diferença entre os entrevistados das diferentes cidades do que entre entrevistados de diferentes faixas etárias. Assim em Manaus cidade onde há a melhor avaliação da polícia, a maioria (66%) concorda muito que teria condições de convencer um delegado a investigar um delito do qual foram vítima sendo também o grupo onde mais há crença que a polícia garante a segurança da população (34% concorda muito). Esses percentuais representam o dobro e o triplo da média da amostra o que realça a especificidade da experiência desses entrevistados. Em Porto Velho, Goiânia e Porto Alegre ocorre um processo semelhante porém menos, intenso cerca de 1/3 desses entrevistados crêem que conseguem convencer um delegado a investigar e a maioria deles acredita, ao menos em parte, que a polícia garante a segurança da população. Surpreende que em Salvador, onde há em geral uma avaliação negativa de todas as instituições arroladas, 43% dos entrevistados digam que conseguiriam convencer um delegado a investigar a despeito de que a maioria deles não acredite que a polícia garanta a segurança da população, ou seja há um padrão de resposta muito incongruente nesta cidade.

Quadro 29 a- Percepção da eficácia em relação a polícia por cidade

| A Polícia | POA | SAO | RIO | BH | SAL | REC | BEL | MAN | P.VE | GOIA |
|--|------------------|------------------|------------------|------------------|------------------|------------------|------------------|------------------|------------------|------------------|
| | <i>cda total</i> | <i>Cda total</i> | <i>cda total</i> | <i>cda total</i> | <i>cda total</i> | <i>cda total</i> | <i>cda total</i> | <i>Cda total</i> | <i>cda total</i> | <i>cda total</i> |
| Eu conseguiria convencer um delegado a investigar um caso no qual fui vítima | 35 | 26 | 26 | 25 | 43 | 23 | 39 | 66 | 32 | 34 |
| A polícia garante a segurança da população | 11 | 7 | 8 | 9 | 16 | 10 | 5 | 34 | 13 | 16 |

A má avaliação que fazem da Justiça levaria a hipotetizar que os procedimentos adotados pela Justiça seriam questionados: quanto a neutralidade, capacidade de responder às expectativas dos cidadãos, respeito pelos cidadãos, capacidade de se deixar influenciar pelos argumentos dos cidadãos. Surpreende que nada disso ocorra. Os entrevistados, a revelia da avaliação negativa que fazem da Justiça, mudam sua avaliação quando esta é situada no contexto de uma interação com um juiz. Assim os entrevistados expressam que confiam nos procedimentos jurídicos: têm expectativa de serem tratados com respeito pelo juiz, que lhes daria a oportunidade de contar a versão deles, que respeitaria seus direitos deles, que ouviria todos os lados e daria a mesma importância a todas as versões. Assim sentem que poderiam expressar opiniões e que receberiam tratamento justo. Os temas que provocam mais consenso de resposta referem-se ao direito de serem ouvidos. Quando se passa a temas que se referem a como o juiz irá usar a informação por eles fornecida é que começam a surgir dúvidas: dará o juiz a mesma importância à versão deles? Será o juiz influenciado por seus argumentos? A primeira pergunta é respondida de modo positivo ainda assim 1/3 dos entrevistados não sabe ou acha que não. A Segunda pergunta provoca dúvidas na maioria dos entrevistados, ainda assim 46% acha de que são capazes de influir no resultado dos processos. Há pouca variação nas respostas de entrevistados de acordo com a faixa etária. Todos os grupos etários revelam crer na justiça dos procedimentos jurídicos.

Quadro 30- Percepção da eficácia em relação a Justiça

| Se o (a) sr(a) tivesse uma ação correndo na justiça e fosse chamado pelo juiz para dar a sua versão, como imagina que o juiz reagiria: | | | | | | | | | | | | | |
|--|--|--|--|------------|----|-----------|----|-----------|--|-------|--|-----------|--|
| | | | | IDADE | | | | | | | | | |
| Brasil | | | | Concor- da | | Conco rda | | Concor da | | | | | |
| | | | | % | | % | | % | | | | | |
| O juiz: | | | | TOTAL | | 16-24 | | 25-34 | | 35-49 | | 50 e mais | |
| O trataria com respeito | | | | 88 | 88 | 87 | 88 | 91 | | | | | |
| Daria oportunidade p o(a) sr(a) contar sua versão | | | | 88 | 88 | 89 | 86 | 89 | | | | | |
| Respeitaria os seus direitos como cidadão | | | | 87 | 85 | 89 | 86 | 90 | | | | | |
| Ouviria todos os lados para tomar uma boa decisão | | | | 86 | 84 | 86 | 87 | 86 | | | | | |
| Daria à sua versão a ma imptcia q daria a versão de outros | | | | 70 | 65 | 72 | 70 | 71 | | | | | |
| Seria influenciado por seus argumentos | | | | 46 | 48 | 46 | 42 | 49 | | | | | |

| | | | | | | | |
|--|--|--|--|--|--|--|--|
| | | | | | | | |
|--|--|--|--|--|--|--|--|

Há bastante diferença entre cidades. Há maior consenso em algumas cidades do que em outras. Em Recife, Belo Horizonte, Belém, Manaus e Porto Alegre há quase unanimidade sobre o respeito dos juizes ao seu direito de ser ouvidos e aos seus direitos em geral. Recife e Belém são também cidades onde é feita a melhor avaliação de eficiência da justiça (quadro 28^a) e a sensação de que essa respeito seus direitos pode então estar associada a essa melhor avaliação de eficiência. O menor consenso quanto a esses aspectos ocorreu em Porto Velho, cidade onde há também os maiores percentuais de não sabe (variando de 27% a 17%) em relação a esses itens. Apesar de Belo Horizonte e Belém se destacarem pela crença no respeito a seus direitos por parte dos juizes, é também nessas cidades que a maioria dos entrevistados diz não ter certeza que conseguiria influenciar a decisão do juiz com seus argumentos. Essa incongruência parece demonstrar que há necessidade de se analisar em mais detalhes a relação entre como avaliam os procedimentos usados pelas instituições e a capacidade de provocarem respostas positivas a suas iniciativas e como esses elementos colaboram/afetam a credibilidade das instituições.

Quadro 30a - Percepção da eficácia em relação a Justiça por cidade

Se o (a) sr(a) tivesse uma ação correndo na justiça e fosse chamado pelo juiz para dar a sua versão, como imaginaria que o juiz reagiria

| | POA | SAO | RIO | BH | SAL | REC | BEL | MAN | P.VE | GOI |
|--|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| | conc | conc | Con | conc | conc | conc | conc | Con | conc | conc |
| | orda | orda | cord | orda | orda | orda | orda | cord | orda | orda |
| | a | | | | | | | | | |
| | % | % | % | % | % | % | % | % | % | % |
| O juiz o trataria com respeito | 92 | 86 | 90 | 92 | 86 | 92 | 92 | 94 | 72 | 89 |
| O juiz daria oportunidade para o(a) sr(a) contar sua versão | 87 | 85 | 88 | 93 | 89 | 91 | 94 | 92 | 68 | 93 |
| O juiz respeitaria os seus direitos como cidadão | 92 | 86 | 86 | 92 | 86 | 92 | 89 | 88 | 68 | 90 |
| O juiz ouviria todos os lados para tomar uma boa decisão | 86 | 85 | 86 | 88 | 83 | 91 | 87 | 84 | 62 | 90 |
| O juiz daria à sua versão a mesma importância que daria a outras | 75 | 71 | 69 | 66 | 65 | 74 | 68 | 64 | 61 | 73 |
| O juiz seria influenciado por seus argumentos | 44 | 50 | 44 | 34 | 54 | 49 | 26 | 52 | 41 | 47 |
| Não ouviria todos os lados | 6 | 8 | 9 | 10 | 7 | 6 | 9 | 10 | 12 | 6 |

É possível que seja essa confiança nos procedimentos jurídicos que explique por que, apesar da descrença nas instituições diretamente responsáveis pela segurança pública, não há um cinismo em relação as leis. Quando perguntados sobre o que fazer em relação a leis que não sentem como eficazes (dando proteção ou com as quais não concordam) observa-se que, apesar de não sentirem que as leis os protejam, defendem que as leis devem ser obedecidas mesmo quando não estiverem certas. Os mais jovens são os que mais expressam uma sensação de desproteção em relação as leis, nem por isso defendem a desobediência delas. Também não parece haver disposição em aceitar que o estado viole as leis, por exemplo, aceitando provas obtidas através da tortura.

Quadro 31- Cinismo legal ou não

| | cda total | cda total | cda total | Cda total | cda total |
|---|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| As leis | TOTAL | 16-24 | 25-34 | 35-49 | 50 e mais |
| É difícil o(a) sr(a) sentir que as leis o(a) protegem | 58 | 64 | 58 | 58 | 54 |
| As pessoas devem obedecer as leis mesmo | | | | | |
| Quando elas acham que as leis não estão certas | 51 | 52 | 49 | 52 | 53 |
| Tribunais podem aceitar provas obtidas atrav de tortura | 14 | 15 | 13 | 12 | 16 |

Há diferença entre as cidades. Há mais sensação de desproteção em relação as leis em Goiânia, Porto Alegre, Porto Velho, Manaus, São Paulo, e em Belém. Algumas dessas cidades surpreendem, pois são locais onde há uma avaliação mais positiva das instituições encarregadas de aplicar as leis.

Aparentemente essa melhor avaliação não se traduz em melhor sensação de proteção e de segurança associada as leis. Ao contrário, parece haver um descolamento entre as instituições e o conteúdo de sua missão- aplicar leis cujos conteúdos não dão a sensação de proteção. Não bastaria, então, se garantir a aplicação das leis, seria necessário também que se garantisse que os conteúdos das leis preenchessem as expectativas de segurança dos entrevistados.

Quadro 31 a - Cinismo legal ou não

| As leis | POA | SAO | RIO | BH | SAL V | REC | BEL | MAN | P.VE L | GOI A |
|---|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|
| | <i>cda</i> | <i>cda</i> | <i>cda</i> | <i>cda</i> | <i>cda</i> | <i>cda</i> | <i>cda</i> | <i>cda</i> | <i>cda</i> | <i>cda</i> |
| | <i>total</i> | <i>total</i> | <i>total</i> | <i>total</i> | <i>total</i> | <i>total</i> | <i>total</i> | <i>total</i> | <i>total</i> | <i>total</i> |
| É difícil o(a) sr(a) sentir que as leis o(a) protegem | 68 | 61 | 57 | 49 | 52 | 47 | 60 | 65 | 68 | 69 |
| As pessoas devem obedecer as leis mesmo quando | 66 | 52 | 51 | 49 | 47 | 47 | 47 | 52 | 58 | 50 |
| Elas acham que as leis não estão certas | | | | | | | | | | |
| Tribunais podem aceitar provas obtidas através de tortura | 5 | 11 | 12 | 15 | 14 | 20 | 21 | 41 | 17 | 19 |

Tipo de delegação de poder

Apesar da importância que os entrevistados atribuem ao tema da violência, não parece haver da parte deles disposição para delegarem um poder autocrático ao governo quer para decidir sobre quer para implementar políticas de segurança pública. Ainda assim há alguma ambigüidade. Duas tarefas parecem ser essenciais: o povo deve aprender a cobrar as autoridades e o governo deveria consultar a população. Os entrevistados também se revelam dispostos a cooperar com "todas as medidas" que o governo viesse a determinar com o fim de reduzir a violência. Chama a atenção que apesar da ênfase na consulta e no debate democrático também defendem que o "governo deveria ter todo o poder para impor medidas". Aqui se revela uma profunda ambigüidade. Aceitar que o governo tenha esse poder é aceitar um poder coercitivo. Um poder que impõe políticas pareceria ser a negação da consulta democrática (ouvir a opinião do povo) e do debate sobre alternativas. Apesar de dispostos a aceitar que o governo tenha todo o poder, não concordam que "se dermos bastante poder ao governo ele consegue reduzir a violência" e menos ainda que as decisões por ele tomadas na área da segurança pública são as melhores para o bem comum. Há assim um limite, cujas fronteiras não estão claras, no poder que se deseja delegar ao estado em relação a segurança pública.

Esse limite é provável que esteja associado a avaliação negativa que fazem do desempenho de algumas das mais importantes instituições da segurança: as polícias. Mas as respostas revelam uma abertura para aceitarem medidas autoritárias nessa área. Ou seja, dada a dimensão do problema da violência, o impacto que tem sobre a vida das pessoas: na cidade, no bairro e até mesmo sobre a família e dada a saliência desse problema não se pode descartar que medidas inclusive as de caráter arbitrário sejam aceitas por setores da população. Tem-se aqui uma profunda contradição e uma situação muito volátil: não se confia nas instituições que deveriam aplicar as leis, porém está-se disposto a aceitar medidas duras, impostas e que terão de ser aplicadas por essas mesmas instituições, não confiáveis e que não respondem a eles cidadãos, pois a prioridade maior é a promessa de recuperarem a segurança. Essa predisposição a aceitar essa delegação de poder representa uma vulnerabilidade.

A relação entre a desaprovação que fazem do desempenho de instituições e outras atitudes não poderia ser mais clara do que é no caso das prisões: recebendo a pior avaliação são também o conjunto para o qual menos aceitam que seja justo pagarem impostos para sustentá-las. Não acreditando na eficiência das prisões avaliando-as como a pior instituição da área da segurança pública não estão dispostos a sequer mantê-las.

Quanto as diferenças entre os entrevistados observa-se que há mais disposição para se delegar ao estado um poder autocrático entre entrevistados com mais idade que entre os mais jovens. Talvez como decorrência da exposição prolongada ao regime autoritário.

Quadro 32 - Tipo de "Empowerment"

| A Violência e o Estado | | | | | | | |
|---|--|--|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| Agora, eu vou citar algumas frases, e gostaria que o(a) sr(a) me dissesse, | | | | | | | |
| para cada uma delas, se concorda, discorda, ou se a frase lhe é indiferente: | | | | | | | |
| | | | | IDA DE | | | |
| Brasil | | | Cda total | cda total | cda total | cda total | cda total |
| | | | % | % | % | % | % |
| | | | TOTAL | 16-24 | 25-34 | 35-49 | 50 e mais |
| As pessoas devem aprender a Exigir ações das autoridades | | | 88 | 89 | 87 | 88 | 87 |
| Para reduzir a violência o governo tem Que ouvir o que a população deseja | | | 84 | 87 | 83 | 83 | 82 |
| Eu cooperaria com todas as medidas q O governo determinasse p diminuir a Violência | | | 69 | 68 | 68 | 67 | 75 |
| As autoridades devem ter todo o poder p impor medidas que diminuam a violência | | | 66 | 69 | 63 | 66 | 69 |
| Se nós dermos bastante poder p o governo Ele consegue reduzir a violência | | | 33 | 29 | 30 | 32 | 41 |
| As decisões que o governo toma sobre segurança pública sempre são as melhores Para o bem de todos | | | 16 | 13 | 12 | 18 | 22 |
| É justo que se pague impostos para sustentar os presos | | | 14 | 15 | 14 | 14 | 14 |

Há também diferenças entre cidades: em Manaus, em Salvador e em Goiânia os entrevistados apresentam mais disposição para outorgar um poder autocrático ao estado do que em outras localidades- 78% dos entrevistados em Manaus concordam muito que as autoridades devem ter um poder coercitivo para reduzir a violência e que se o governo tiver bastante poder ele consegue reduzi-la. Em Manaus encontra-se, também, o grupo que mais confia que as decisões que o governo toma são para o bem de todos - o triplo da média. No Rio de Janeiro está o grupo mais céptico em relação ao governo. Os entrevistados no Rio são os que mais discordam que para resolver o problema da segurança pública basta outorgar muito poder ao governo ou que as decisões tomadas nessa área são para o bem de todos.

Os dados demonstram que existem padrões diferenciados de relacionamento com o estado, isso seria esperável visto que a base de muitos das avaliações feitas pelos entrevistados é a própria experiência cotidiana com as instituições encarregadas da segurança pública. A confiança nessas instituições, que define a credibilidade delas, é construída no dia a dia e isso deve variar de cidade para cidade. Aparentemente nas cidades menores essa relação evoca mais confiança. Talvez por que nessas cidades o problema da violência seja menos grave ou percebido como mais administrável.

Quadro 32 a - Tipo de "Empowerment" por cidade

Agora, eu vou citar algumas frases, e gostaria que o(a) sr(a) me dissesse, para cada uma delas, se concorda, discorda, ou se a frase lhe é indiferente:

| | POA | SAO | RIO | BH | SAL | REC | BEL | MAN | P.VE | GOI |
|---|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|
| | <i>cda</i> | <i>cda</i> | <i>Cda</i> | <i>cda</i> | <i>cda</i> | <i>cda</i> | <i>cda</i> | <i>cda</i> | <i>cda</i> | <i>cda</i> |
| | <i>total</i> | <i>total</i> | <i>total</i> | <i>total</i> | <i>total</i> | <i>total</i> | <i>total</i> | <i>total</i> | <i>total</i> | <i>total</i> |
| | % | % | % | % | % | % | % | % | % | % |
| A Violência e o Estado | | | | | | | | | | |
| As pessoas devem aprender a exigir ações das autoridades | 95 | 90 | 83 | 91 | 89 | 68 | 92 | 89 | 88 | 84 |
| Para reduzir a violência o gov.tem que ouvir o que a popul. Deseja | 91 | 87 | 76 | 88 | 90 | 68 | 90 | 87 | 71 | 83 |
| Eu cooperaria com todas as medidas que o governo Determinasse para diminuir a violência | 76 | 69 | 62 | 74 | 85 | 50 | 64 | 86 | 73 | 74 |
| As autoridades devem ter todo o poder para impor medidas que diminuam a violência | 71 | 62 | 61 | 75 | 82 | 52 | 72 | 78 | 70 | 82 |
| Se dermos bastante poder p/ o gov. ele consegue reduzir a viol. | 25 | 32 | 26 | 29 | 40 | 37 | 27 | 79 | 49 | 37 |
| As decisões que o governo toma sobre segurança pública sempre são as melhores para o bem de todos | 15 | 12 | 10 | 16 | 26 | 23 | 18 | 47 | 29 | 35 |
| É justo que se pague impostos para sustentar os presos | 18 | 12 | 11 | 16 | 23 | 14 | 12 | 28 | 20 | 17 |

A Polícia

Quando se fala em governo/estado há um certo grau de abstração, mas quando se fala da polícia e de seu comportamento está-se tratando do cotidiano das pessoas. Temas que anteriormente foram abordados da perspectiva de tomada de decisão sobre políticas públicas, também o foram como práticas- trata-se então da implementação dessas políticas. O que seria aceitável da perspectiva dos entrevistados em termos da atuação da polícia? Qual uso de força se aceita e em quais situações dirigidas a quais grupos?

Há disposição de se aceitar que um policial reviste pessoas consideradas suspeitas em função da aparência física das pessoas (30% concordam muito e 14 % concordam em parte), mas se discorda que os policiais invadam uma casa sem mandado judicial, batam em uma pessoa que o tenha ofendido ou em um preso que tenha tentado fugir, ou ainda que use da tortura para obter informações. Há uma aceitação da pena de morte (55% concordam com a pena de morte) mas se rejeita o linchamento.

Há alguma diferença entre os grupos etários: os mais velhos são os que mais apoiam a pena de morte e os mais jovens parecem menos coesos na rejeição ao arbítrio pela polícia, exceto no que se refere a revista de pessoas suspeitas e ao linchamento. Não surpreende que os mais jovens seja o grupo que mais rejeite que a polícia reviste pessoas consideradas suspeitas só por conta da aparência delas: são os jovens os que mais relatam terem sofrido maus tratos por parte da polícia e até agressões de policiais. Mas surpreende que eles sejam o grupo que menos rejeite a frase "se as autoridades falharem temos o direito de fazer justiça com as próprias mãos", polícia bater em preso que tenha tentado fugir, e até a tortura. Isso sugere no mínimo uma falta de informação sobre os direitos e proteção legal e no limite uma predisposição autoritária.

Quadro 33- O que se aceita que a polícia faça

| Para cada uma das frases que eu citar, gostaria que o(a) sr(a) | | | | | | | | | |
|--|--|--|--|--|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| me dissesse se o(a) sr(a) concorda, discorda, ou se a frase lhe é indiferente: | | | | | | | | | |
| Brasil | | | | | | | | | |
| | | | | | cda total | Cda total | cda total | Cda total | cda total |
| | | | | | % | % | % | % | % |
| | | | | | TOTAL | 16-24 | 25-34 | 35-49 | 50 e mais |
| A polícia tem direito de revistar pessoas que considera suspeitas em função da aparência | | | | | 30 | 27 | 30 | 31 | 32 |
| Nenhum crime justifica usar a pena de morte | | | | | 29 | 33 | 26 | 28 | 15 |
| Se as autoridades falham, nós temos o direito de tomar a justiça em nossas mãos | | | | | 18 | 27 | 17 | 13 | 15 |
| Um policial pode bater em um preso q tenha tentado fugir | | | | | 17 | 25 | 17 | 14 | 12 |
| A polícia pode torturar um suspeito p obter informações | | | | | 5 | 7 | 6 | 4 | 4 |
| Um policial pode bater em uma pessoa q o tenha xingado | | | | | 3 | 5 | 2 | 2 | 3 |
| A polícia tem direito de invadir Qualquer casa, sem mandado judicial se assim decidir | | | | | 2 | 3 | 1 | 1 | 1 |

Há diferenças entre cidades: em Manaus (58%) e em Goiânia (50%) aceita-se, ao contrário das outras cidades, o arbítrio policial da revista de suspeitos, qualificados como tal só pela aparência. Em Porto Alegre surpreende que 40% dos entrevistados concordem muito com essa revista. Manaus e Goiânia se destacam ainda por alguma aceitação da polícia bater em preso que tenha tentado fugir (32% e 295 respectivamente concordam muito). Em Manaus alguns aceitam (23%) até mesmo a tortura. Também há maior aceitação do linchamento (41%) mas não da pena de morte. Em Salvador o linchamento tem o segundo maior percentual de aprovação (34% concorda muito e 15% concorda em parte) atrás só de Manaus. Essa aprovação do linchamento em Salvador é coerente com o padrão de respostas dos entrevistados sobre vários temas tratados no survey e que se aproximam da questão da justiça "com as próprias mãos", e isso por sua vez, é também coerente alta incidência de linchamentos naquela cidade.

Quadro 33 a -O que se aceita que a polícia faça por cidade

Para cada uma das frases que eu citar, gostaria que o(a) sr(a) me dissesse se concorda, discorda ou se a frase lhe é indiferente

| | POA | SAO | RIO | BH | SAL | REC | BEL | MAN | P.VE | GOI |
|--|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
| | <i>cda</i> | <i>cda</i> | <i>cda</i> | <i>cda</i> | <i>Cda</i> | <i>Cda</i> | <i>cda</i> | <i>cda</i> | <i>cda</i> | <i>Cda</i> |
| | total | total | total | total | total | total | total | total | total | total |
| | % | % | % | % | % | % | % | % | % | % |
| A polícia tem direito de revistar pessoas que considera suspeitas em função de aparência | 40 | 31 | 22 | 31 | 23 | 27 | 26 | 58 | 15 | 50 |
| Nenhum crime justifica usar a pena de morte | 30 | 33 | 24 | 30 | 26 | 18 | 26 | 31 | 19 | 35 |
| Um policial pode bater em um preso que tenha tentado fugir | 26 | 14 | 12 | 21 | 23 | 12 | 12 | 32 | 12 | 29 |
| Se as autoridades falham, nós temos o direito de tomar a justiça em nossas mãos | 12 | 16 | 12 | 16 | 34 | 17 | 25 | 41 | 9 | 19 |
| A polícia pode torturar um suspeito para obter informações | 7 | 5 | 3 | 1 | 10 | 4 | 5 | 23 | 4 | 6 |
| Um policial pode bater em uma pessoa que o tenha xingado | 6 | 3 | 3 | 6 | 1 | 3 | 2 | 6 | 2 | 3 |
| A polícia tem direito de invadir Qualquer casa, sem mandado judicial se assim decidir | 2 | 1 | 1 | 1 | 2 | 3 | 1 | 6 | 2 | 4 |

Uma das maneiras de se verificar a estabilidade das respostas é se perguntar a mesma coisa de forma diferente. Quando questionados sobre o que seria justo a polícia fazer a maioria dos entrevistados rejeita o uso da força letal (matar um suspeito armado), atirar em um suspeito ou ainda agredir um suspeito, invadir uma casa e torturar para obter confissão. Os mais jovens parecem mais dispostos a aceitar que a polícia atire em um suspeito armado mas rejeitam as outras alternativas tanto quanto os outros grupos etários.

Quadro 34- O que é justo que a polícia faça

| A Polícia | | | | | | | |
|--|--|--|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| As pessoas têm diferentes idéias sobre o que é justo ou não a polícia fazer. | | | | | | | |
| Para cada uma das atitudes da polícia que eu citar, gostaria que o(a) sr(a) me dissesse se (a) sr(a) | | | | | | | |
| Concorda, discorda, ou se a frase lhe é indiferente: | | | | | | | |
| Brasil | | | | IDADE | | | |
| | | | Cda total | Cda total | cda total | cda total | cda total |
| | | | % | % | % | % | % |
| | | | TOTAL | 16-24 | 25-34 | 35-49 | 50 e mais |
| Atirar em suspeito armado | | | 16 | 24 | 11 | 13 | 14 |
| Torturar para obter confissão | | | 6 | 8 | 6 | 4 | 5 |
| Invadir uma casa | | | 3 | 5 | 3 | 3 | 3 |
| Agredir um suspeito | | | 2 | 3 | 2 | 2 | 1 |
| Atirar em um suspeito | | | 2 | 3 | 2 | 1 | 2 |

Há pouca diferença entre cidades: no Rio de Janeiro ao contrário das outras cidades a maioria concorda (muito e em parte-52%) que a polícia atire em um suspeito armado. O mesmo se passa em Salvador e em Manaus. Nessa última cidade e em Goiânia 1/4 dos entrevistados concorda com a tortura para se obter confissão (25% concorda muito e em parte) o que reforça a idéia que nessas cidades há maior disposição para se aceitar o arbítrio.

Quadro 34 a - O que é justo que a polícia faça por cidade

A Polícia

As pessoas têm diferentes idéias sobre o que é justo ou não a polícia fazer.

Para cada uma das atitudes da polícia que eu citar, gostaria que o(a) sr(a) me dissesse se (a) sr(a) concorda, discorda ou se a frase lhe é indiferente

| | POA | SAO | RIO | BH | SALV | REC | BEL | MAN | P.VEL | GOIA |
|-------------------------------|------------------|------------------|------------------|------------------|------------------|------------------|------------------|------------------|------------------|------------------|
| | <i>cda total</i> | <i>cda total</i> | <i>cda total</i> | <i>cda total</i> | <i>cda total</i> | <i>cda total</i> | <i>cda total</i> | <i>cda total</i> | <i>Cda total</i> | <i>cda total</i> |
| Atirar em suspeito armado | 11 | 12 | 17 | 20 | 27 | 8 | 14 | 27 | 10 | 16 |
| Torturar para obter confissão | 4 | 6 | 3 | 7 | 9 | 6 | 1 | 16 | 7 | 16 |
| Invadir uma casa | 5 | 3 | 3 | 5 | 2 | 2 | - | 7 | 2 | 2 |
| Agredir um suspeito | 1 | 1 | 1 | 1 | 5 | - | 3 | 8 | 2 | 4 |
| Atirar em um suspeito | - | 2 | 2 | - | 3 | 1 | 1 | 9 | 1 | 3 |

Além de se perguntar o que seria justo no comportamento da polícia é importante examinar o que se aceita de comportamento quando a polícia está cumprindo funções de controle social. Vários cenários foram apresentados aos entrevistados, envolvendo públicos diferentes: estudantes, professores, operários, camelôs, rebelião em presídios e remoção de membros do MST de uma área ocupada. Foi apresentada aos entrevistados uma lista de ações que a polícia poderia adotar e solicitado que dissessem qual ação a polícia deveria adotar em relação a cada um dos públicos considerados- que variaram de passeata de estudantes até remoção de membros do MST de áreas por eles ocupadas.

As ações mais violentas- atirar e atirar e matar- não são as mais adotadas e quando o são se referem a duas situações: rebeliões em presídios e remoção de membros de MST. O terceiro grupo que seria vulnerável a ações policiais com uso de força física e com potencial de violência (usar o cassetete) seria o dos camelôs. Os professores, os estudantes, e os movimentos operários, não provocam respostas violentas. Aparentemente por que não são percebidos como ameaçando a ordem, o que se expressa no percentual de entrevistados que acha que a polícia deveria fazer "nada" em relação a eles. Já os camelôs parecem fazer parte de um grupo que incomodaria mais e portanto deveriam ser presos ou até apanhar. Há então uma escalada na intensidade das ações, que deveriam ser adotadas pela polícia, intensidade essa que parece expressar a percepção que os entrevistados têm do risco que esses grupos representariam para a ordem social.

Os mais jovens tendem a escolher mais ação por parte da polícia (é o grupo que menos escolhe "não fazer nada" e que mais escolhe ações mais violentas. É o grupo que mais defende que se bata (use o cassetete) contra todos os grupos inclusive contra estudantes, que mais acha que a polícia deveria atirar contra manifestantes (inclusive estudantes) e que mais acha que a polícia deveria atirar e matar presos em uma rebelião em presídio (10%).

Quadro 35- O que a polícia pode fazer no caso de:

| Brasil | | | | | | | | |
|--|--|--|--|----------------|---------|-------------------|--------|----------------|
| Qual destas atitudes, na sua opinião, a polícia deveria ter: | | | | | | | | |
| 16-24 | | | | não fazer nada | Prender | só usar cassetete | Atirar | atirar e matar |
| Em relação a uma passeata de estudantes | | | | 43 | 48 | 7 | 2 | 0 |
| Quando camelôs resistem a retirada de barracas | | | | 21 | 58 | 15 | 4 | 1 |
| Numa passeata de professores por melhores salários | | | | 57 | 36 | 5 | 1 | 0 |
| Numa greve de operários | | | | 49 | 42 | 5 | 2 | 0 |
| Numa rebelião em um presídio | | | | 4 | 24 | 28 | 31 | 10 |
| Numa ocupação de terras pelo MST | | | | 24 | 47 | 13 | 11 | 2 |
| | | | | | | | | |
| 25-34 | | | | não fazer nada | Prender | só usar cassetete | Atirar | atirar e matar |
| Em relação a uma passeata de estudantes | | | | 53 | 43 | 3 | 1 | 0 |
| Quando camelôs resistem a retirada de barracas | | | | 29 | 59 | 9 | 1 | 0 |
| Numa passeata de professores por melhores salários | | | | 65 | 33 | 1 | 1 | 0 |
| Numa greve de operários | | | | 54 | 39 | 4 | 1 | 0 |
| Numa rebelião em um presídio | | | | 4 | 29 | 29 | 26 | 6 |
| Numa ocupação de terras pelo MST | | | | 27 | 53 | 10 | 6 | 1 |
| | | | | | | | | |
| 35-49 | | | | não fazer nada | Prender | só usar cassetete | Atirar | atirar e matar |
| Em relação a uma passeata de estudantes | | | | 48 | 46 | 3 | 1 | 0 |
| Quando camelôs resistem a retirada de barracas | | | | 28 | 62 | 5 | 1 | 0 |
| Numa passeata de professores por melhores salários | | | | 63 | 33 | 2 | 0 | 0 |
| Numa greve de operários | | | | 54 | 42 | 1 | 1 | 0 |
| Numa rebelião em um presídio | | | | 4 | 32 | 25 | 24 | 6 |
| Numa ocupação de terras pelo MST | | | | 28 | 53 | 7 | 4 | 1 |
| | | | | | | | | |
| 50 e mais | | | | não fazer nada | Prender | só usar cassetete | Atirar | atirar e matar |
| Em relação a uma passeata de estudantes | | | | 46 | 47 | 4 | 1 | 0 |
| Quando camelôs resistem a retirada de barracas | | | | 28 | 60 | 5 | 1 | 0 |
| Numa passeata de professores por melhores salários | | | | 61 | 37 | 1 | 0 | 0 |
| Numa greve de operários | | | | 50 | 43 | 3 | 1 | 0 |
| Numa rebelião em um presídio | | | | 6 | 37 | 20 | 21 | 7 |
| Numa ocupação de terras pelo MST | | | | 25 | 54 | 7 | 5 | 1 |

Quadro 35a - O que a polícia pode fazer no caso de: (por cidade)

Qual destas atitudes, na sua opinião, a polícia deveria ter:

| | não fazer nada | Prender | só usar cassetete | Atirar | atirar e matar | não sabe |
|--|----------------|---------|-------------------|--------|----------------|----------|
| | % | % | % | % | % | |
| Port.Alegre | | | | | | |
| Em relação a uma passeata de estudantes | 46 | 45 | 6 | 1 | 1 | 1 |
| Quando camelôs resistem a retirada de barracas | 20 | 70 | 7 | 1 | 0 | 2 |
| Numa passeata de professores por melhores salários | 66 | 33 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| Numa greve de operários | 60 | 32 | 5 | 1 | 0 | 2 |
| Numa rebelião em um presídio | 0 | 17 | 28 | 40 | 13 | 2 |
| Numa ocupação de terras pelo MST | 27 | 47 | 11 | 9 | 2 | 4 |
| | não fazer nada | prender | so usar Cassetete | atirar | atirar matar | não sabe |
| | % | % | % | % | % | |
| São Paulo | | | | | | |
| Em relação a uma passeata de estudantes | 43 | 49 | 5 | 1 | 0 | 2 |
| Quando camelôs resistem a retirada de barracas | 24 | 61 | 8 | 1 | 0 | 5 |
| Numa passeata de professores por melhores salários | 52 | 43 | 3 | 1 | 0 | 2 |
| Numa greve de operários | 43 | 51 | 4 | 0 | 0 | 3 |
| Numa rebelião em um presídio | 5 | 27 | 27 | 24 | 8 | 9 |
| Numa ocupação de terras pelo MST | 26 | 53 | 9 | 4 | 1 | 7 |
| | não fazer nada | prender | so usar Cassetete | atirar | atirar matar | não sabe |
| | % | % | % | % | % | |
| Rio de Janeiro | | | | | | |
| Em relação a uma passeata de estudantes | 47 | 47 | 3 | 1 | 0 | 2 |
| Quando camelôs resistem a retirada de barracas | 23 | 61 | 10 | 2 | 0 | 3 |
| Numa passeata de professores por melhores salários | 66 | 31 | 2 | 0 | 0 | 1 |
| Numa greve de operários | 58 | 36 | 4 | 1 | 0 | 1 |
| Numa rebelião em um presídio | 4 | 35 | 24 | 22 | 7 | 7 |
| Numa ocupação de terras pelo MST | 27 | 52 | 9 | 7 | 1 | 4 |
| | não fazer nada | prender | so usar Cassetete | atirar | atirar matar | não sabe |
| | % | % | % | % | % | |
| Belo Horizonte | | | | | | |
| Em relação a uma passeata de estudantes | 47 | 49 | 4 | 0 | 0 | 0 |
| Quando camelôs resistem a retirada de barracas | 15 | 70 | 11 | 3 | 0 | 1 |
| Numa passeata de professores por melhores salários | 60 | 39 | 1 | 0 | 0 | 0 |
| Numa greve de operários | 47 | 46 | 4 | 3 | 0 | 0 |
| Numa rebelião em um presídio | 0 | 35 | 26 | 32 | 5 | 2 |
| Numa ocupação de terras pelo MST | 26 | 56 | 9 | 6 | 1 | 2 |
| | não fazer nada | prender | so usar Cassetete | atirar | atirar matar | não sabe |
| | % | % | % | % | % | |
| Salvador | | | | | | |
| Em relação a uma passeata de estudantes | 60 | 34 | 3 | 1 | 0 | 0 |
| Quando camelôs resistem a retirada de barracas | 42 | 45 | 6 | 2 | 0 | 5 |
| Numa passeata de professores por melhores salários | 86 | 11 | 2 | 0 | 0 | 1 |
| Numa greve de operários | 73 | 21 | 1 | 2 | 0 | 3 |
| Numa rebelião em um presídio | 5 | 23 | 31 | 27 | 9 | 5 |
| Numa ocupação de terras pelo MST | 39 | 41 | 11 | 5 | 1 | 3 |

| | não fazer nada | Prender | so usar cassetete | atirar | atirar matar | não sabe |
|--|----------------|---------|-------------------|--------|--------------|----------|
| | % | % | % | % | % | |
| Recife | | | | | | |
| Em relação a uma passeata de estudantes | | 57 | 39 | 3 | 1 | 0 |
| Quando camelôs resistem a retirada de barracas | | 35 | 61 | 2 | 0 | 0 |
| Numa passeata de professores por melhores salários | | 64 | 34 | 1 | 1 | 0 |
| Numa greve de operários | | 48 | 51 | 1 | 0 | 0 |
| Numa rebelião em um presídio | | 7 | 42 | 17 | 29 | 3 |
| Numa ocupação de terras pelo MST | | 18 | 64 | 6 | 11 | 0 |
| | não fazer nada | Prender | so usar cassetete | atirar | atirar matar | não sabe |
| | % | % | % | % | % | |
| Belem | | | | | | |
| Em relação a uma passeata de estudantes | | 43 | 49 | 6 | 2 | 0 |
| Quando camelôs resistem a retirada de barracas | | 26 | 57 | 10 | 5 | 1 |
| Numa passeata de professores por melhores salários | | 63 | 31 | 2 | 2 | 0 |
| Numa greve de operários | | 53 | 38 | 4 | 3 | 0 |
| Numa rebelião em um presídio | | 3 | 36 | 19 | 28 | 7 |
| Numa ocupação de terras pelo MST | | 16 | 59 | 6 | 11 | 4 |
| | não fazer nada | prender | so usar cassetete | atirar | atirar matar | não sabe |
| | % | % | % | % | % | |
| Manaus | | | | | | |
| Em relação a uma passeata de estudantes | | 57 | 36 | 2 | 3 | 1 |
| Quando camelôs resistem a retirada de barracas | | 35 | 45 | 11 | 6 | 1 |
| Numa passeata de professores por melhores salários | | 61 | 32 | 5 | 1 | 0 |
| Numa greve de operários | | 49 | 35 | 8 | 2 | 0 |
| Numa rebelião em um presídio | | 7 | 29 | 23 | 25 | 9 |
| Numa ocupação de terras pelo MST | | 24 | 42 | 16 | 10 | 1 |
| | não fazer nada | prender | so usar cassetete | atirar | atirar matar | não sabe |
| | % | % | % | % | % | |
| Porto Velho | | | | | | |
| Em relação a uma passeata de estudantes | | 69 | 26 | 1 | 0 | 0 |
| Quando camelôs resistem a retirada de barracas | | 26 | 58 | 7 | 0 | 0 |
| Numa passeata de professores por melhores salários | | 83 | 14 | 1 | 0 | 0 |
| Numa greve de operários | | 74 | 23 | 1 | 0 | 0 |
| Numa rebelião em um presídio | | 2 | 30 | 19 | 34 | 2 |
| Numa ocupação de terras pelo MST | | 27 | 45 | 11 | 2 | 2 |
| | não fazer nada | prender | so usar cassetete | atirar | atirar matar | não sabe |
| | % | % | % | % | % | |
| Goiania | | | | | | |
| Em relação a uma passeata de estudantes | | 51 | 44 | 3 | 2 | 0 |
| Quando camelôs resistem a retirada de barracas | | 45 | 51 | 3 | 1 | 0 |
| Numa passeata de professores por melhores salários | | 64 | 32 | 1 | 2 | 0 |
| Numa greve de operários | | 62 | 31 | 4 | 1 | 0 |
| Numa rebelião em um presídio | | 17 | 35 | 21 | 13 | 4 |
| Numa ocupação de terras pelo MST | | 30 | 44 | 9 | 9 | 2 |

Há também diferenças entre cidades. Há maior aprovação de se atirar em presos rebelados em Porto Alegre (40% de atirar e 13% de atirar e matar) seguida de Porto Velho (34% atirar e 2% atirar e matar) e de Belo Horizonte (32% atirar e 5% atirar e matar). Porto Alegre e Belo Horizonte são cidades onde há uma avaliação mais positiva da polícia e a essa avaliação costuma corresponder uma maior crença na polícia. Estudos realizados nos Estados Unidos mostram que essa condição implica em

delegar mais autoridade à polícia e se aceitar mais arbítrio por parte dela (Young, 1994). Quanto ao MST a maior aceitação de uso da violência ocorre em Belém (11% atirar e 4% atirar e matar), Recife (11% atirar) e Manaus (10% atirar e 1% atirar e matar).

Relação entre valores em relação a violência e ao uso da punição física com a delegação de poder às autoridades

Há indícios da existência de uma cultura da violência na sociedade brasileira? Os dados do survey não dão sustentação a essa afirmação. Os dados da pesquisa revelam que apesar de estarem expostos direta e indiretamente a violência, de que essa violência, que ocorre com maior frequência nas imediações de suas casas, também afete parentes, amigos e conhecidos não se está desenvolvendo uma cultura de aceitação ou de tolerância a violência. A exposição a violência não está alimentando tampouco um alheamento do bairro ou um estranhamento entre as pessoas. Não diminui a confiança entre as pessoas ou a aumenta a intolerância com aqueles que são diferentes. E mais entre os jovens a experiência de testemunhar ou de serem vítimas da violência não parece estar afetando seus valores, suas expectativas e aspirações em relação ao futuro.

O contato com a violência não parece então ser um elemento que leve a mais violência como consequência de uma perda de sensibilidade em relação a ela ou de sua banalização. Não aceitam a violência como uma forma de prevenir a violência, para retribuir (punir), para coagir ou para disciplinar. A única forma de violência aceitável pelos entrevistados é aquela de auto-proteção: em defesa da integridade física de membros da família ou de si mesmo e essa aceitação é menos forte do que o detectado nos Estados Unidos quer nos estados do Sul quer nos outros estados considerados, em geral, menos defensores do uso da violência.

De fato todas as comparações entre padrões de respostas a violência de pesquisas estadunidenses com os obtidos no survey apontam para uma menor aceitação da violência entre os entrevistados brasileiros: na forma de disciplinar os filhos, nos comportamentos que esperam dos filhos quando esses são agredidos (não retaliar), nas expectativas que têm em relação ao uso da violência entre adultos em situação de autoridade- por exemplo no que pode fazer um professor que é agredido ou um policial que é ofendido- enquanto as pesquisas estadunidenses revelam uma aceitação da retaliação a agressão com violência os entrevistados rejeitam o uso da violência física nessas situações. Essa menor aceitação da violência abrange até mesmo a vingança pessoal em um caso hipotético que envolva uma filha vítima de um delito grave (estupro). A exposição a violência no âmbito doméstico sob a forma de punição corporal também não parece afetar de modo uniforme os entrevistados e se transformar automaticamente em um ciclo perverso. Entrevistados que foram vítimas de punição corporal, quando crianças, não parecem mais predispostos a usar dessa violência com seus filhos.

O que chama a atenção no conjunto das respostas é a grande resistência dos entrevistados a frustração de suas expectativas de justiça sem que essa frustração redunde em uma maior defesa de comportamentos violentos. Frustrados com a atuação da polícia, da justiça e descrentes do sistema penitenciário, expostos a violência- na vida pessoal, nos relatos de parentes e amigos e na mídia quer como ficção quer como realidade, não demonstram uma maior aceitação da violência. Frustrados com a pouca proteção oferecida pelas leis, não defendem a desobediência a elas. Ao contrário defendem a obediência a elas tanto por parte da população como por parte das autoridades encarregadas de aplicar as leis. Se opõem a violação das leis pelas autoridades: tortura, invasão de domicílio, prisão sem mandado judicial, revistar pessoas só porque têm aparência de suspeito não são comportamentos aprovados pela população entrevistada. O uso da violência pela polícia como forma de controle social não é aceito senão por uma minoria e em relação a um grupo específico (os presidiários)¹². Mesmo entre aqueles, poucos, que aceitam a violência há indícios de que o fazem também como uma resposta extrema frente a uma situação de desamparo e desproteção provocada pelo fracasso do sistema de

¹² Sendo que essa aprovação parece estar expressando a frustração com o controle da criminalidade violenta e mais ainda com o que percebem como sendo impunidade.

justiça criminal- pela impunidade. Já aqueles entrevistados mais jovens que aparentemente menos rejeitam certos comportamentos violentos não há indícios de uma cultura da violência, não idealizam ou valorizam os jovens que adotam a violência como comportamento ou o seu uso como forma de obterem prestígio e respeito.

Os dados sugerem então que se a violência cresce dentro da sociedade brasileira isso não se deve a existência de um tipo específico de cultura ou sub-cultura da violência ou ainda que essa cultura ou sub-cultura seja uma das conseqüências desse crescimento.

Conhecimento e imagem do Programa Nacional de Direitos Humanos e da Secretaria de Estado dos Direitos Humanos

Programa Nacional de Direitos Humanos

A maioria dos entrevistados já ouviu falar do Programa Nacional de Direitos Humanos (58%) .O conhecimento do Programa cresce com a idade do entrevistado sendo que atinge 70% entre as pessoas com 50 anos ou mais.

Quadro 36- Conhecimento do Programa Nacional de Direitos Humanos

O(a) sr(a) já ouviu ou não ouviu falar no Programa Nacional de Direitos Humanos ?

| Brasil | IDADE | | | | |
|--------|-------|-------|-------|-------|-----------|
| | TOTAL | 16-24 | 25-34 | 35-49 | 50 e mais |
| | % | % | % | % | % |
| SIM | 58 | 44 | 53 | 66 | 70 |

O conhecimento do Programa varia de cidade a cidade: em Belém 77% dos entrevistados já ouviram falar do programa enquanto em Belo Horizonte apenas 53% já ouviram falar dele.

Quadro 36 a- Conhecimento do Programa Nacional de Direitos Humanos por cidade

O(a) sr(a) já ouviu ou não ouviu falar no Programa Nacional de Direitos Humanos ?

| TOTAL | POA | SAO | RIO | BH | SALV | REC | BEL | MAN | P.VEL | GOIA | |
|-------|-----|-----|-----|----|------|-----|-----|-----|-------|------|----|
| | % | % | % | % | % | % | % | % | % | % | |
| | SIM | 58 | 61 | 54 | 62 | 53 | 55 | 66 | 77 | 60 | 56 |

Dentre os que já ouviram falar do programa apenas metade deles tem alguma informação sobre ele. Dentre esses predomina a imagem de que o programa defende os direitos da pessoas/dos cidadãos. Apenas 9% o associa à defesa de direitos de bandidos ou criminosos. A informação sobre o Programa é maior junto aos entrevistados com mais idade. É esse também o grupo que mais associa o Programa a defesa dos direitos de bandidos (16%).

Quadro 37- O que conhecem do Programa Nacional de Direitos Humanos

O que o (a) sr (a) já ouviu falar do Programa Nacional de Direitos Humanos?

| Brasil | IDADE | | | | |
|--|-------|-------|-------|-------|-----------|
| | TOTAL | 16-24 | 25-34 | 35-49 | 50 e mais |
| N=934 | % | % | % | % | % |
| Defende os dir. do cidadão/luta pelos direitos | 26 | 26 | 21 | 29 | 25 |
| Defende bandidos/criminosos | 9 | 2 | 4 | 10 | 16 |
| Defende o direito das crianças /adolescentes. | 5 | 1 | 10 | 5 | 4 |
| Defende o direito dos presos | 4 | 4 | 4 | 4 | 6 |
| Defende o direito cidadão | 2 | 1 | 2 | 1 | 0 |
| Defende os direitos sociais cidadão | 2 | 2 | 3 | 2 | 0 |

| | | | | | |
|---------------------------------------|----|----|----|----|----|
| Defende as pessoas menos favorecidas | 2 | 2 | 3 | 3 | 1 |
| Faz a polícia respeitar o cidadão | 1 | 2 | 1 | 0 | 1 |
| Defende os direitos dos trabalhadores | 1 | 0 | 1 | 1 | 0 |
| Não sabe/não opinou | 47 | 56 | 51 | 41 | 43 |

Quadro 37 a- O que conhecem do Programa Nacional de Direitos Humanos por cidade

O que o (a) sr (a) já ouviu falar do Programa Nacional de Direitos Humanos?

| | TOTAL | POA | SAO | RIO | BH | SALV | REC | BEL | MAN | P.VEL | GOIA |
|--|-------|-----|-----|-----|----|------|-----|-----|-----|-------|------|
| | % | % | % | % | % | % | % | % | % | % | % |
| N=934 | | | | | | | | | | | |
| Defende os direitos do cidadão/luta pelos direitos | 26 | 33 | 23 | 25 | 30 | 31 | 32 | 18 | 40 | 14 | 11 |
| Defende bandidos/criminosos | 9 | 18 | 15 | 5 | 4 | 0 | 11 | 3 | 3 | 0 | 0 |
| Defende o direito cidadão/preconceito | 2 | 0 | 1 | 4 | 2 | 4 | 2 | 1 | 3 | 2 | 3 |
| Defende os direitos sociais cidadão | 2 | 0 | 1 | 1 | 2 | 2 | 3 | 4 | 2 | 0 | 3 |
| Defende as pessoas menos favorecidas | 2 | 3 | 2 | 2 | 0 | 2 | 8 | 3 | 0 | 2 | 5 |
| Faz a polícia respeitar o cidadão | 1 | 0 | 1 | 2 | 0 | 0 | 2 | 0 | 0 | 2 | 0 |
| Defende os direitos dos trabalhadores | 1 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 3 | 0 | 0 | 0 |
| Defende o direito das crianças/adolesc. | 5 | 3 | 5 | 7 | 11 | 2 | 6 | 3 | 2 | 2 | 3 |
| Defende o direito dos presos | 4 | 7 | 8 | 3 | 0 | 0 | 2 | 3 | 3 | 0 | 2 |
| Não sabe/não opinou | 47 | 31 | 42 | 46 | 49 | 58 | 38 | 55 | 50 | 70 | 72 |

O conhecimento do Programa não só varia entre os diferentes grupos etários como também por cidade. Ter alguma informação sobre o Programa (entre aqueles que já ouviram falar dele) decresce à medida que se vai do Sul para o Norte, Centro do país. Recife é a única exceção a essa tendência. No Sul a imagem que se tem do Programa é mais ambígua do que no Norte/Nordeste. No Sul ocorre a maior associação entre o Programa e a defesa de direitos de bandidos enquanto no Norte/Nordeste (à exceção de Recife) essa associação praticamente não existe.

Pelas respostas dos entrevistados não se pode dizer que o Programa tenha consolidado uma imagem: a maioria não tem opinião (e também não tem informação) e aqueles que têm acham-no importante mas como não funcionando. Ou seja é um Programa, em tese importante, mas que não se concretizou. As dúvidas quanto a importância do Programa surgem entre os entrevistados mais velhos que são também os que mais o associam a defesa de bandidos.

Quadro 38- O que acham do Programa Nacional de Direitos Humanos

O que o(a) sr(a) acha do Programa Nacional de Direitos Humanos ?

| Brasil | TOTAL | IDADE | | | |
|---|-------|-------|-------|-------|-----------|
| | | 16-24 | 25-34 | 35-49 | 50 e mais |
| N= 934 | % | % | % | % | % |
| E impte saber que tem alg. defende os nossos direitos | 11 | 15 | 12 | 12 | 8 |
| É um projeto bom, mas não funciona | 9 | 9 | 9 | 11 | 7 |
| Só defendem bandidos, deveriam defender as pessoas honestas | 8 | 1 | 5 | 9 | 13 |
| Não existe esse direito humano no Brasil, só no papel | 5 | 4 | 6 | 5 | 7 |
| É importante para as pessoas sem condições/tem direito a defesa | 4 | 5 | 5 | 3 | 3 |
| Vale a pena acreditar | 3 | 5 | 3 | 3 | 3 |
| Não sabe/não opinou | 42 | 47 | 49 | 37 | 39 |

Sim 25 22 19 33 27 35 25 17 1 22 42

Ouvir falar não significa conhecer de fato o que faz ou quais as atribuições. Quando solicitados a relatarem o que conhecem da Secretaria a grande maioria (84%) não sabe dizer "o que ouviu falar". Menor a idade menos sabem reportar o que ouviram falar. Entre aqueles que se lembram de algum tema surge uma imagem positiva: defende os direitos/ampara os cidadãos. Não há associação entre a Secretaria e a defesa do direito de bandidos, um fato que é muito positivo.

Quadro 40- O que conhecem da Secretaria de Estado de Direitos Humanos

O que o sr(a) já ouviu falar da Secretaria nacional de Direitos humanos?

| Brasil N=405 | IDADE | | | | |
|----------------------------------|-------|-------|-------|-------|-----------|
| | TOTAL | 16-24 | 25-34 | 35-49 | 50 e mais |
| Defende o direito/ampara cidadão | 8 | 10 | 3 | 8 | 11 |
| Outras positivas | 3 | 2 | 3 | 3 | 5 |
| Tem conscientizado a sociedade | 2 | 4 | 0 | 1 | 2 |
| Não sabe | 84 | 84 | 90 | 87 | 75 |

Se Goiânia é a cidade onde mais ouviram falar da Secretaria é também um dos locais onde menos sabem relatar o que ouviram falar (95%) juntamente com Salvador (97%) . A cidade onde há mais informação sobre a atuação da Secretaria é Belo Horizonte, seguida de Recife e de Porto Alegre.

Quadro 40 a - O que conhecem da Secretaria de Estado de Direitos Humanos por cidade

O que o sr(a) já ouviu falar da Secretaria nacional de Direitos humanos?

| N=405 | TOTAL | POA | SAO | RIO | BH | SALV | REC | BEL | MAN | P.VEL | GOIA |
|--------------------------------|-------|----------------------------------|-----|-----|----|------|-----|-----|-----|-------|------|
| | | Defende o direito/ampara cidadão | 8 | 14 | 6 | 9 | 22 | 0 | 12 | 0 | 16 |
| Outras positivas | 3 | 5 | 3 | 3 | 7 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Tem conscientizado a sociedade | 2 | 0 | 1 | 2 | 0 | 0 | 4 | 6 | 5 | 5 | 2 |
| Não sabe | 84 | 77 | 84 | 85 | 67 | 97 | 72 | 88 | 79 | 86 | 95 |

A divulgação do Programa Nacional de Direitos Humanos pelos meios de comunicação de massa eletrônicos é uma necessidade. A sua associação à Secretaria de Estado de Direitos Humanos deveria ser estudada e analisada.

O consumo da mídia eletrônica

Há um intenso uso da televisão, como esperado, e isso ocorre em todas as cidades e com todas as faixas etárias. Cerca de 2/3 dos entrevistados assistem até 3 horas de televisão por dia e outros 28% assistem entre 4 e 6 horas por dia. A maioria deles (72%) declara não gostar de assistir programas e filmes que têm cenas de violência, os jovens fogem desse padrão de resposta quase metade deles (43%) diz gostar de cenas de violência.

Há também mais violência na televisão do que no próprio bairro uma das causas da violência e esse padrão se mantém entre as cidades e entre os diferentes grupos etários. A violência que existe na televisão é uma violência real e não de ficção: 42% dos entrevistados acham que o tipo de programa que mais apresenta violência é o noticiário. Essa percepção atravessa os diferentes grupos etários. Há alguma diferença entre cidades: em Porto Velho, Recife, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e em Manaus os entrevistados tendem a julgar que há mais violência nos filmes.

A preocupação com a violência em outros tipos de programas: de auditório e em novelas é minoritária, menos de 10% dos entrevistados percebem esses tipos de programas como sendo violentos e entre esses se destacam os mais jovens e os mais idosos. Dentre os mais jovens há um pequeno grupo preocupado com a violência presente nos programas de auditório e entre os mais idosos há um grupo que percebe que há mais violência nas novelas do que nos outros tipos de programação.

Quadro 41- Hábito de assistir televisão por faixa etária

O(a) sr(a) costuma ou não costuma assistir televisão?

Brasil

| | IDADE | | | | |
|--------|-------|-------|-------|-------|-----------|
| | TOTAL | 16-24 | 25-34 | 35-49 | 50 e mais |
| | % | % | % | % | % |
| N=1600 | | | | | |
| Sim | 93 | 92 | 91 | 94 | 96 |

Quantas horas por dia o(a) sr(a) costuma assistir televisão?

Brasil

| | IDADE | | | | |
|---------------------|-------|-------|-------|-------|-----------|
| | TOTAL | 16-24 | 25-34 | 35-49 | 50 e mais |
| | % | % | % | % | % |
| N=1495 | | | | | |
| Até 3 horas por dia | 61 | 54 | 58 | 65 | 66 |
| 4 a 6 horas | 28 | 32 | 30 | 27 | 26 |
| 7 a 9 horas | 6 | 7 | 8 | 4 | 6 |
| mais de 10 | 4 | 8 | 4 | 4 | 2 |

Quadro 41a- Hábito de assistir televisão por cidade

O(a) sr(a) costuma ou não costuma assistir televisão?

| | POA | SAO | RIO | BH | SALV | REC | BEL | MA | P.V | GOI |
|--------|-----|-----|-----|----|------|-----|-----|----|-----|-----|
| TOTAL | % | % | % | % | % | % | % | % | % | % |
| N=1600 | | | | | | | | | | |
| Sim | 93 | 95 | 95 | 91 | 94 | 91 | 95 | 97 | 88 | 97 |

Quantas horas por dia o(a) sr(a) costuma assistir televisão?

| | POA | SAO | RIO | BH | SALV | REC | BEL | MA | P.V | GOI |
|---------------------|-----|-----|-----|----|------|-----|-----|----|-----|-----|
| TOTAL | % | % | % | % | % | % | % | % | % | % |
| N=1495 | | | | | | | | | | |
| Até 3 horas por dia | 61 | 67 | 63 | 55 | 70 | 54 | 54 | 49 | 70 | 56 |
| 4 a 6 horas | 28 | 23 | 32 | 27 | 15 | 35 | 34 | 32 | 18 | 32 |
| 7 a 9 horas | 6 | 5 | 4 | 10 | 6 | 2 | 11 | 13 | 7 | 8 |
| mais de 10 | 4 | 3 | 2 | 7 | 9 | 9 | 2 | 5 | 5 | 4 |

Quadro 42- Assistir violência na televisão por faixa etária

O(a) sr(a) gosta ou não de assistir programas ou filmes que têm cenas de Violência?

Brasil

| | TOTAL | 16-24 | 25-34 | 35-49 | 50 e mais |
|-----------|-------|-------|-------|-------|-----------|
| N=1495 | % | % | % | % | % |
| Gosta | 27 | 43 | 32 | 22 | 11 |
| Não gosta | 72 | 56 | 66 | 77 | 88 |

Quadro 42a- Assistir violência na televisão por cidade

O(a) sr(a) gosta ou não de assistir programas ou filmes que têm cenas de Violência?

| | POA | SAO | RIO | BH | SALV | REC | BEL | MAN | P.V | GOIA |
|-----------|-----|-----|-----|----|------|-----|-----|-----|-----|------|
| TOTAL | % | % | % | % | % | % | % | % | % | % |
| N=1495 | | | | | | | | | | |
| Gosta | 27 | 27 | 27 | 24 | 28 | 27 | 29 | 25 | 30 | 37 |
| Não gosta | 72 | 69 | 72 | 75 | 71 | 69 | 69 | 73 | 70 | 62 |

Quadro 43- Onde há mais violência por faixa etária

Quando o(a) sr(a) compara a violência que acontece no seu bairro com a violência que o(a) sr(a) vê na TV, onde há mais violência ?

Brasil

| | TOTAL | 16-24 | 25-34 | 35-49 | 50 e mais |
|-----------|-------|-------|-------|-------|-----------|
| N=1495 | % | % | % | % | % |
| Na TV | 81 | 76 | 80 | 81 | 86 |
| No bairro | 13 | 17 | 15 | 12 | 7 |
| Nos dois | 6 | 7 | 5 | 6 | 7 |

Quadro 43a- Onde há mais violência por cidade

Quando o(a) sr(a) compara a violência que acontece no seu bairro com a violência que o(a) sr(a) vê na TV, onde há mais violência?

| | POA | SAO | RIO | BH | SALV | REC | BEL | MAN | P.VE | GOIA | |
|-----------|-----|-----|-----|----|------|-----|-----|-----|------|------|----|
| TOTAL | | | | | | | | | | | |
| L | | | | | | | | | | | |
| N=1495 | % | % | % | % | % | % | % | % | % | % | % |
| Na TV | 81 | 89 | 80 | 79 | 85 | 84 | 77 | 82 | 70 | 70 | 82 |
| No bairro | 13 | 6 | 13 | 14 | 6 | 9 | 14 | 14 | 25 | 14 | 10 |
| Nos dois | 6 | 2 | 6 | 6 | 9 | 8 | 9 | 3 | 5 | 15 | 7 |

Quadro 44- Que tipo de programa apresenta mais violência por faixa etária

Qual programa de televisão o(a) sr(a) acha que tem mais violência?

Brasil

| | IDADE | | | | |
|------------------|-------|-------|-------|-------|-----------|
| | TOTAL | 16-24 | 25-34 | 35-49 | 50 e mais |
| N=1495 | % | % | % | % | % |
| Nos noticiários | 42 | 45 | 42 | 43 | 38 |
| Nos filmes | 38 | 41 | 41 | 33 | 36 |
| Nos programas de | | | | | |
| Auditorio | 8 | 10 | 8 | 9 | 7 |
| Nas novelas | 7 | 1 | 6 | 8 | 11 |

Quadro 44a- Que tipo de programa apresenta mais violência por cidade

Qual programa de televisão o(a) sr(a) acha que tem mais violência?

| | Porto Alegre | São Paulo | Rio de Janeiro | Belo Horizonte | Salvador | Recife | Belém | Manaus | Porto Velho | Goiania | |
|------------------|--------------|-----------|----------------|----------------|----------|--------|-------|--------|-------------|---------|----|
| TOTAL | | | | | | | | | | | |
| L | | | | | | | | | | | |
| N=1495 | % | % | % | % | % | % | % | % | % | % | % |
| Nos noticiários | 42 | 47 | 45 | 35 | 36 | 42 | 42 | 42 | 43 | 31 | 56 |
| Nos filmes | 38 | 38 | 32 | 40 | 40 | 42 | 51 | 39 | 45 | 56 | 32 |
| Nos programas de | | | | | | | | | | | |
| Auditorio | 8 | 6 | 9 | 10 | 11 | 8 | 2 | 6 | 3 | 5 | 7 |
| Nas novelas | 7 | 5 | 7 | 8 | 9 | 8 | 3 | 5 | 1 | 3 | 4 |

ANEXO I

Alguns dados sobre a amostra

Qual é a sua ocupação?

| Brasil | IDADE | | | | |
|--------------------------------|-------|-------|-------|-------|-----------|
| | TOTAL | 16-24 | 25-34 | 35-49 | 50 e mais |
| | % | % | % | % | % |
| Conta-própria/patrão | 23 | 14 | 22 | 30 | 23 |
| Empregado c/ carteira assinada | 21 | 17 | 31 | 29 | 5 |
| Dona-de-casa | 21 | 15 | 24 | 21 | 26 |
| Empregado s/ carteira assinada | 12 | 19 | 11 | 11 | 6 |
| Aposentado | 9 | 0 | 0 | 2 | 35 |
| outros(estudante,inativo) | 7 | 24 | 3 | 0 | 1 |
| Desempregado | 5 | 10 | 5 | 2 | 2 |

Qual é a sua ocupação?

| | TOTAL | Porto | São | Rio de | Belo | Salvador | Recife | Belem | Manaus |
|--------------------------------|-------|--------|-------|---------|-----------|----------|--------|-------|--------|
| | | Alegre | Paulo | Janeiro | Horizonte | | | | |
| | % | % | % | % | % | | | | |
| Conta-própria/patrão | 23 | 22 | 22 | 22 | 25 | 18 | 20 | 19 | 28 |
| Empregado c/ carteira assinada | 21 | 25 | 25 | 24 | 17 | 31 | 23 | 17 | 7 |
| Dona-de-casa | 21 | 22 | 22 | 23 | 22 | 18 | 15 | 22 | 22 |
| Empregado s/ carteira assinada | 12 | 13 | 13 | 14 | 8 | 9 | 11 | 12 | 12 |
| Aposentado | 9 | 7 | 7 | 7 | 11 | 9 | 10 | 11 | 6 |
| outros(estudante,inativo) | 7 | 7 | 7 | 4 | 9 | 4 | 13 | 8 | 17 |
| Desempregado | 5 | 3 | 3 | 6 | 3 | 6 | 5 | 7 | 3 |

Em que estado nasceu?

| | Porto Alegre | São Paulo | Rio de Janeiro | Belo Horizonte | Salvador | Recife | Belem | Manaus | Porto Velho | Goiania |
|-------------------|--------------|-----------|----------------|----------------|----------|--------|-------|--------|-------------|---------|
| São Paulo | | 61 | | | | | | | | 4 |
| Pernambuco | | 8 | 4 | | | 88 | | 13 | | |
| Bahia | | 9 | 3 | | 87 | | | | | 5 |
| Minas Gerais | | 5 | 4 | 95 | | | | | | 14 |
| Goiás | | | | | | | | | | 62 |
| Rondonia | | | | | | | | 43 | | |
| Para | | | | | | | 87 | 6 | | 3 |
| Rio Grande do Sul | 93 | | | | | | | | | |
| Rio de Janeiro | | | 75 | | | | | | | |
| Amazonas | | | | | | | | 72 | 12 | |
| Acre | | | | | | | | 5 | 10 | |
| Maranhao | | 1 | 2 | | | | 5 | 2 | 7 | 5 |
| Mato Grosso | | | | | | | | 6 | | 1 |

Tempo de moradia (para quem não nasceu no município)

| | Porto Alegre | São Paulo | Rio de Janeiro | Belo Horizonte | Salvador | Recife | Belem | Manaus | Porto Velho | Goiania |
|--|--------------|-----------|----------------|----------------|----------|--------|-------|--------|-------------|---------|
|--|--------------|-----------|----------------|----------------|----------|--------|-------|--------|-------------|---------|

| | | | | | | | | | | |
|-------------------|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|
| Há menos de 1 ano | 0 | 1 | 1 | 2 | 2 | 0 | 4 | 4 | 0 | 3 |
| Entre 2 e 5 anos | 4 | 14 | 9 | 22 | 9 | 8 | 0 | 20 | 15 | 15 |
| Entre 6 e 9 anos | 9 | 7 | 5 | 6 | 4 | 5 | 7 | 8 | 10 | 7 |
| Há 10 anos | 17 | 17 | 10 | 8 | 13 | 13 | 21 | 13 | 37 | 22 |
| De 16 a 20 | 29 | 10 | 7 | 10 | 16 | 10 | 18 | 4 | 25 | 10 |
| 21 a 30 | 14 | 24 | 23 | 22 | 20 | 28 | 29 | 30 | 6 | 21 |
| 31 a 40 | 8 | 14 | 17 | 16 | 20 | 21 | 7 | 9 | 3 | 11 |
| 41 a 50 | 15 | 10 | 14 | 4 | 7 | 10 | 11 | 4 | 3 | 7 |
| + de 50 | 3 | 5 | 12 | 8 | 7 | 3 | 4 | 7 | 0 | 4 |

Qual é a sua religião?

| | Porto Alegre | São Paulo | Rio de Janeiro | Belo Horizonte | Salvador | Recife | Belem | Manaus | Porto Velho | Goiania |
|----------------------|--------------|-----------|----------------|----------------|----------|--------|-------|--------|-------------|---------|
| Católica | 71 | 69 | 68 | 67 | 76 | 76 | 74 | 76 | 83 | 74 |
| Evang | 11 | 9 | 10 | 10 | 6 | 10 | 10 | 13 | 7 | 10 |
| Espirita | 4 | 8 | 5 | 4 | 7 | 1 | 3 | 3 | 1 | 0 |
| Religioso/sem seguir | | 1 | 6 | 6 | 4 | 4 | 6 | 2 | 2 | 4 |

E o (a) sr (a) costuma ou não comparecer a algum culto ou evento dessa religião?

| | Porto Alegre | São Paulo | Rio de Janeiro | Belo Horizonte | Salvador | Recife | Belem | Manaus | Porto Velho |
|-----|--------------|-----------|----------------|----------------|----------|--------|-------|--------|-------------|
| Sim | 51 | 45 | 54 | 49 | 59 | 44 | 42 | 50 | 47 |

Bibliografia Utilizada

Afolayan,-J. (1993) Consequences of domestic violence on elementary school education. **Child-and-Family-Behavior-Therapy**; Vol 15(3) 55-58.

Alba, R. D. et al (1994) Living with crime: the implications of racial/ethnic differences in suburban location. **Social Forces** 73(2): 395-434, March.

APTIVA, (1996) Questionario: "Atitudes y normas culturales frente a violencia en ciudades seleccionadas de la region de las Americas."Projecto APTIVA, Organização Pan-Americana de Saúde, Washington, D.C.

Assis, Simone (1991) Quando crescer é um desafio social. Estudo sócio-epidemiológico sobre violência em escolares em Duque de Caxias, Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. Escola Nacional de Saúde Pública, Rio de Janeiro, R.J.

Assis, Simone (1994) Crianças e adolescentes violentados: passado, presente e perspectiva de futuro. **Cadernos de Saúde Pública**, 10(1):126-134.

Astor,-R.(1994). Children's moral reasoning about family and peer violence: The role of provocation and retribution. **Child-Development**; Vol 65(4) 1054-1067, Aug

Barone,-C.; Weissberg,-R.; KasproW,-W.; Voyce,-C.; et-al (1995) Involvement in multiple problem behaviors of young urban adolescents. **Journal-of-Primary-Prevention**; Vol 15(3) 261-283, Spr

Cohen, D. & Nisbett, R. (1994) Self Protection and the Culture of Honor: Explaining Southern Violence. **Personality and Social Psychology Bulletin**. 20(5): 551-567. October.

DATASUS, (1999) Causas de Mortalidade, Brasil, Ministério da Saúde, Governo do Brasil. Internet: www.datasus.gov.br

DuRant,-R.; Cadenhead,-C; Pendergrast,-R; et-al (1994) Factors associated with the use of violence among urban Black adolescents. **American-Journal-of-Public-Health**; Vol 84(4) 612-617, Apr

Emler, N. e Reicher, S. (1995) **Adolescence and Delinquency**. Blackwell Publishers, Oxford.

Everett, S. & Price, J.H. (1995) Student's Perceptions of Violence in the Public Schools: The MetLife survey. *Journal of Adolescent Health*. 17: 345-352. Dec.

Fagan, Jeffrey. 1998. *Adolescent Violence: A View from the Street*. Research in Progress Seminar Series (January). Washington, D.C.: Office of Justice Program, National Institute of Justice.

Felson, R.B. et al (1994) The subculture of Violence and Delinquency: Individual versus School context Effects. *Social Forces*. 73(1): 155-173. Sept.

Fry, D.P. (1992) "Respect for the rights of others is Peace": Learning Aggression versus nonaggression among Zapotecs. *American Anthropologist*. 94: 621-639.

Garbarino,-J.; Kostelny,-K.; Dubrow,-N. (1991) What children can tell us about living in danger. 98th Annual Convention of the American Psychological Association Distinguished Professional Contributions Award Address (1990, Boston, Massachusetts). **American-Psychologist**; Vol 46(4) 376-383, Apr.

Garbarino,-James (1993) Children's response to community violence: What do we know? Irving Harris Symposium on Prevention and Intervention: The effects of violence on infants and young children: International perspectives on prevention (1992, Chicago, Illinois). **Infant-Mental-Health-Journal**; Vol 14(2) 103-115, Sum.

Garbarino,-James (1995) The American war zone: What children can tell us about living with violence. **Journal-of-Developmental-and-Behavioral-Pediatrics**; Vol 16(6) 431-435, Dec.

Gelles,-R. (1992) Poverty and violence toward children. Special Issue: The impact of poverty on children. **American-Behavioral-Scientist**; Vol 35(3) 258-274, Jan-Feb.

Gladstein,-J.; Rusonis,-E.; Heald,-F. (1992) A comparison of inner-city and upper-middle class youths' exposure to violence. **Journal-of-Adolescent-Health**; Vol 13(4) 275-280. Jun.

Hammond, W.R.; Yung, B. (1993) Psychology's role in the public health response to assaultive violence among young African-American men. **American Psychologist**. 48(2): 142-154.

Hartless,-J.; Ditton,-J.; Nair,-G.; Phillips,-S. (1995) More sinned against than sinning: A study of young teenagers' experience of crime. **British-Journal-of-Criminology**; Vol 35(1) 114-133, Win.

Hemenway,-D.; Solnick,-S.; Carter,-J. (1994) Child-rearing violence. **Child-Abuse-and-Neglect**; Vol 18(12) 1011-1020, Dec.

Henning,-K.; Leitenberg,-H.; Coffey,-P. et al. (1996) Long-Term Psychological and Social Impact of Witnessing Physical Conflict between Parents. **Journal-of-Interpersonal-Violence**; 11(1): 35-51, March.

Hinton-Nelson, M. D. et al (1996) Early adolescents exposed to violence: hope and vulnerability to victimization. **American-Journal-of-Orthopsychiatry** 66(3): 346-353. July.

Howard,-Donna-E. (1996) Searching for Resilience among African-American Youth Exposed to Community Violence: Theoretical Issues. **Journal-of-Adolescent-Health**; 18(4), 254-262, Apr

Jaffe,-P.; Wolfe,-D.; Wilson,-S.; Zak,-L. (1986) Similarities in behavioral and social maladjustment among child victims and witnesses to family violence. **American-Journal-of-Orthopsychiatry**; Vol 56(1) 142-146, Jan.

Jenkins,-P (1995) School delinquency and school commitment. **Sociology-of-Education**; Vol 68(3) 221-239, Jul.

Jessor, R. (1993) Successful adolescent development in high-risk settings. **American Psychologist**. 48(2): 117-126.

Kpsowa, A.J. et al (1995) Reassessing the structural co-variates of violent and property crimes in the U.S.A.: a country level analysis. **British Journal of Sociology**, 46(1):79-103, March.

Kratcoski,-Peter-C. (1985) Youth violence directed toward significant others. **Journal-of-Adolescence**; Vol 8(2) 145-157, Jun.

Kupersmidt,-J.; Griesler,-P.; DeRosier,-M.; Patterson,-C.; et-al Childhood aggression and peer relations in the context of family and neighborhood factors. **Child-Development**; Vol 66(2) 360-375, Apr.

le-Blanc,-Marc; Vallieres,-Evelyne; McDuff,-P. (1992) Adolescents' school experience and self-reported offending: An empirical elaboration of an interactional and developmental school social control theory. **International-Journal-of-Adolescence-and-Youth**; Vol 3(3-4) 197-247.

Liska, A.; Bellair, P. E. (1995) Violent crime rates and racial composition: convergence over time. **American Journal of Sociology** 101(3): 578-610, Nov.

Martinez,-Pedro; Richters,-John-E. (1993) The NIMH Community Violence Project: II. Children's distress symptoms associated with violence exposure. Special Issue: Children and violence. **Psychiatry-Interpersonal-and-Biological-Processes**; Vol 56(1) 22-35, Feb.

Martinez,-Ramiro,-Jr. (1996) Latinos and Lethal Violence: The Impact of Poverty and Inequality **Social-Problems**; 43(2) 131-146, May.

Mathias,-J.; Mertin,-P.; Murray,-A. (1995) The psychological functioning of children from backgrounds of domestic violence. **Australian-Psychologist**; Vol 30(1) 47-56, Mar.

Meek,-Harriet-W.; Ware,-Philip (1996) Maintaining Empathy in a Threatening Environment. **Psychodynamic-Counselling**; 2 (1) 67-90, Feb.

Mithe, Terance (1995) Fear and withdrawal from urban life. **ANNALS, AAPSS**, 539: 14-27, May.

Novy, D. and S. Donohue. 1985. "The Relationship Between Adolescent Life Stress Events and Delinquent Conduct Including Conduct Indicating a Need for Supervision." *Adolescence* 20(78) (summer): 313-321.

O'Donnell,-J.; Hawkins,-J.-.; Catalano,-R.; Abbott,-R..; et-al (1995) Preventing school failure, drug use, and delinquency among low-income children: Long-term intervention in elementary schools. **American-Journal-of-Orthopsychiatry**; Vol 65(1) 87-100, Jan.

O'Keefe,-Maura (1996) The Differential Effects of Family Violence on Adolescent Adjustment. **Child-and-Adolescent-Social-Work-Journal**; 13(1) 51-68, Feb.

Osofsky,-Joy-D. (1995) The effect of exposure to violence on young children. **American-Psychologist**; Vol 50(9) 782-788, Sep.

Richters,-J.; Martinez,-P. (1993) Violent communities, family choices, and children's chances: An algorithm for improving the odds. Special Issue: Milestones in the development of resilience. **Development-and-Psychopathology**; Vol 5(4) 609-627, Fall.

Richters,-John-E.; Martinez,-Pedro (1993)The NIMH Community Violence Project: I. Children as victims of and witnesses to violence. Special Issue: Children and violence. **Psychiatry-Interpersonal-and-Biological-Processes**; Vol 56(1) 7-21, Feb.

Sampson,-R.; Laub,-J. (1994) Urban poverty and the family context of delinquency: A new look at structure and process in a classic study. Special Issue: Children and poverty. **Child-Development**; Vol 65(2) 523-540, Apr.

Simon, J. (1996) Governing cities through crime. MOST/UNESCO- Management of Social Transformations, October 1996 Colloquium, Geneva

Singer, M. et al (1995) Adolescents'exposure to violence and associated symptoms of psychological trauma. **JAMA. Journal of the American Medical Association**. 273(6): 477-482. Feb.

Taylor, R. (1991) Poverty and Adolescence. In P. B. Edelman and J. Ledner Adolescence and Poverty : Challenge for the 1990's. Center for National Policy Press.

Taylor, Ralph (1995) The impact of crime on communities. **ANNALS, AAPSS**, 539: 28-45, May,

The World Bank (1997) Crime and Violence as Development Issues in Latin America and the Caribbean, Seminar The Challenge of Urban Criminal Violence, Rio de Janeiro, OPAS, BID, the World Bank, UNESCO, HABITAT, Rio de Janeiro, 2 a 4 de março de 1997.

Tyler, R.T. & Degoey, P. (1995) Collective Restraint in Social Dilemmas: Procedural Justice and Social Identification Effects on support for authorities. *Journal of Personality and Social Psychology*. 69(3): 482-497.

Vermelho, L. e Mello Jorge, Maria H. P (1996). Mortalidade de jovens: análise do período de 1930 a 1991 (a transição epidemiológica para a violência). **Revista Saúde Pública**, 30(4): 319-331.

Wall,-J.; Holden,-E. (1994) Aggressive, assertive, and submissive behaviors in disadvantaged, inner-city preschool children. Special Issue: Impact of poverty on children, youth, and families. **Journal-of-Clinical-Child-Psychology**; Vol 23(4) 382-390, Dec.

Warner, B.S. e Weist, M. D. (1996) Urban Youth as witness to violence: Beginning assessment and treatment efforts. *Journal of Youth and Adolescence*. 25(3): 361-377.

Werthamer-Larsson,-L.; Kellam,-S.; Wheeler,-L. (1991) Effect of first-grade classroom environment on shy behavior, aggressive behavior, and concentration problems. Special Issue: Preventive Intervention Research Centers. **American-Journal-of-Community-Psychology**; Vol 19(4) 585-602, Aug.

Wilson, M. e Daly, M. (1988) **Homicide**- McMaster University Ontario.

Zaluar, A. (1990) Teleguiados e chefes: juventude e crime. **Religião e Sociedade**, 15:54-67.